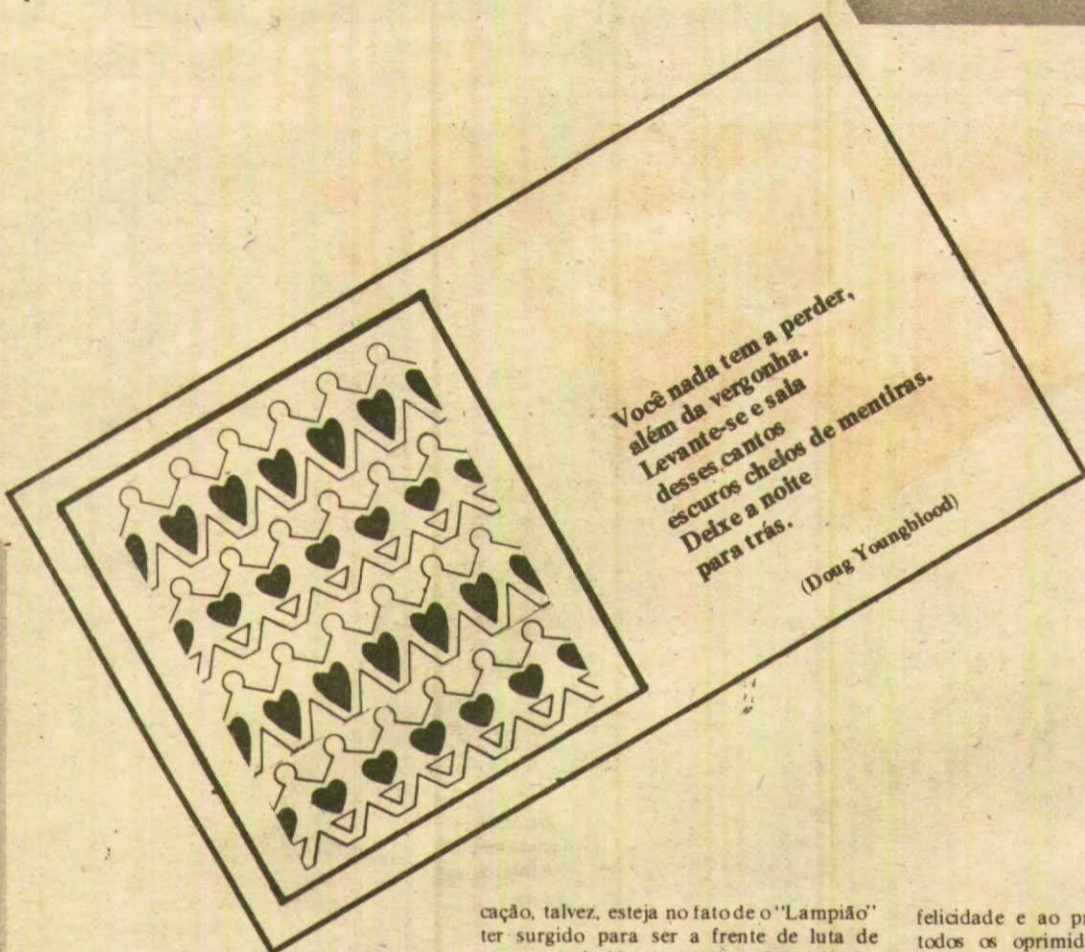
Rio de Janeiro, dezembro, 1979 — Cr$ 25,00

Leitura para maiores de 18 anos

LIBERTÁRIOS

As mais explosivas entrevistas já feitas no Brasil sobre Política Sexual

1. fernando gabeira
2. Abdias Nascimento
3. ney matogrosso
4. lecy brandão
5. anselmo vasconcelos
6. Antonio CALMON
7. DARLENE GLORIA
8. Clodovil

NOSSA FORMA É A PRÓPRIA IMAGEM DA NOSSA ALMA-LÍMPIDA E PURA

Quando se decidiu fazer esta edição especial do "Lampião", com as melhores entrevistas publicadas pelo jornal em seus quase dois anos de vida, não nos passou pela cabeça fazer um balanço ou uma avaliação do pensamento libertário no Brasil. Embora a modéstia não seja propriamente o nosso forte, víamo-nos como uns nanicos mal desmamados, ainda sem a casca grossa e conseqüentemente sem o direito de estar entre as primeiras daquelas publicações que se batem pelo direito de liberdade de expressão desde que surgiu no Brasil o fenômeno da imprensa alternativa. Depois, revendo a seleção feita, não tivemos outra alternativa, senão deixar cair o último véu do nosso acanhamento (que, aliás, mantinha-se preso às faces a custa de muito esforço) para declarar sem receio que o conjunto contém algumas das entrevistas mais corajosas e inteligentes já publicadas no Brasil nos últimos tempos.

Além disso, o que fica bem claro ao lê-las, é que há uma coerência de pensamento perpassando todas elas, da mesma forma que uma solidariedade entre entrevistadores e entrevistados, coisas que não são muito comuns em peças jornalísticas. A explicação, talvez, esteja no fato de o "Lampião" ter surgido para ser a frente de luta de grupos oprimidos ou rechaçados pelo sistema, de forma que ninguém que pertence a ele está a fim de uma carreira ou das glórias efêmeras do jornalismo, mas sim de trabalhar pela sobrevivência e a afirmação de sua vida e do modo como vê o mundo. De certa forma, somos as provas vivas das nossas convicções. Os nossos entrevistados, por sua vez, também se expõem ou se expuseram como nós nas suas batalhas específicas. O nosso encontro tem mais a ver com a solidariedade entre seres que o sistema e a sociedade hipócrita dele resultante colocaram sob suspeita. Daí a alta voltagem de calor humano a percorrer estas entrevistas.

Outra coisa que fica bastante clara nesta edição é que o "Lampião" não procura seus assuntos por sua evidência ou porque "vendam jornal". A raiz da escolha é a sua capacidade de aprofundar e esclarecer questões que consideramos fundamentais na nossa carta de princípios que, ainda que não escrita, como a constituição da Inglaterra, norteia todas as tomadas de posição dos lampiônicos. Como nunca deixamos cair a peteca desses princípios — nem mesmo quando fomos constrangidos por um inquérito mandado instaurar pelo sinistro dr. Armando Falcão —, e embora nossos leitores saibam bem quais são, vale a pena lembrá-los aqui para os distraídos: liberdade incondicional de pensamento, direito à felicidade e ao prazer, solidariedade com todos os oprimidos e discriminados pela sociedade autoritária (nosso lema são os versos de Drummond: "São todos meus irmãos/ não são jornais, nem deslizar de barco entre camélias,/ é toda minha vida que joguei") e a conquista definitiva de espaço próprio para cada minoria, sem que com isso tenhamos de ceder um milímetro nas nossas posições.

Não vai ser fácil, claro, são muitas as pedras no meio do caminho (hoje, Drummond desceu, definitivamente, na redação do "Lampião". Tu tá bom, nego? A fim den ser entrevistado pela turma?). Mas já demolimos alguns tabus que, até pouco tempo, eram intocáveis. Quem, antes de nós, falava no Brasil do direito ao prazer (em qualquer posição) e do uso livre do corpo? Nunca um oprimido, fosse travesti ou prostituta. Só o bom burguês, do alto de seu colchão recheado de festa.

A nós, pobres, homossexuais, prostitutas e negros restou sempre a viela escura, e assim mesmo sob a constante ameaça de ver surgir no fim dela o fatídico camburão da polícia. Hoje, não são poucos os membros dessas comunidades oprimidas que vêm à nossa redação não só para abrir o verbo sobre seus problemas, como para proclamar seu orgulho, ainda que canhestro, por se sentir sujeito vivo, parte integrante de uma causa que sabem estar estreitamente ligada à dinidade humana.

Não é à toa, portanto, que tenhamos produzido, ao fim de um ano e meio de trabalho, esta coleção de entrevistas onde temas tão quentes são colocados em pauta. Os entrevistados compreenderam muito bem a nossa intenção de ouvi-los. Alguns deles, como alguns de nós, passaram a vida inteira encostados contra a parede, acuados por serem negros, homossexuais ou mulheres. A conversa com os lampiônicos serviu muitas vezes para uma catarse geral. Com a maioria deles aprendemos muito em termos de coragem e grandeza moral. A entrevista se transformou muitas vezes em confraternização. Foi sempre uma abertura geral e irrestira. Em certas ocasiões a euforia do encontro fez um ou outro entrevistado ou entrevistador mais enrustido exclamar incontido: "Gente, eu quero meus balangandãs de volta!"

Mas não se assustem, gente boa que está dcscobrindo o "Lampião" agora: tais despautérios não enrubescerão ninguém, porque nossa forma é a própria imagem da nossa alma — límpida e pura. E, sempre seguindo as regras mais estritas do jornalismo verdadeiro, deixamos que o entrevistador fale todo o tempo, nos restringindo apenas às perguntas. Para nós, o vedetismo de entrevistador é ummal da imprensa decadente. E agora chega. Passem, por favor, à leitura do que interessa. E se divirtam; ou se emocionem. (Francisco Bittencourt).

LAMPIÃO

EXTRA/LAMPIÃO é uma publicação não periódica da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.. CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio de Janeiro, RJ. Correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20000, Rio de Janeiro — RJ.

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Arte — Paulo Sérgio Brito (diagramação), Mem de Sá e Dimitri Ribeiro.

Arte Final — Edmilson Vieira da Costa

Publicidade — Ward Omanguin Farias.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S/A — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67). São Paulo: Paulino Carcanhetti.

Ney Matogrosso sem bandeira:

Fotos de Lewi Moraes

— Liberação? Cada um cuide da sua

A entrevista foi numa casa bucólica da Rua Itaipava, no Jardim Botânico. E transcorreu num entardecer deste último — e ameno — verão carioca, enquanto um rapaz enorme, moreno e de fartos bigodes, que regava as plantas do jardim, endereçava, a intervalos, sofridos suspiros às pessoas reunidas em torno do gravador. A casa era a sede da WEA, a gravadora do entrevistado. Além deste, lá estavam Antônio Chrysóstomo, José Fernando Bastos, Mário Vale, Alceste Pinheiro e Aguinaldo Silva, os entrevistadores. Todos, a certa altura, retemperados pela interrupção provocada por Zezé Mota, que chegou, cercada daquela aura de bondade que a protege, deu um beijo em cada um e se foi, como uma feiticeira-madrinha que abençoasse a ocasião.

Em meio a tanto clima, nem é preciso insistir: a entrevista foi mágica, como os leitores verão: abrangeu temas que vão da popular e fálica banana à anistia ampla, geral e irrestrita, bem ao gosto do espírito anárquico de LAMPIÃO. No fim, uma conclusão geral: o importante em nossa luta comum — do jornal e de pessoas como o entrevistado —, é que se deixe bem claro que cada pessoa deve fazer sua própria cabeça, de acordo com o caminho que ela mesma escolheu; qualquer outra coisa seria pura violência.

Chrysóstomo- Há uma entrevista que você deu a *Isto É* na qual tem uma resposta que soou bem polêmica, meio estranha; você dizia a certa altura, respondendo à pessoa que o entrevistou, que achava mais importante perguntar a um artista o que ele é como artista, o que ele faz como artista, ao invés de perguntar se ele é homossexual. Porque o artista, segundo esta sua resposta veiculada pelo *Isto É*, seria mais importante, viria em primeiro lugar que o fato de ele ser homossexual.

Ney — não me lembro da resposta porque foi um papo enorme, inclusive muito cortado. Eu me lembro disso; a resposta estava meio confusa, mas em síntese o que eu penso é isso mesmo: acho que interessa ao público a pessoa pública, e não a pessoa particular. O que eu faço na cama só interessa a mim, não tem nada a ver com outras pessoas. O fato de eu ser ou não homossexual é uma coisa que só interessa na medida em que estimula a fantasia das pessoas. Eu acho que é um prob'ema meu.

Chrysóstomo — Mas não acha que em certo tipo de artista, principalmente nos que têm um comportamento cênico como o que você tem, as duas coisas têm o mesmo peso?

Ney — Não. Porque quando estou no palco tenho a minha colocação cênica, que é um pouco ousada, reconheço; mas antes de mais nada sou :antor, estou ali para cantar, e o que eu quero é cantar cada vez melhor.

Chrysóstomo — Você reconhece que, de certa forma, recuperou a frescura...

Ney — Entre aspas.

Chrysóstomo — Claro, a frescura no bom sentido - afinal de contas, trata-se de uma entrevista para o LAMPIÃO; você reconhece que deu uma certa estética à frescura?

Ney — Olha, quando eu estou no palco não tenho preocupações com frescura ou não-frescura, nenhum problema com masculino ou feminino. Procuro é fazer uma coisa harmônica. Pra mim, desde que seja harmônico, desde que pareça bonito, é o que me interessa. A partir disso, eu acho que essa "frescura" está sendo admitida, mas a intenção não é a frescura; é a harmonia mesmo.

Aguinaldo — Como é que você chegou a este "comportamento cênico"?

Ney — Eu não sei. Foi uma coisa que veio se desenvolvendo normalmente. Começou com os Secos & Molhados agressivamente. Porque minha colocação com os Secos & Molhados era a seguinte: todos eram instrumentistas, menos eu, que só cantava. E eu não queria ser "crooner," só chegar e ficar cantando, porque isso não me interessava. E eu vinha de teatro, já tinha assim uma noção de palco e de teatro, que era muito maior do que chegar e ser "crooner", sabe? Eu queria usar o palco com todas as possibilidades que ele permite, que ele oferece; estava preocupado com a magia do palco. Assim, com Secos & Molhados comecei a usar isso agressivamente, porque sabia que era uma coisa que ia de encontro a certos padrões e que, se eu não fizesse agressivamente, não sobreviveria, ia levar pedrada logo de cara. Mas hoje em dia eu não faço mais isso agressivamente, hoje em dia já tenho certeza que o meu trabalho, além de qualquer outra coisa, é aceito.

Alceste — Mas você não acha que seu trabalho foi absorvido muito rapidamente? Quer dizer, essa absorção veio desde o começo, desde o tempo dos Secos & Molhados, a ponto de — o que acho muito positivo — a sua imagem entrar nos chamados lares, através da televisão, e todo mundo achar muito natural a sua postura cênica.

Ney — **Não,eu acho que no começo as pessoas ficavam um pouco chocadas. Depois elas passaram a achar natural.**

Alceste — Eu penso que é porque você dava um padrão de fantasia à coisa. Você vê, o fato de Caetano Veloso rebolar no Teatro Municipal causou muito mais espanto...

Ney — **Ou o fato dele usar batom. Porque eu já conversei com Caetano sobre isso uma vez; ele me disse que usava batom para agredir, e eu uso batom porque acho bonita uma boca pintada. Quer dizer, são duas formas de usar batom.**

Alceste — Pois é: é um negócio mesmo ao nível de fantasia. Quando Caetano usou batom ele queria agredir ao nível da realidade; já a sua agressão é ao nível da fantasia.

Ney — **É isso aí. Porque eu tenho uma noção de palco muito forte. Então se uso batom e pinto o olho é porque sei que no palco, sob determinada luz, um olho e uma boca pintados fazem o efeito que eu procuro.**

Alceste — Pois então: esta sua agressão ao nível da fantasia é muito mais fácil de ser absorvida pelo público que a agressão ao nível da realidade de Caetano.

Chrysóstomo — E como é que você acha que esta sua fantasia, já que ela foi absorvida, atua sobre as pessoas?

Ney — **Engraçado: eu percebo que para esse público que vai me ver agora — não sei se é por causa da época de férias, quando tem muita gente de fora, muito turista no Rio — percebo que esse público ainda fica um pouco chocado comigo. Eu acho estranho, porque mesmo no interior as pessoas já não se chocam mais.**

Chrysóstomo — Mas no princípio, houve uma época em que você chegou a receber agressões.

Ney — **Sim, claro, mas aí respondi à agressão da maneira que recebi.**

José Fernando — Existe uma tendência muito grande para rotular os artistas. Por exemplo: Sidney Magal é um cantor cafona; Roberto Carlos é um cantor que agrada a outra geração; esse grupo da discoteca agrada a um público de 15 a 18 anos. Quanto a Ney Matogrosso, nas filas para o Teatro Alaska há desde garotinhos a casais de 60 anos...

Ney — **Pois é: o público é muito, muito, heterogêneo; é difícil de entender.**

Chrysóstomo — E como é que você sente o espanto desse público? Quer dizer, quais são os momentos-chave dele?

Ney — **Olha, no "*show*" tem uma hora que eu pego uma banana; é um momento de humor. Eu descasco a banana com muito clima, todo mundo fica pensando o que é que eu vou fazer com a banana, e de repente eu meto a banana na boca, tiro um pedaço dela e começo a mastigar, sabe? Porque tudo aquilo é pra descascar a banana e comê-la. E as pessoas ficam muito chocadas, porque não sabem o que eu vou fazer com aquela banana. Eu sinto que as pessoas ficam muito tensas até eu mastigar a banana. Quando mastigo, elas começam a rir.**

Chrysóstomo — E qual é o uso que você dá a essa banana? Por que essa banana aparece em cena?

Ney — **Porque o "*show*" tem muito que ver com banana, tem muitas bananeiras, eu abro o "*show*" cantando "*Yes, nós temos bananas*", depois, no "*Vendedor de bananas*", eu desço para platéia com um cesto de bananas, tudo muito tropical mesmo, muito ligado a essa coisa da gente, tá?**

(Considerações gerais sobre a banana; todos falam ao mesmo tempo, cada um como se tivesse nas mãos uma delas, e enorme. No final, ouve-se principalmente um adjetivo: "fálico"; alguns rabinhos de frase, a seguir, deixam bem claro que todos estão de acordo sobre as virtudes da fruta.)

José Fernando — ...As pessoas ficam pensando em coisas passadas.

Aguinaldo — ...Numa situação fálica.

Ney — **Pois é. Elas ficam pensando que eu vou fazer "qualquer coisa" de terrível com aquela banana. Na hora em que eu meto a banana na boca, tiro um pedaço e começo a mastigar, aí elas se descontraem e começam a rir; vêem que não é nada do que elas pensaram.**

Chrysóstomo — É: esse negócio de banana é ótimo. Eu vou propor na reunião do Conselho Editorial de LAMPIÃO que a gente crie o troféu banana.

Aguinaldo — Eu voto a favor.

Ney — **Não existe nada mais representativo, nosso, do que uma banana, e ao mesmo tempo ela é uma coisa muito dúbia, muito fálica, como o batom é um símbolo fálico.**

Aguinaldo — Agora esse espanto das pessoas de 60 anos eu acho que não é tão espanto assim não...

Ney — **Olha, o espanto não é das pessoas de 60 anos, nem dos adolescentes: é da geração intermediária.**

Aguinaldo — Ih, a geração que acabou de fazer quarenta anos? Essa é terrível. Mas eu acho que as pessoas de 60 anos não ficam tão espantadas assim porque eu me lembro que no outro **show**, no Teatro Carlos Gomes, havia um número em que você descia até a platéia cantando um samba. No dia em que eu vi, você sentou no colo de um senhor de uns 60 anos; você estava muito suado, e então ele tirou o lenço do bolso e começou a enxugá-lo. Eu achei aquilo maravilhoso, porque foi uma coisa tão carinhosa, tão paternal...

Ney — **É. Não era uma coisa homossexual; era uma coisa de carinho mesmo, de proteção, porque ele viu que eu estava me acabando de suar.**

Alceste — Eu acho muito importante isso que você colocou: dizer que quem se choca com você é o pessoal dessa geração intermediária. Porque o pessoal que veio antes deles tinha toda uma experiência nesse nível: era Carmem Miranda, o teatro de revista...

Ney — **Pois é. Essa geração intermediária é que perdeu o contato com esse tipo de coisas. E a geração mais nova não tem grilos, não fica chocada facilmente.**

Chrysóstomo — Você uma vez me disse que se expunha, mas sabendo que um dia poderia haver até um problema, uma amolação. Você poderia enfrentar uma platéia machista no pior sentido da palavra...

Alceste — Uma platéia argentina...

Ney — **E continuo correndo o risco. Por exemplo: um dia desses, pela primeira vez, uma pessoa se levantou da platéia indignada, e eu vi que ela estava indignada. Era um casal, e o homem levantou, abandonou a mulher lá na platéia e foi embora, puto da vida. Quer dizer, essa pessoa poderia ter tomado outra atitude em vez dessa, não é? É um risco que estou correndo o tempo todo. E foi exatamente depois desta cena da banana. Quer dizer: ele não percebeu o humor da coisa, sabe?**

Alceste — Ele ficou indignado porque você **só** comeu a banana; ele queria mais.

Ney — **Eu acho é que, para ele, aquilo tinha outro sentido. Inclusive, o fato de eu ter colocado a banana na boca deve ter ofendido muito os princípios dele, porque ele não levou pelo lado engraçado, mas sim, pelo lado sério, que não era a minha intenção.**

Chysóstomo — Você acha que todos nós que estamos engajados nesse movimento de liberação das pessoas, de liberação inclusive das preferências sexuais — e é bom frisar bem o **inclusive** —, você acha que todos nós estaríamos correndo um risco?

Ney — **Correr um risco eu acho que todos correm. A partir do momento em que você opta por um estilo de vida, você tem que arcar com esse estilo de vida sempre. E o risco existe porque**

(*Continua à página 6*)

ENTREVISTA

- Uma alma livre: é isso o que eles vêem

você não vai satisfazer a todos. Quer dizer, você não tem que dar satisfações a ninguém, mas pessoas cobram uma satisfação no sentido de que você tem que corresponder ao que elas querem, ao que a sociedade teoricamente exige das pessoas, teoricamente porque ela não corresponde, ela exige mas não dá o exemplo — quer dizer, ela dó o exemplo, mas hipocritamente, às vezes ela nega tudo o que ela prega. Bom, viver já é correr um risco, sabe? Então o negócio é viver honestamente com você, sem aceitar imposições, venham de onde vierem.

Alceste — Você acha que deu alguma contribuição para essa luta pela liberação das pessoas? Acha que sua atitude como artista contribui pra isso?

Ney — Creio que sim. Não posso assegurar em que sentido isso atinge as pessoas. Porque, note bem: não estou querendo transformar ninguém. Não estou dizendo, "olha, gente, eu sou assim, e isso é que é o certo, o correto". Eu não tenho a menor intenção de fazer isso porque acho que o correto pra cada um, cada um vai ter que descobrir qual é. Agora eu me dou o direito de me mostrar pras pessoas, sabe? Eu sou assim, dessa forma. Tenho o direito de existir dessa forma.

Chrysóstomo — O que é que você chama de "essa forma"?

Ney — "Essa forma" é a minha postura de palco, que não é uma coisa criada, não é um personagem, entendeu? É um lado meu que eu libero exacerbadamente. Sei que é uma coisa muito exagerada, porque por temperamento tenho um lado muito exagerado. Pode ser essa coisa do meu signo, Leão. Agora, também tem o outro lado: eu não preciso sair à rua daquela forma. Percebo que muita gente me espera ver na rua dessa forma. Me esperam até a hora de sair do teatro, e quando me vêem ficam até um pouco decepcionadas, porque não corresponde ao que aleas pensam.

Aguinaldo — É, a gente até fez uma reportagem sobre a Galeria Alaska (vide LAMPIÃO nº 10) em que se falava sobre esse fenômeno: depois da sessão de teatro, aparecem na Galeria dezenas de "Ney Matogrossos". E quando você sai do teatro, não é mais "Ney Matogrosso", mas sim, Ney Pereira de Souza, um rapaz comum, que passa até despercebido.

Ney — É, o pessoal espera que saia no mínimo com um papagaio na cabeça...

Alceste — Eles não sabem separar o artista, o profissional, do homem que faz aquilo.

Ney — Claro, porque é preciso compreender que o palco é a exacerbação da minha fantasia. Não há limite para a minha fantasia no palco. Fora dele, não, nem necessito de fantasia. Agora eu percebo que há muita curiosidade em me ver fora do palco, em saber se eu sou sempre daquela maneira. Ainda outro dia recebi uma carta — não sei se era de homem ou de mulher — em que dizia que eu usava uma armadilha para apanhar os incautos, porque no palco era um andrógino e na rua um homem...

José Fernando — Você não acha que a notícia sobre você que mais chocou este público foi aquela segundo a qual você tinha um filho?

Chrysóstomo — Espera aí; explica que notícia é essa.

José Fernando — Saiu uma matéria dizendo que Ney tem uma filha de 18 anos, que ele nem conhece.

Alceste — Mas uma filha de 18 anos de idade? Então você é um rapaz prodígio! Quantos anos você tem?

Ney — Trinta e sete.

(Comentários sobre a idade do "estrelo". Todos pensavam que ele tinha bem menos. Ney explica que começou tarde)

José Fernando — Não é que a notícia tenha chocado as pessoas; digamos que elas ficaram surpresas. As pessoas se assustaram muito mais com essa notícia do que com o que você possa lhes apresentar em termos de arte.

Ney — Eu entendo o que você quer dizer. É como se comentasse, "puxa, mas ele também ...?" Ora, as pessoas vão ter que entender que eu sou uma pessoa ampla, que não estou restrito a nada, que de reprente... Ué, gente, os apelos estão aí; se me tocam, eu vou procurar, quero saber de tudo o que está acontecendo. Se qualquer coisa me atrair, eu vou pra saber o que é. Esse tipo de preconceito eu não tenho não, sabe? claro, as pessoas querem me limitar, querem dizer, "daqui até aqui ele vem, daqui pra frente não pode mais"; agora eu vou é onde sentir vontade.

Chrysóstomo — Sim, as pessoas têm o mais amplo e irrestrito direito de ser o que elas quiserem. Mas apesar dessa amplitude, você não acha que está comprometido com a imagem homossexual?

Ney — Comprometido, não. O único compromisso que eu tenho é com a minha vida. Eu não sou estandarte de nada. O que eu mostro pras pessoas é um indivíduo livre, uma alma livre. Se a

Ney; de frente, Aguinaldo (de óculos) e José Fernando; de costas, a partir da esquerda: Alceste e Mário Vale ; de perfil, Chrysóstomo

minha vida pode ajudar outras pessoas, se o fato de eu me expor como me exponho pode ajudar outras pessoas, tudo bem. Agora não me coloquem estandarte nas mãos de jeito nenhum, pelo amor de Deus, porque eu não arco com nenhum deles.

Chrisóstomo — O que é essa forma de expor o que você se refere tanto, esta sua "maneira de ser"?

Ney — Gente, uma pessoa com a vida mais exposta do que eu impossível. Minha vida não tem mistério pra ninguém, sabe? E tudo muito claro, desde o começo sempre fui muito claro. Sempre disse todas as coisas que me perguntaram. Agora só de um tempo pra cá é que as pessoas podem publicar essas coisas. Eu sempre disse. Essas coisas que as pessoas lêem e de repente ficam chocadas, como aquela entrevista da "Interview". Aliás, eu achei o título que eles deram de uma babaquice.. Uma coisa tão apelativa...

Aguinaldo — Como é mesmo que foi? "Eu nasci homossexual pra cumprir uma missão na terra".

Chrisóstomo — Mas você disse aquilo?

Ney — Foi um rabinho de frase, uma coisa que eu disse brincando, e que eles isolaram, deram uma importância que não tinha na entrevista. Ficou com uma carga tão séria, tão pesada, que eu, quando li, fiquei chocado.

(Entra, Levy, o fotógrafo, com toda a sua parafernália. Arma tudo e começa a trabalhar. Mário Vale mostra o perfil, José Fernando faz uma cara de mormaço, Chrysóstomo cofia o bigode, Alceste assume um ar clerical, Aguinaldo finge que é Norman Mailer, Ney levanta uma mão, como se cantasse "Pecado Rasgado"; **plect**, o **flash** espoca)

Aguinaldo — Ney, voltando àquela coisa do choque inicial que foi a sua imagem: houve algum momento, naquele começo, em que você parou, pensou, e teve medo do que estava fazendo? Quer dizer, medo das conseqüências, etc.?

Ney — Não, eu tive medo de outra coisa. Tive medo porque... Bom, Mário Vale é a pessoa aqui que me conhece há mais tempo; eu sempre fui uma pessoa à margem, sabe? Uma pessoa que vivia de artesanato numa época em que ninguém vivia disso. De repente, pulava da margem para o centro de uma coisa toda que eu negava, na qual não acreditava, que é o esquema todo que está aí. De repente, pelo tipo de trabalho que eu fazia, estava exatamente no meio dessa engrenagem toda, e isso me encheu de medo, me tirou o sono, me dava pesadelo... Mas quanto ao que eu fazia, não; já fui preparado pra isso. Tanto que já fui caindo de pau, não é?

Mário Vale — Mas você nunca teve medo que seu sucesso fosse uma coisa passageira?

Ney — Não, porque eu acho que posso fazer outras coisas. No momento em que concluir que isso é uma coisa que já não está me agradando — está se repetindo, ficando chato,..

Alceste — Já pintou isso alguma vez? Pensar, "ai, que coisa chata não quero mais fazer isso"?

Ney — Não, porque por enquanto eu ainda gosto muito, pretendo fazer isso muito tempo ainda. Mas, por exemplo: este é o último "show" que estou fazendo por muito tempo. Vou gravar um disco em agosto, outro em agosto do próximo ano, e só em dezembro de 1980 é que vou pensar em fazer outro "show". Preciso de um tempo, quero um tempo pra mim: um ano sem fazer nada, pra viajar, pra ver coisas.

Alceste — Isso pode resultar numa mudança de imagem?

Ney — Olha, eu não faço essa parada pensando na imagem ou no público. Só obedeço a um anseio, a uma necessidade minha.

Chrysóstomo — Nesse tempo você interromperia o seu filão criador?

Ney — Ou quem sabe eu fosse enriquecer esse filão criador, que está se desgastando porque não consigo absorver nada, só estou fazendo coisas? Não tenho tempo de acumular nada, fico só gastando. Então, veja as criticas a este "show": as pessoas dizem, "ah, ele faz tudo muito bem, mas não renova nada". Realmente, eu não tive tempo pra renovar. Mal acabei uma coisa, já estou fazendo outra. Eu tive uma semana pra fazer este "show".

Chrysóstomo — Ney, além de ganhar dinheiro — claro, você é um profissional —. além de se expor, qual é a sua função enquanto artista? Sua função maior?

Ney — Ah, eu não sei qual é a minha função maior, sou uma pessoa muito intuitiva, não sou um intelectual, não cerebralizo nada, não paro pra pensar nessas coisas. Tem uma coisa que me estimula a fazer. Só espero que aquilo que eu faço seja de utilidade para algumas pessoas. Porque sabe o que acontece? Eu quando digo a vocês que me exponho, não me exponho apenas como artista, mas também como ser humano; eu digo muito às pessoas o que o ser humano, independente do artista, pensa, vive e acha das coisas: o que eu observei da vida. Porque sou uma pessoa muito atenta a tudo o que acontece ao meu redor. Então eu tenho que passar as minhas experiências. Sei que não posso transferir experiência, isso ninguém consegue. Mas eu posso dizer o que vivi, de que forma vivi, de que forma as coisas me chagam. Acho que é só isso que eu posso fazer. Não posso é transformar ninguém, nem dizer, "olha, gente, não faça isso, porque isso não dá certo", ou "faça isso". O que eu procuro é informar as pessoas.

Chrysóstomo — Como artista você seria mais ou menos libertário, Quer dizer, neste sentido que você acabou de expor.

Ney — Talvez sim. Porque estou mostrando que um indivíduo pode ser livre, que o espírito dele é livre, que apesar de todas as pressões o indivíduo tem o direito de existir como ele queira, desde que não interfira na vida do próximo. Quer dizer, eu quero ter todo o direito de existir; agora, quando percebo que estou no terreno de outra pessoa, sou incapaz de ficar impingindo coisas. Isso eu não faço.

José Fernando — Você acredita que existe uma tendência, de alguns jornalistas, de cobrar posição política do artista?

Ney — Existe. Eu não acredito em política. Acho que política é luta pelo poder, e eu não tenho o menor interesse pelo poder. Você vê, eu tenho 37 anos, e desde Getúlio Vargas me lembro de política, mas nada mudou. Então, se eu não acredito em política, não vou me envolver numa modificação individual: a partir do momento em que o indivíduo se modifique, tudo se modificará. A partir do momento em que o ser humano respeite o próximo, em que deixe de explorá-lo, as coisas começarão a mudar.

Aguinaldo — Mas o seu comportamento, quer você queira ou não, tem um significado político.

Ney — Claro, mas é uma política existencial, não a nível de partidos, de luta pelo poder.

Aguinaldo — Você falou que o que lhe interessa realmente é viver e passar sua experiência de vida às pessoas. E como é que você está vivendo atualmente?

Ney — De repente eu tou lhe dizendo que vou dar uma parada porque eu não tenho muito tempo pra mim não, sabe?

Alceste — Você é uma pessoa que não gosta muito de sair de casa, não é?

Ney — Eu mal saio de casa. Mas gosto de ter pessoas dentro de casa, junto comigo. Então o trabalho interfere na minha vida no sentido de que — e pode parecer uma coisa muito careta dizer isso, mas é que sou muito profissional — eu quero estar bem à noite, pra fazer o "show" o melhor possível. Então vou dormir cedo para acordar bem no dia seguinte, fico vivendo um pouco no claustro, sabe? Eu me forço a isso. Saio do teatro, vou jantar em casa, porque aí já estou em casa. Depois, as pessoas ficam querendo Ney Matogrosso o tempo todo, quando eu não estou a fim. Por isso, acaba o "show" vou pra casa, porque eu entro e Matogrosso fica na porta.

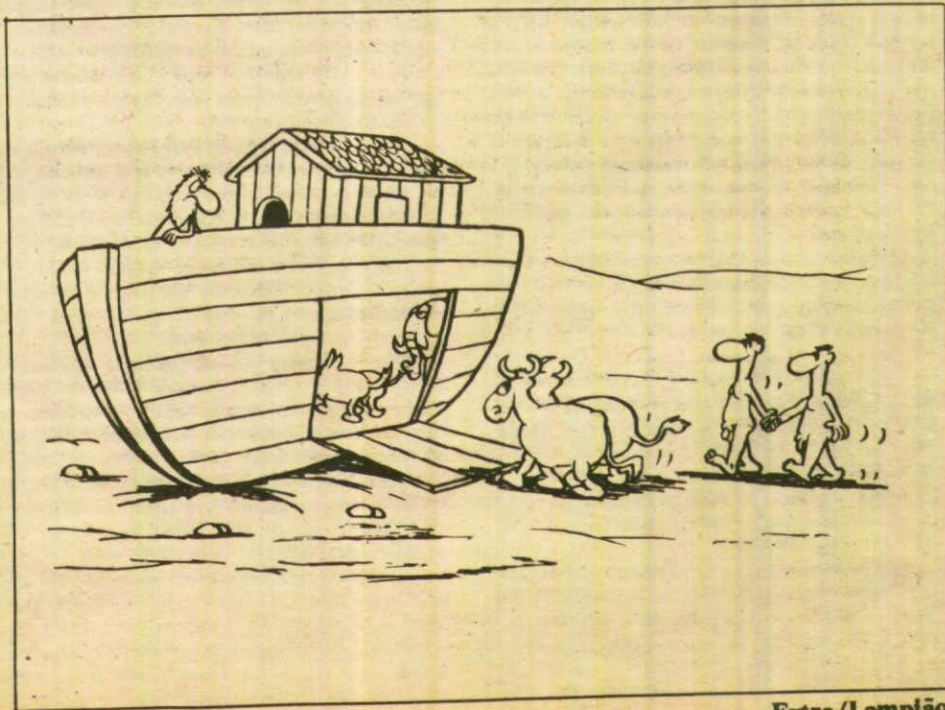
Alceste — E quem é que entra com você?

Ney — Ninguém. Eu sozinho.

Chrysóstomo — O que é que você acha de alguns artistas que pensam e agem como nós sabemos, mas que, na vida pública, cultivam uma imagem de machão, inclusive para vender disco e fazer novelas?

Ney — Não estou aqui para julgar ninguém, cada um age como quer. Mas eu provei que isso não é necessário; que ninguém precisa cultivar uma falsa imagem para sobreviver como artista.

Alceste — Você acha que isso é uma contribuição sua à vida do artista?

Ney — Eu acho é que as pessoas têm que

Extra/Lampião

Pessoas histéricas me deixam muito tenso

aceitar o artista, e não apenas o artista, mas o ser humano, como ele é. Ninguém tem que criar uma falsa imagem pra viver, pra sobreviver ou pra poder trabalhar melhor. Acho que o gosto sexual das pessoas não influi no trabalho que elas fazem, sabe?

Chrysóstomo — Não influencia talvez na recepção do trabalho.

Ney — É isso: desde que você faça bem o seu trabalho, o público não vai se interessar se você dorme com homem ou com mulher, ou se você não dorme com homem nem com mulher. Quer dizer, acho que isso foi uma coisa falsamente criada.

Aguinaldo — O que o público quer é aquilo que o artista faz no palco. O que este público imagina que o artista faz depois fica por conta da imaginação dele, apenas.

Ney — Depois, no Brasil acontece aquele negócio: "foi artista é bicha". Então, esse tipo de preocupação é superado, porque parecendo ou não, para o público, "já é". Portanto... Eu, pessoalmente, acho que isso não interfere em nada, sabe? Quer dizer, não interfere na receptividade do trabalho. Mas há quem pense o contrário, e então fica vivendo uma vida falsa. Eu não arcaria com uma vida falsa.

José Fernando — Você acredita que exista alguém capaz de querer passar uma cantada em você só pelo fato de ser o Ney Matogrosso?

Ney — Claro, mas eu percebo quando é por causa do Matogrosso. Só como a pessoa chega já dá pra ver com quem ela está querendo transar. Se eu tenho interesse, faço o jogo. Se não...

Aguinaldo — Você nota isso mais nos homens ou nas mulheres?

Ney — As mulheres, quando têm tesão, elas deixam bem claro que têm tesão, e pra elas aquilo lá do palco não tem nada a ver, não interfere em nada, e se interfere é pra melhor. Já para os homens, o que acontece comigo no palco torna tudo mais fácil, porque eles acham que a partir dai podem chegar perto de mim e dizer tudo o que querem. E eu não estou nem ligando porque se me interessa, tudo bem, se não me interessa, também tudo bem. Eu não tenho falsos pudores: as pessoas têm o direito de se comportar como quiserem, e eu também tenho esse direito. Ou seja: se eu quiser, vou. Se eu não quiser, não vou.

Chrysóstomo — Você nota que as pessoas gostariam de levar você pra cama com essas roupas que você usa no **show**? De bandidinho nazista, etc.?

Ney — Sim. Muitas até me dizem isso. Já houve até quem dissesse que só iria pra cama comigo se eu estivesse todo suado e com a pintura, recém-saído do "*show*" Aí eu respondo que isso não vai acontecer nunca, porque quando eu saio do "*show*" estou tão cansado que me sinto incapacitado pra qualquer coisa.

Alceste — Isso inclusive aconteceu com um amigo meu, que chegou até a transar contigo.

Agnaldo — E depois disse para os amigos, tá vendo só?

Alceste — Não, foi uma coisa pública!

Chrysóstomo — E como era o nome dele?

(Tumulto: Alceste diz que não vai dizer o nome do rapaz, porque a entrevista está sendo gravada. Mesmo assim, diz o nome bem baixinho; Ney comenta que ele "agora está casado, coitado", e a decisão é unânime: todos acham que o gravador deve ser desligado para que Alceste pronuncie, com toda a pompa possível, o nome do rapaz. Isso é feito, após o que o gravador é religado)

Alceste — Inclusive, essa figura, antes de te conhecer, sempre me dizia: "O único homem com quem eu transaria seria o Mick Jagger". Bom, ele não teve o Mick Jagger, mas teve você, e eu tenho certeza que você foi o único na vida dele. Nesse mesmo nível, isso se repetiu com várias pessoas que eu conheço: tua imagem no palco fazia com que essas pessoas, habitualmente machões, se sentissem mais à vontade pra transar.

Ney — Bom, gente, curiosidade eu acho que existe dentro de todo mundo. De repente você está apto a transar com sua curiosidade, ou pode passar a vida inteira sem coragem pra isso.

José Fernando — E já que nós estamos falando nisso, Ney, você podia dizer aqui em primeira mão, para o Brasil inteiro através do LAMPIÃO, qual o seu gênero...

Ney — Eu vou dos 18 aos 88. Não é tipo físico: tem que ter, por trás da pessoa, uma coisa que me atraia; uma cabeça... Eu entendo perfeitamente isso de as pessoas dizerem que só iriam comigo; é porque é muito mais fácil para elas.

Alceste — É, porque o relacionamento delas com você está no nível da fantasia.

Agnaldo — Ney, você viaja muito aí pelo interior. As pessoas que te procuram, como é que elas se comportam nestas cidades? Chegam assim a níveis de adoração, a dizer, "olha, você é muito importante pra gente", etc.?

Ney — Me dizem, e eu acho legal ouvir isso. Embora, como já disse, eu não queira ser jamais estandarte de nada — porque se eu pegar um estandarte estou limitado, e não quero ser uma pessoa restrita a um campo, quero ser uma pessoa ampla —, eu acho um barato quando alguém me diz, "ah, porque você me ajudou, porque eu tive coragem", quer dizer, ajudei indiretamente, porque a pessoa de uma forma ou de outra já chegaria a isso. Agora eu não incito ninguém a nada. Quem sou eu pra dizer o que uma pessoa deve fazer?

José Fernando (o do olhar de mormaço, à direita), Aguinaldo e Ney

Chrysóstomo — E o que é você ouve mais, dessas pessoas?

Ney — Bom, tem aquelas pessoas histéricas, que me deixam muito tenso: chegam com aquela história de "maravilhosa, não sei o que", eu não gosto. Porque eu sou muito tranqüilo; então, quando percebo uma reação histérica, isso me deixa mal; de repente, nem sei como corresponder a isso, e fico muito tímido. Aí eu nem sei como isso se reflete nessas pessoas, porque na verdade elas esperam é que eu seja três vezes mais histéricos que elas. Tem também aquelas pessoas que chegam com muita curiosidade; tem as que chegam com todos os flancos abertos, esperando ser atacadas (e eu não ataco ninguém). Tem aquelas que chegam pensando, "eu sou bonito e ele vai me querer".

José Fernando — Ora bolas, mas a estrela é você!

(José Fernando faz uma cara de **amante latino** em direção a Ney. Mil risadas)

Aguinaldo — E chegam perto de você pessoas incrivelmente articuladas, que fazem verdadeiros discursos políticos?

Ney — Ah, sim. Um dia desses chegou um dizendo que era psicólogo, queria me fazer um estudo; eu pensei, "estudo, meu Deus do céu, que horror!" Eu me senti assim um ser extraterreno...

José Fernando — Você já teve problema em alguma cidade? Alguém que quisesse impedir você de cantar, etc.?

Ney — Não. Só no Recife, no "show" "Bandido", eles queriam cortar o "strip-tease". Mas aí eu mesmo estava bancando o espetáculo, não havia intermediários, e então eu disse que ou fazia tudo ou não haveria espetáculo. "Eu tenho o direito de parar tudo e ir embora, e tenho o direito, também, de dizer para o público porque estou fazendo isso". Aí eles não cortaram. Aliás a discussão começou porque eles disseram que, no Sul, coisas como aquele "strip-tease" passavam pela Censura porque as pessoas já estavam preparadas para isso; já no Recife era diferente. Então eu disse: "Olha, eu acabei de fazer esse "stripe-tease" no Piauí durante uma semana...

Aguinaldo — E depois disso o Piauí continuou exatamente como estava; quer dizer, você não afetou em nada os costumes locais.

Ney — É isso aí. De qualquer maneira, o meu contato com a Censura não chega a ser muito difícil, porque eles esperam de mim outra coisa; afinal, eles também têm suas fantasias. Mas quando me vêem assim, igual a eles, fica tudo mais fácil.

Aguinaldo — Isso aconteceu conosco em nossa aventura policial recente. Nós notamos que o pessoal esperava que os editores do LAMPIÃO fossem assim, cataplum!, aquela coisa bichal, espantosa. E aí, como nós todos somos rapazes muito bem comportados, foi aquela decepção.

Ney — Foi bom você falar: como é que está a situação? Eu soube que vocês estão sendo processados.

Aguinaldo — Ainda não é processo; é apenas um inquérito, igual ao que existe contra a revista **Isto É** e contra a **Interview**. Só que o pessoal do **Interview** mantém o assunto no maior segrêdo, como se o silêncio, nestes casos, pudesse ajudar alguma coisa... O motivo é sempre o mesmo: "ofensa à moral e nos bons costumes". Ou seja: os "bons costumes" dos Lutfalla, dos Abdalla e dos Grupos Lume da vida estão ameaçados porque há pessoas, como as de LAMPIÃO, que preferem fazer jornal, em vez de dar golpes na praça...

Chrysóstomo — eles dizem que a gente está incitando as pessoas ao homossexualismo...

Aguinaldo — Mas é como o Ney disse: ele não incita ninguém a fazer coisa alguma ; é o nosso caso; pensar que nós estamos incitando alguém a fazer alguma coisa é nos dar um poder que nós absolutamente não temos; é aquele negócio de o dr. Silvana querer dominar o mundo, é coisa de história em quadrinhos...

Ney — Ninguém tem esse poder!

Alceste — Uma curiosodade minha: o que está escrito nos bilhetes que as pessoas te entregam nos **"shows"**? Você guarda aqueles bilhetes?

Ney — Oitenta por cento das pessoas pedem fotos; uns vinte por cento dizem loucuras; coisas absurdas. Não gosto de dizer o que elas escrevem nos bilhetes, porque é uma coisa muito particular, das pessoas. Mas tem coisas assim: uma vez eu recebi um bilhete de um cara; ele dizia que estava assistindo o "show" com um absorvente na cueca. Eu achei isso uma coisa tão louca!

(Nessa altura a entrevista dá uma guinada: ninguém sabe exatamente porquê, todos começam a falar sobre Emilinha Borba; Chrysóstomo, José Fernando e Ney fazem declarações de amor a Emília. Aguinaldo chama todos à ordem, após cantar a primeira estofre de "Cachito mio".)

Mário Vale — E cartas agressivas, você recebe?

Ney — Não. São todas muito bem humoradas.

Aguinaldo — É, mas o Jornal do Brasil um dia desses publicou a carta de um leitor que atacava você, por causa de suas aparições na tevê.

Ney — É, isso o Jornal do Brasil publica Agora uma entrevista comigo, não.

Aguinaldo — Mas quando começou a confusão policial com o LAMPIÃO, nós fomos procurar a solidariedade dos coleguinhas da grande imprensa. No JB, eles nos disseram que havia uma ordem superior: não se pode falar em homossexualismo no Jornal do Brasil. "Até proibiram a publicação de fotos do Ney Matogrosso!" Foi o que eles nos disseram. Agora eu acho que neste caso quem tem problemas não são os homossexuais, e sim, alguém na direção do Jornal do Brasil...

(Outra vez a entrevista muda de direção. Ney começa a falar das platéias que enfrentou. Comenta um **show** em Santos, em que um grupo o chamou de "bicha", e em que a platéia, dividida, acabou brigando por sua causa)

Ney — Agora tem um lugar, em São Paulo, onde eu nunca mais porei os pés: é o Curso Objetivo, um lugar de débeis mentais, de filhinhos de papai irresponsáveis, de imbecis, porque me pagaram muito bem pra fazer um "show" lá, e depois não me deixaram cantar. E isso não foi só comigo não, porque era o festival de música deles e eles não deixaram um só colega cantar: ficavam jogando bolinhas de papel. Quando eu entrei no palco, choveram bolas de papel. Aí eu virei a bunda pra cara deles e fiquei remexendo durante uns dez minutos. Depois cantei cinco músicas e fui embora.

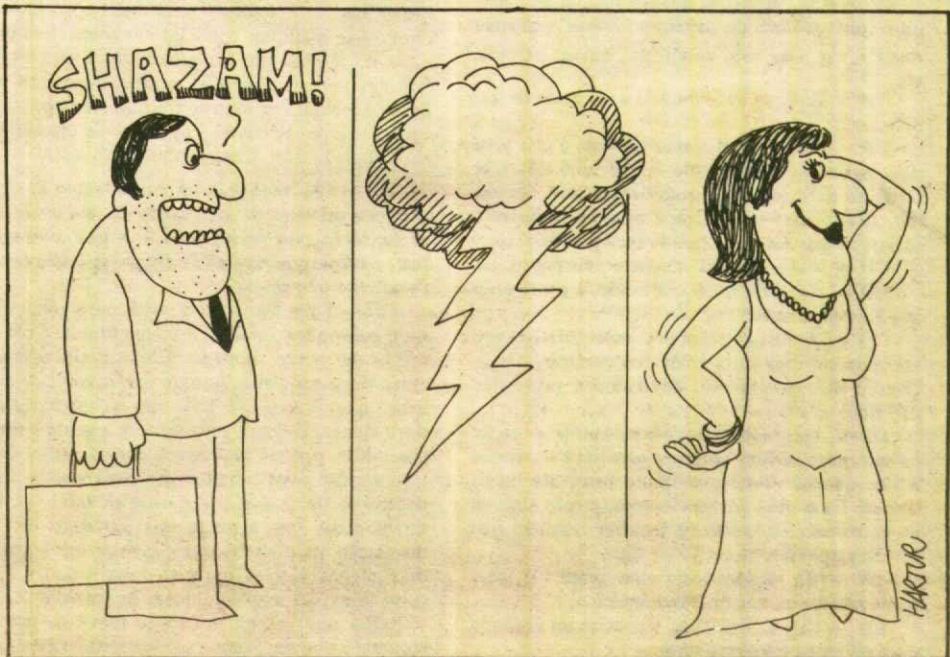
Alceste — E a história do presídio?

(Surge uma discussão: Ney diz que não foi beliscado pelos presos, no famoso **show** no Presídio Lemos de Brito; Chrysóstomo, que contou a história na revista **Veja**, insiste: "Foi beliscado, sim". Ney protesta: houve abraços e agarrões; beliscado, nunca. Os dois não chegam a um acordo, mas riem muito dessa história toda)

Chrysóstomo — Mas a platéia presidiária te interessa de alguma maneira especial?

Ney — Não, eu não tenho interesse nessa coisa de reação deles, eu tenho interesse humano neles, porque são pessoas que não podem sair de lá mas também têm direito de ver coisas. Agora é muito complicado fazer um show pra eles, porque sempre é de graça, mas essas coisas têm um custo de produção. Da outra vez foi num festival de música do sistema penitenciário. Fizeram uma eleição entre os preços para saber que artista de fora eles queriam convidar, e o escolhido fui eu.

Aguinaldo— Os presos políticos também viram o **show**?

Ney — Não. Eu perguntei se eles estavam presentes, me disseram que não. Pedi pra ter um contato com eles, pra fazer um "show" só pra eles, me disseram que não podia. Foi tudo muito bacana: no final, me ofereceram uma mesa de doces e guaranás. Os presos me procuravam para dizer coisas, um deles me impressionou porque chegou e disse assim, "olha, eu tou aqui preso, mas minha cabeça é livre, ela voa longe; ninguém pode prender minha cabeça". Já pensou? Aguentar aquela barra da prisão e ainda pensar assim? E depois, o que eu ouvi um preso dizer na televisão quando entrevistado, valeu muito mais o preço de um "show", pra mim; ele disse que me curtia muito porque para ele eu significava a liberdade. Mas uma liberdade muito maior.

Clodovil Hernandez faz a si mesmo esta pergunta

Quem deve dormir sobre os nossos lençóis de linho?

A **estrela** da tarde era Clodovil Hernandez. Mas os entrevistadores é que chegaram com meia hora de atraso à **maison** da Avenida Cidade Jardim, um tanto assustados pela advertência de Celso Cúri, segundo o qual "Clô odeia atrasos". Com ódio ou não, ele recebeu com a maior cortesia o grupo mobilizado para entrevistá-lo: Peter Fry, Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Celso Cúri e Aguinaldo Silva. E, enquanto estes ainda admiravam o bom gosto do seu **atelier**, cujas paredes cobertas de espelhos acabaram ofuscando as sofisticadas câmaras do Dimas Schtini (é por esse motivo que não publicamos fotos dos entrevistadores), ele assumia a postura de quem já está acostumado a dar entrevista e a fazer revelações; durante duas horas e meia Clodovil fez as duas coisas, respondendo à altura às provocações dos entrevistadores, negando-se aqui para dar um pouco mais logo adiante, entremeando, num jogo de mestre, as grandes revelações com as informações corriqueiras. E tudo isto sem estar nos seus melhores dias; os lampiônicos olhos detectaram um véu de tristeza que às vezes cobria seu rosto, e a certa altura ele valeu-se do copeiro para tomar com um copo de leite, um comprimido que identificou sumariamente: "antibiótico". Já no fim da entrevista, um presente para os leitores de LAMPIÃO: uma belíssima história, pessoal e tocante, que ele contou pela primeira vez a jornalistas e que, nesta entrevista, serve de **gran finale.**

DP — Clô, você sabe que nós não viemos aqui para que você fale da próxima "saison": se todo mundo vai usar saia comprida, curta, babado, etc...

CH — Embora todo mundo aqui goste de um babado...

DP — Mas o importante pra nós é que você diga nessa entrevista tudo o que você não teve coragem de dizer antes numa entrevista. Ou então, tudo o que você disse e acabou sendo censurado, o que deve ter deixado você p... da vida.

CH — Não, eu nunca cheguei a este ponto.

DP — Não? De qualquer modo, a gente quer que você diga tudo.

CH — A melhor coisa pra conseguir que um entrevistado diga tudo é não recomendar, não é, Darcy? Se começar recomendando a gente não diz tudo.

DP — Inclusive, olha, certas coisas — como eu sou quem melhor conhece você aqui —, certas coisas que eu disser poderão parecer até insultuosas. Caso você se sinta insultado com alguma pergunta minha, pode me insultar também que eu não respondo.

CH — Ih, Darcy, mas aí a gente vai fazer como a maioria, não é? Não fica bem.

CC — Pois é. E depois, é preciso ter cuidado para não quebrar os espelhos.

CH — Por que?

CC — Porque assim vocês vão acabar se engalfinhando, não é? (Risadas).

DP — Pois então lá vai. Quantos anos você tem, Clô?

CH — Quarenta e um.

DP — E quantos de profissão?

CH — Bom, tem aquela fase que eu trabalhei de **free-lancer**, por volta de 54, depois veio 58, então eu voltei para o interior, até 1960, quando consegui abrir uma loja. Quer dizer, praticamente 28 anos.

AS — Você é um homem rico?

CH — De saúde eu acho que sim, não é? Agorinha mesmo eu estava dizendo a uma cliente lá embaixo que não sou rico porque não quero. Aliás, já desisti de ser rico, não quero mais ser mesmo, sabe? Porque não adianta nada, à medida que você vai melhorando os lençóis, continuar colocando o mesmo nível de gente em cima deles.

JST — E que nível de gente é essa?

CH — A que a gente caça na rua. Porque não tem nada a ver, sabe, e isso serve pra todo o mundo. Eu conheço mil pessoas conhecidas por aí, pessoas que freqüentam salões até uma certa hora, e que depois vão para os mesmos lugares; lá a gente só encontra o mesmo tipo de pessoas, essas que a gente coloca em cima dos nossos lençóis de linho. Então, eu acho que não tem nada a ver. Por isso, hoje em dia eu só quero é mais estabilidade, em vez de riqueza. Minha preocupação no momento é saber como é que eu vou pagar os empregados no mês que vem, já que esse mês está tudo acertado.

AS — Mas você está satisfeito com o que faz...

CH — Estou exatamente por isso: porque só faço o que gosto; eu faço moda, vivo de moda, trabalho com moda; nunca pensei em trabalhar deitado, e por isso só dependo mesmo é do meu trabalho.

AS — Você acha que uma coleção sua é uma obra de arte?

CH — Bom, no momento eu estou até em dúvidas se é mesmo, porque o que me preocupa atualmente não é a alta costura, e sim o prêt-a-porter; é a coisa mais sociológica, digamos assim. Além disso, moda é uma questão de cultura, e o Brasil não tem cultura para consumir moda; Compra-se qualquer coisa que aparece, tem mil casas de modas que não tem nada a ver, e que faturam demais. Aliás eu sempre digo que no Brasil é melhor ser dono do Barulho da Lapa, que é uma loja de tecidos na Lapa, que de um atelier em Cidade Jardim. Lá se ganha muito mais.

DP — Clô, você goza há muito tempo de uma situação privilegiada por causa do seu senso de organização. Você acha que isso é uma coisa normal, ou é porque você não é um porra-louca como os outros deste setor?

CH — Olha Darcy, você sabe que a gente vive num país onde o milionário é uma utopia, onde as coisas são muito utópicas. Então a alta costura entra nesse esquema porque é uma coisa de alto luxo, que precisa de todo um assessoramento para vingar. Daí que nem sempre a gente é compreendido, porque há pessoas que não entendem que a gente gaste uma fortuna para mudar uma decoração da qual eles vão usufruir também; há quem pense que a gente está gastando com a decoração um dinheiro que eles estão nos ajudando a ganhar. Então, é preciso dosar tudo isso, e a coisa se torna muito complexa. Agora você vê, eu trabalho num ambiente muito luxuoso, mas a verdade é que me custa o sangue manter esse ambiente, porque no Brasil eu não tenho retaguarda, não tenho pessoas que pensem da mesma maneira que eu. E tem o seguinte — eu não estou muito bom para entrevista hoje não, minha cabeça está uma droga. Mas eu vou explicar —: para mim, o maior interesse da moda não é econômico, embora tenha uma parte muito boa neste sentido; pra mim o maior interesse da moda é na parte sociológica, na parte cultural. Porque um povo que está mais culturalmente preparado é um povo que pode entender a moda melhor. É evidente que, partindo daí, você já cai no lado econômico, claro. Pra você ter uma idéia: o povo italiano, por exemplo, é um povo que se veste muito bem, de uma maneira geral. Mas é um povo que tem problemas de ordem econômica...

DP — Mas a cultura contrabalança.

CH — Exatamente. E depois, no Brasil é como você vê aí: qualquer bicha, só porque desmunheca, acha que tem de fazer moda. Elas entram na moda como se estivessem entrando no Teatro João Caetano. E olhe que eu também fiz a mesma coisa. A diferença é que, ao contrário dos outros, eu tinha talento, e isso você não consegue; você tem ou não tem. É verdade que também é preciso ter sorte. Tem muita gente de talento por aí andando de ônibus.

JST — Quer dizer que você se considera um homem de sorte?

CH — Claro.

DP — Mas esta sorte não seria pelo fato de você ter começado sua carreira numa época em que era tudo mais fácil? Era uma época de ouro na economia brasileira — quer dizer, para um certo grupo. Gastava-se muito dinheiro.

CH — Não Darcy, continuam gastando do mesmo jeito. Dinheiro por aí é o que não falta. Apenas ele mudou de mão. Além disso, a maneira de entrar no campo da moda hoje em dia também mudou. Naquela época isso só era possível através da alta costura.

DP — Hoje já se entra até pelo lixão.

CH — Lixão, como? O prêt-a-porter?

DP — Não, não; é que a moda hoje em dia está tão desvairada, uma loucura completa.

CH — Eu sinto não concordar com você. Eu acho que a moda ilustra vários acontecimentos, de acordo com a época em que é feita. Esse é o papel mais importante da moda, e para mim é o único. E eu acho que a moda, no momento, reflete exatamente o comportamento mundial: ela é instável, é loucura, mas é tudo isso porque o mundo está assim.

JST — Quer dizer que você se acha um intérprete do seu tempo?

CH — Eu poderia ser se nós tivéssemos cultura suficiente para isso. Mas acho que, de acordo com o que nós avançarmos enquanto nação, talvez daqui a algum tempo eu seja citado com mais respeito que hoje em dia. Porque hoje em dia, em nosso país, certas áreas de trabalho são vistas apenas como manifestações extra-cama de um determinado comportamento sexual. Fora disso elas não representam nada.

AS — E você acha que fez ou está fazendo alguma coisa para mudar essa idéia geral em relação à sua área de trabalho?

CH — A vida inteira, não é? Porque hoje em dia você assumir determinadas posições por aí até que é muito fácil, não? Mas na época em que era proibido assumir essas posições eu já assumia.

JST — Por exemplo...

CH — Ser o que eu sou, realmente.

JST — Por exemplo...

CH — Por exemplo: exatamente isso que você está vendo (risadas gerais).

DP — Você está falando como se o seu comportamento pudesse permitir paralelos. Eu discordo: não acho que o seu comportamento seja o comportamento que as pessoas costumam esperar de um costureiro. Como expressão corporal, eu quero dizer. Apenas você é uma pessoa de sensibilidade, que sempre agiu de acordo com sua sensibilidade. Em suma: não acho que você desmunheca.

CH — Sim, mas para assumir uma posição na vida não é preciso tomar silicone, nada disso. É a tal história: eu já fiz isso, já desmunhequei realmente. Mas eu fazia isso pra agredir, usava tapa-olho, rendas e babados numa época em que isso era considerado um horror. E ficava muito gozado, porque no fundo parecia a índia Diacuí fantasiada de Luiz XV...

PF — Você gosta das mulheres que possam pagar o luxo?

CH — Eu gosto das mulheres que sabem usufruir o luxo, não é?

PF — Mas em geral você gosta de suas clientes?

CH — Gostar é conviver. Eu não convivo com todas as minhas clientes. Com algumas eu tenho uma convivência superficial, e não passo disso, porque não estou interessado em freqüentar salões. Porque aqui também se confunde muito as coisas. Você se torna íntimo de uma cliente e vai ter problemas depois, porque ela começa a te pedir as roupas de graça. Se eu vou ser obrigado a fazer descontos astronômicos em troca de um prato de comida, prefiro comer em casa e com quem eu quero.

DP — Você acha que é vantajoso para os maridos que eles saibam que o convívio com o costureiro — ou, no meu caso, com o retratista — não traz um perigo imediato para suas mulheres, na medida em que o costureiro ou o retratista seja homossexual?

CH — Olha, é uma forma de encarar as coisas, não é? O problema é que normalmente eles dançam também nessa...

DP — É, mas eles pensam assim. Porque na medida em que se trata de um machão...

CH — Mas existe machão, ainda?

AS — Oficialmente pelo menos sim.

CH — Então, meu bem, no que dependeu de mim, estão todos grávidos.

CC — Você já foi assediado por mulheres?

CH — Já, sempre, graças a Deus. E tive muitas transações. Entre outras coisas porque eu não acho que se possa ter uma opinião sobre uma coisa antes de conhecê-la. Essa história de dizer, "eu não como jiló porque ouvi dizer que é amargo", eu acho totalmente errada. Eu acho que, com mulher ou homem, o resultado físico é a mesma coisa, entende? Agora, com elas, falta toda uma outra coisa que infelizmente eu não sei explicar. Por exemplo: se eu estiver com uma mulher maravilhosa e passar um homem maravilhoso, eu largo a mulher falando sozinha. Mas isso eu acho uma posição errada, porque o

“Uma vez me apaixonei pela pessoa errada...”

que eu queria ser mesmo era bissexual: aquele que gosta de homem e de mulher.

JST — Espera aí um pouquinho, Clodovil; você então se sente um pouco culpado em ser homossexual?

CH — Não, absolutamente, imagina. Eu não sou culpado de ter nascido, não pedi pra nascer...

DP — Mas é que o problema...

CH — (**Assume um tom de desânimo**) Olha, vocês me pediram a entrevista e eu disse “tudo bem”, porque acho muito lisonjeiro dar entrevista, seja por que motivo for. Mas eu já sabia que o assunto ia ser este, e olha, eu estou um pouco de pé atrás quanto a este assunto, porque não gosto muito de bandeiras.

AS — Pelo contrário, Clodovil, a entrevista não vai ser apenas sobre este assunto. O que a gente quer é saber de outras coisas suas; mas nós achamos que estas outras coisas podem ser levantadas através de um assunto que diz respeito a todos nós. Sua profissão, por exemplo...

CH — Está bem. Devagar se vai ao longe.

PF — Por exemplo: eu queria saber porque os homossexuais escolhem determinadas profissões, como costureiro, cabeleireiro, “candomblezeiro” e até retratista.

CC — Pois é. Você mesmo disse que quando entrou na profissão desmunhecava propositalmente. Isso não era uma atitude geral?

CH — Não, absolutamente. Era uma atitude de alguns costureiros. Olha, eu acho engraçado quando viajo porque as pessoas, até algum tempo atrás — os casais bem comportados — iam a Paris e corriam para ver **shows** de travestis. Claro, aqui a coisa era diferente, mas lá eles gostavam era disso. Já eu, tenho horror de endereços homossexuais. Vou ver as coisas apenas para saber como é, mas não curto. Eu nasci no meio de pessoas consideradas normais e é no meio delas que vou viver. Eu me recuso a freqüentar os ambientes homossexuais como se eles fossem minha única tábua de salvação. Já disse: não gosto de bandeiras. Porque é uma bandeira, as pessoas se isolam, saem por aí em passeatas, “nos queremos os direitos dos homossexuais”, e isso não resolve nada. Claro, é minha opinião, eu posso daqui as pouco me contradizer, mas também, a pessoa que não se contradiz é uma burra. Mas veja bem: eu nasci de um pai e de uma mãe; nasci do ato de amor de duas pessoas consideradas “normais”; então, f...-se, que eu vou é viver no meio deles. E também não me interessa que as pessoas iguais aos meus pais digam “você é aquilo e aquilo”; não me interessa: eu vou ficar é no meio delas.

DP — Mas eu acho que todos os movimentos estão visando é a integração. Nós por exemplo, do LAMPIÃO, queremos é acabar com essa história de gueto...

AS — Inclusive deixando bem claro que a diferença sexual não existe, foi levantada para separar as pessoas.

CH — Essa história de gueto responde um pouco à pergunta que ele (Peter Fry) me fez há pouco; os homossexuais são instintivamente atraídos por determinadas profissões. Eu, por exemplo: houve uma época em minha vida em que tentei ser comissário de bordo, pois eu queria trabalhar, não queria depender do dinheiro do meu pai. Pois bem, não consegui o emprego — um simples emprego de garçom aéreo —, porque estava na cara que eu era homossexual. Existe coisa pior do que você não ser aceito pra garçom aéreo?

DP — Sim, mas quase todos os “garçons aéreos” são...

CH — Sim, quase todos são em vários tipos de trabalho. E daí?

AS — Você acha, por exemplo, que existiriam homossexuais com vocação para o futebol, e que estas vocações estão sendo sufocadas porque os clubes nunca lhes dariam oportunidade?

CH — Acho. Mesmo assim o futebol também está cheio, não é?

DP — Eu acho que todas as profissões estão abertas aos homossexuais; o que é preciso fazer é vencer a concorrência natural e vencer, também, os limites que a sociedade impôs à classe. Você por exemplo, Clô, venceu.

JST — Você acha que teria se tornado um jogador de futebol se fosse esta a sua vocação?

CH (**Pensa um pouco**) — Acho que seria preciso ter uma perna um pouco mais grossa, não é?

AS — Essa história de cantar, de aparecer na televisão, deve haver uma versão mais ou menos oficial sobre isso; mas e a outra versão? Por que você resolveu fazer aquelas coisas?

Eu conto a verdade pra você. Uma vez eu me apaixonei por uma pessoa errada. Então, para matar essa paixão, tinha que correr um grande risco, fazer uma coisa que me esvaziasse totalmente. Aí eu fiz um **show** de travesti. Me vesti, me arrumei, subi no palco e mandei ver. Na platéia eu puz todo o mundo, todos os colunistas de São Paulo, gente que cairia de pau em cima de mim, em caso de fracasso. Eu fiquei assim (**fez um gesto com os dedos fechados**) de medo: gente, cliente com marido, todo mundo. Era a minha profissão que estava em jogo, porque eu poderia sair dali desmoralizado. E como precisava correr um grande risco, puz em jogo a minha profissão. Foi assim que consegui esquecer essa pessoa.

AS — Mas por que você queria esquecer essa pessoa?

CH — Porque eu acho que quando uma coisa não está certa, te incomoda, você deve tratar de tirar logo o teu do caminho. É isso que eu faço.

JST — Mas era tão perigoso assim fazer um show **de travesti?**

CH — Pra mim era.

AS — Você curtiu aquilo?

CH — Curti. Mas não fiz mais. Fiz uma vez só.

AS — Você já se apaixonou muitas vezes?

CH — Muitas.

DP — Posso fazer uma pergunta muito indiscreta? Você vê que eu estou me entregando também: quando você fez este “show”, **havia uma pessoa, que fazia cena com você, a quem eu estava cortejando. Não sei se você, naquela época, estava interessado nesta pessoa; eu achava que sim.**

CH — Ih, Darcy, não. Naquela época eu estava apaixonado pela tal pessoa errada. Não vou dizer o nome, mas posso dizer a profissão: é um dentista. Você dançou. Dançou, querido!

DP — Ah, é? Pois vou me entregar mais ainda: eu cheguei a patrocinar uma viagem à Europa para essa pessoa, para livrá-la da sua influência.

CH — Pois é. Da mesma forma que os maridos patrocinam viagens para as esposas. Agora o pior é que quando vocês estavam na Europa, quem encontraram por lá? Eu! Veja só: tirou a pessoa do Brasil porque pensou que eu estava interessado nela. E depois encontrar comigo na Europa...

DP — Pois é. Você está me devendo uma viagem à Europa... (risadas)

CH — É, eu me apaixono muito, acho uma coisa normal. Mas sempre que acontece eu procuro tirar a pessoa da cabeça. Porque eu acho impossível, sabe?

JST — Impossível o que?

CH — É como eu já disse: eu vivo no meio de pessoas consideradas “normais”. Então, meu afeto se dirige mais para pessoas deste ambiente, quer dizer, pessoas que não participam de guetos, como diz o Darcy.

JST — Quer dizer, heterossexuais...

CH — É. Gente que vive no meio de heterossexuais. Se elas são, eu não sei...

CC — Você faz questão de se colocar dentro de sua classe profissional.

CH — Claro, é a ela que eu pertenço. É com o meu trabalho que eu tenho que pagar o alguel de Cr$ 65 mil desta casa; a folha de pagamento de Cr$ 250 mil do pessoal que trabalha para mim.

PF — Eu acho tudo isso muito chocante: que no Brasil, um país como o Brasil, as pessoas paguem uma fortuna por um vestido.

CH — Mas então você teria que ir para as ilhas Bali, meu amor, porque isso acontece em qualquer lugar.

PF — Mas no Brasil essa coisa me parece mais chocante. Você vê, é também o meu caso: eu dou aulas numa universidade a pessoas tremendamente privilegiadas só pelo fato de ter conseguido chegar lá, e isso me deixa chocado, eu sofro tremendamente com essa coisa.

CH — Mas você não pode falar em privilégios, Peter. Nascer já é um privilégio, e você já nasceu com outros privilégios: você é louro, de olhos azuis, bonito e másculo. No Brasil, tudo isso é privilégio. Pra você ter uma idéia de como eu penso: houve uma época em que eu comecei a entrar em parafuso, porque eu pensava: “Puxa, eu cobro uma fortuna por um vestido, enquanto tanta gente por aí morre de fome”. Aí eu fui no Chico Xavier, que é uma pessoa ótima, e conversei com ele sobre isso. E ele me disse que eu não devia ver as coisas desse modo, mas que devia pensar da seguinte maneira: “quantas pessoas vivem do meu trabalho? Meu trabalho, quantas pessoas sustenta?”

JST — Você disse anteriormente que não existem mais machões. Suas paixões não dão certo, por que?

CH — Mas eu não disse que só me apaixono por machões. Em 1960, por exemplo, eu tive uma paixão violenta por uma moça. Mas na época eu fiz qualquer coisa — não me lembro o que — para que não tivesse nada a ver. Porque eu estou sempre fazendo as coisas por algum motivo. Foi por isso que eu resolvi participar do programa de tevê “Oito ou Oitocentos”; queria mudar a imagem que as pessoas tinham da classe dos costureiros.

AS — E quando você começou a responder sobre Dona Beja, sabia que as pessoas iam se apaixonar por você?

CH — Claro! Eu calculei tudo. A televisão ajuda a conduzir as pessoas pra isso. Tudo o que aconteceu lá foi porque eu preparei.

CC — Mas você já tinha feito televisão antes. Inclusive, você teve, uma certa época, um programa no rádio que lhe deu problemas.

CH — Eu fiz um programa de manhã na Jovem Pan, naquela minha fase de chamar a atenção. Isso em 1969, por aí. Mas aí disseram que o programa era muito escandaloso para o horário da manhã. A censura achava um horror.

PF — Você participou há pouco na televisão de uma mesa-redonda sobre o homem brasileiro.

CH — É, mas a censura não deixou passar. Eu, Mino Carta, várias pessoas. Flávio Rangel...

PF — Um amigo meu assistiu à gravação do programa, e disse que a melhor coisa era você. Que você acabava com todos.

CH — Pois é, como o tema era o homem brasileiro, eles brigaram, bateram boca, discutiram, um horror. E eu fiquei só escutando. Agora, meu amor, se me dão uma chance, a última palavra será sempre minha. E foi isso que eu fiz. Depois que eles se mataram falando sobre o machão, quando fizeram uma pausa, eu perguntei: “Meus amores, eu queria saber o que é que eu faço nisso tudo: morro afogado?”

PF — Você nasceu numa cidade do interior?

CH — Perto de Catanduva.

PF — E como foi o seu desenrustimento?

CH — Bom, eu vivi lá até os 18 anos. Nunca tive problemas. Quando eu tinha 18 anos meu pai falou comigo sobre o assunto pela primeira vez. Eu tinha vindo da fazenda, estávamos na cidade, e à mesa, eu, ele e minha mãe, para o jantar. Ainda hoje me lembro: tinha salada de agrião. Aí meu pai perguntou: “Então meu filho é fresco?” Eu quase caí duro. Imagine: minha mãe sentada com a cara dentro do prato, acho que ele tinha falado antes com ela. Aí eu perguntei, “mas quem foi que disse isso?” Ele disse o nome da pessoa, e eu comentei, “mas então você acredita num estranho?” Ele continuou: “Pouco importa que seja um estranho, porque é verdade”. Então eu lhe disse: “Verdade ou não, o meu afeto por você não muda nada. Agora se o seu afeto por mim mudar, o problema é só seu”.

AS — Você sabe quantas clientes tem?

CH — Não, nunca me preocupei em contar. Elas mudam, também. O dinheiro muda de mão...

AS — E quanto você cobra por um modelo?

CH — Isso acrescenta alguma coisa?

AS — As pessoas ficam curiosas.

CH — Bom, você pode ter vestidos de... Que é que você quer, vestido de noiva, vestido de baile?

AS — Eu quero um vestido de baile.

DP — Pra mim também, um de baile.

CC — Eu, idem.

JST — Ah, eu quero um de noiva.

PF — E eu quero um modelito de veludo preto para desfilar com ele no carnaval baiano e para tomar chá na Praça Castro Alves, em Salvador.

CH — Ah, Peter, veludo preto é muito cafona. Eu não faço. Olha, um vestido de baile custa Cr$ 50 mil. Já um de noiva é daí pra cima.

DP — Você tem muitas queixas da imprensa? Acha que suas entrevistas são sempre encaminhadas para o lado mais pitoresco, sem que se preocupem em descobrir o ser humano que você é?

CH — Olha, a primeira entrevista de alto nível que eu dei foi para Jorge de Andrade em 1970. Cortaram alguma coisa, mas foi problema de censura.

AS — Deve ter sido. O Jorge nunca alteraria coisas.

CH — Claro. Eu, inclusive, fiquei muito satisfeito com a matéria, achei o texto maravilhoso. Agora o título na capa — a revista foi **Realidade** — era assim: “Clodovil, nem homem nem mulher”: quer dizer, eu sou uma jaca. Mas isso não foi culpa do Jorge. Ele escreveu uma matéria lindíssima. Inclusive eu disse uma coisa a ele sobre meu pai, e depois pedi para não publicar. Mas agora eu vou contar a vocês, e podem publicar, para concluir. Sem desrespeito ao meu pai, que era uma figura maravilhosa, a quem eu amava muito — ele se sacrificou para que eu estudasse, quando eu não era nem filho dele, era adotivo, e sabia disso desde os doze anos: que era filho adotivo. Nesse dia do jantar, em que ele me perguntou se eu era, eu podia muito bem ter dito pra ele, “que é que está falando comigo? Eu não sou teu filho...” Mas eu não disse nada, porque não era justo.

AS — Você agüentou a barra em silêncio.

CH — Pois é. E aí entra a tal história sobre meu pai que eu quero contar a vocês. Nesta mesma época, eu tinha visto o meu pai transando com um tio meu, e também não falei nada sobre isso. Ele nunca soube que eu tinha visto, mas eu desconfiava de alguma coisa entre eles — sabe a gente como é —, e comecei a xeretar, até que acabei vendo quando os dois transavam.

DP — Mas com o irmão dele?

CH — Não, Darcy, um tio pelo outro lado. Bom, mas depois daquele jantar o comportamento do meu pai em relação a mim mudou. Só dois anos depois — eu tinha vindo estudar em São Paulo — quando voltei pra casa, é que percebi que ele voltara a ser como antes em relação a mim, quer dizer, ele superara aquele problema. Muito bem. Pouco depois meu tio morreu de morte natural. Logo depois meu pai anunciou em casa que tinha visto meu tio, que este tinha vindo buscá-lo, e que ele sabia que ia morrer logo. O resto da história eu não presenciei, foi minha mãe quem contou. Meu pai começou a trabalhar muito, porque sabia que meu tio morto viria buscá-lo, e queria deixar a família na situação melhor possível. Aí aconteceu que um dia ele saiu de casa e sofreu um acidente, voltou todo machucado. Era perto do Natal, eu fui passar o Natal em casa e o encontrei todo machucado. Bom, dias depois ele saiu para ir à cidade, mas voltou da porta e anunciou: eu voltei para vestir uma roupa de fulano — o meu tio morto —, porque sei que não vou voltar pra casa e quero morrer vestindo uma roupa dele. Pois bem: ele saiu e, a caminho da cidade, sofreu um acidente a poucos metros do local onde tinha sido acidentado da outra vez, e ali mesmo morreu, vestido com a roupa do meu tio. Os dois foram inclusive enterrados lado a lado. Agora você vê: essa é uma história belíssima, eu acho; que filho da p... vai me impedir de encarar essa história de amor como uma coisa natural e bonita? Eu podia ter jogado tudo isso na cara dele naquela noite, do jantar, porque eu era muito novo e via o mundo com outros olhos. Mas não fiz isso, e bendita a hora, porque depois aprendi que há coisas que a gente não pode julgar, há histórias, relacionamentos entre pessoas, que ninguém tem o direito de sujar. Isso ninguém contou pra mim: isso eu vivi, é coisa minha.

(Silêncio total)

CH — Agora ficou todo mundo aí, com cara de bunda, não é?

JST — Não, nós ficamos comovidos com a história.

CH — História, não, meu anjo: é fato verdadeiro. Meu pai era rico, esse meu tio, que era pobre, casou com a irmã dele. Os dois se tornaram sócios, trabalhavam juntos. Agora se o boboca que ler essa entrevista pensar, “mas que moral tinha este homem?”, se ele pensar assim, acho que ele tem mesmo é que morrer, porque é burro, porque não é capaz de entender as coisas.

Durante dois meses ele foi "Eloína".

Anselmo Vasconcelos, ator, e o seu rosto mais secreto

A partir da esquerda: João Carlos, Aguinaldo, Prieto e Anselmo. Sobre a mesa, fingindo que é um chapéu velho, o gato.

A entrevista fora prometida aos leitores do jornal do número anterior; a gente queria rastrear o caminho percorrido pelo ator Anselmo Vasconcelos — que vinha de uma série de personagens viris no cinema, no teatro e na tevê — para se transformar em **Eloína,** um travesti, personagem que, contracenando com Sandra Bréa, Tarcísio Meira, José Lewgoy, Mílton Moraes, Paulo Vilaça, Ítalo Rossi e outros de um time de "cobras", acaba abocanhando a melhor parte do filme "República dos Assassinos", de Miguel Faria Jr., que tem estréia prevista para outubro.

No cineminha que a gente fez com as fotos do ator, na página ao lado, dá pra sentir **a transformação física. A transformação interior está bem cotada pelo próprio Anselmo, nesta entrevista. Ele informa como aprendeu a transar com a própria ambigüidade, com a coisa** feminina que existe dentro dele — e existe dentro do machão mais empedernido — e como esta transação o enriqueceu.

A entrevista foi na casa do ator, em Santa Tereza (foi a mulher dele, Paula, quem fez as fotos do grupo). Lá estavam Aguinaldo Silva, João Carlos Rodrigues e Carlinhos Prieto, este o cenógrafo que transou todo o visual do filme e, principalmente, de Eloina. Como em todas as entrevistas feitas por LAMPIÃO nas quais ficaram evidentes os bons eflúvios, também pintou um gato, enorme e angorá, que, a certa altura, entrou pela janela, tirou-se sobre o pescoço de Aguinaldo Silva e começou a lambê-lo, enquanto todo o mundo fingia que ele não existia; era o chamado toque mágico, que percorre, com maior ou menor intensidade, a entrevista inteira. Com vocês, Anselmo Vasconcelos.

Aguinaldo — **Quando eu escrevi o roteiro de "República dos Assassinos", tinha acabado de ver "tudo Bem," de Arnaldo Jabor; neste filme você me impressionou muito, fazendo o operário que mata o colega, e por isso eu resolvi escrever o personagem "Carlinhos" pra você; como é que você acabou fazendo o travesti "Eloína", que é justamente o amante de Carlinhos?**

Prieto — **Simples: é porque ele sentiu que era o melhor papel do filme, e tratou de abocanhá-lo...**

(Anselmo ouve com um ar neutro o comentário brincalhão de Prieto; depois, resolve dar a sua resposta)

Anselmo — Isso tem a ver com aquela história da minha preferência por personagens estigmatizados, que vocês ressaltaram no nº anterior do LAMPIÃO, quando anunciaram esta entrevista. Eu tinha feito aquele operário em "Tudo Bem", tinha feito um vendedor ambulante alienado em "O Último Carro", e um favelado, que tinha uma certa consciência que lhe fora dada pela própria vida, em "Se Segura Malandro". Nesta escalada de personagens solapados, oprimidos, uma das minhas intenções remotas era representar um homossexual. Eu tive meus primeiros contatos com homossexuais ali na Praça Saens Peña. Era aquela turma do Café Palheta.

João Carlos — **Eram travestis?**

Anselmo — Não, era uma coisa meio velada, meio escondida. Eu ia pra lá, com um chapinha meu, paquerar as meninas ali na porta do Cine Metro. Mas aí eu percebi que era muito observado por eles, era muito assediado pelos homossexuais. Cheguei mesmo a transar com alguns; mas era uma coisa muito obscura, não chegava a ser uma relação amorosa, havia sempre algum tipo de interesse em jogo, entende. Assim, esse tipo de relacionamento foi um problema que eu não resolvi até ir para Copacabana.

Aguinaldo — **Pera aí, explica isso melhor: você morava na Tijuca?**

Anselmo — Deixa eu dizer qual foi o meu intinerário; eu nasci em Bonsucesso, tinha uma formação bem suburbana (e isso também tem a ver com esta minha predileção pelos personagens estigmatizados. Por exemplo: eu sempre me preocupei com a alta incidência de casos de alcoolismo no subúrbio; é outro personagem que eu quero fazer: um daqueles caras que se embriaguem diariamente no botequim da esquina, que vai se destruindo aos poucos sem ter consciência — nem ele nem os seus — de que aquilo é um problema, e que é preciso enfrentá-lo...)

João Carlos — **Sim, mas volta correndo pra Bonsucesso, senão a gente se perde.**

Anselmo — Tá legal. De Bonsucesso eu me mudei pra Vila Isabel. Foi esta a fase da Praça Saens Peña, do Café Palheta. Saí da Vila Isabel aí por 1969. Era líder secundarista, e começava a transar com o pessoal da Faculdade de Medicina, ali na 28 de Setembro, quando houve um tremendo quebra-pau e morreu até um estudante. Então, minha família achou que eu podia ficar muito visado, e decidiu me tirar dali, mandar para "outro mundo": Copacabana, onde havia outro ramo da família. Eles também sacaram outras coisas em relação a mim — eu era muito rebelde, tinha problemas no colégio, sofria do que os psicólogos chamavam de "liderança negativa".

Aguinaldo — **E em Copacabana?**

Anselmo — Começou essa história de teatro. Eu nunca tinha pensado em ser ator, até que me apaixonei por uma pessoa que gostava de teatro, e, de repente, eu escrevi e interpretei um monólogo, chamado "O Auto da Expiação", no Colégio Acadêmico, no Largo dos Leões, em 1971. Daí, começei a me aproximar do teatro, mas era aquela época em que se dizia muito que o teatro morreu.

(Aqui, a entrevista toma um rumo inesperado: João Carlos e Anselmo descobrem que trilharam o mesmo caminho — trabalharam com grupos estrangeiros que pintaram por aqui, como Las Mamas e Lobos, e iniciam altos papos sobre Julian Beck, o Living Thether, Zé Celso Martinez Corrêa, etc., até terminar com a insólita estréia de Anselmo no teatro, num texto caretíssimo de — **toc, toc** — Guilherme Figueiredo, intitulado "Maria da Ponte"

Anselmo — Você vê, eu nunca estava transando na minha própria faixa, entende? Tinha problemas de relacionamento muito sérios por isso, porque estas pessoas com que eu trabalhava, na verdade, estavam em outra. Então, a maneira como eu conseguia me relacionar com elas era através da imaginação. Eu fui acumulando dentro de mim, numa espécie de sótão, uma série de informações, e as usava quando precisava me aproximar de alguém. Com o tempo, fui percebendo que estas pessoas acreditavam em mim. Tinha aquela transação de olho no olho, tudo o que eu dizia era verdade.

Aguinaldo — **Você descobriu que era ator. Tudo bem, mas à gente ainda não chegou lá: e a Eloína.**

Anselmo — Miguel Faria Jr., o diretor do filme, me chamou realmente pra fazer Carlinhos.

Prieto — **E eu queria fazer Eloína. Antônio Calmon esteve lá em casa e, quando eu lhe contei a história do filme, ele foi logo me ouriçando: "Este papel só quem pode fazer é você". Aí, quando eu chego na produtora no dia seguinte __ eu já tinha sido chamado pra fazer a ambientação, os figurinos, Miguel me diz: "Anselmo quer fazer a Eloína. Você acha que ele pode fazer?" Vejam só o meu dilema; eu disse "pode". Porque eu sabia que Ânselmo era um senhor ator.**

Aguinaldo — **Ele fez até um teste; eu vi, estava lá.**

Prieto — **Pois é: com uma peruca preta, horrorosa...**

João Carlos — **Que você pôs nele de propósito...**

Prieto — **E de bigode __ que horror! __, porque estava fazendo outro filme. O teste foi péssimo, mas ele ganhou o papel.**

João — **Plim, plim! E então?**

Anselmo — Eu já tinha sentido que Eloína não era apenas um travesti que pintava num filme, era mais que isso. Era a primeira vez que um personagem desse tipo aparecia em nosso cinema sem aquela característica de condenação: ele vai buscar no que lhe aconteceu no passado os motivos para assumir uma posição no presente e traçar seu próprio futuro. Quer dizer, não têm aquela coisa shakespeareana do personagem que comete um erro trágico no passado e que, por isso, tem que ser castigado, punido, violentado.

Assim, eu não estava muito interessado em representar este personagem de forma naturalista, em fazer uma espécie de "reportagem" sobre ele. Por isso, evitei fazer pesquisas, esse tipo de coisa. Cheguei a ir ver um "show" de travestis com Paula, mas nem fui aos camarins.

João Carlos — **Mesmo antes do filme, você não tinha visto muitos "shows" de travestis?**

Anselmo — Não. Porque eu sou um tipo de ator — minha ideologia da representação tem muito a ver com a caracterização. Durante meus anos de solidão eu via muitos filmes de tevê, e ficava pensando naqueles atores que criavam uma cara para cada personagem que viviam — tinha até um filme sobre Lon Chaney, "O Homem das Mil Caras", que era um barato. Além disso, minha visão do personagem era a seguinte: Eloína é um homossexual que sente um amor muito forte por um homem; e quando este morre, ela parte para se transformar, primeiro, num grande travesti, e finalmente, num ser humano maior ainda. Assim, quando eu comecei a compor o personagem, minha primeira expectativa diante dele foi uma lembrança anterior: uma vez, num bloco de sujo que a gente fazia em Ipanema, eu me vesti de mulher, e alguns amigos ficaram espantados, dizendo que eu estava muito parecido com minha irmã. Daí, eu resolvi que o ponto de partida seria transar com esta ambigüidade, com este lado feminino que havia dentro de mim.

João Carlos — **Mas o processo de criação do personagem não foi apenas interior, não é? Afinal, o travesti é, também, a representação física deste lado feminino, desta ambigüidade...**

Anselmo — Durante os dois meses de filmagens eu me depilei totalmente, com cera quente. Tive os cabelos pintados de vermelho, fiz as sobrancelhas. A depilação era feita num salão de beleza onde os travestis também se depilavam. Então, eu sofria o processo e, ao mesmo tempo, via como eles sofriam este processo.

Aguinaldo — **E eles?**

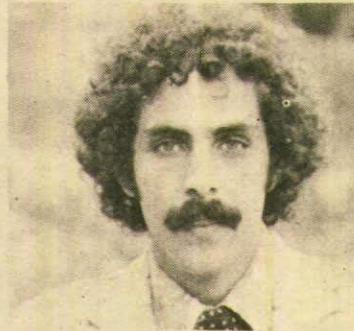
Anselmo — Eu dizia que ia fazer um filme, que tipo de personagem ia fazer, e eles imediatamente assumiam uma posição defensiva. Era como se dissessem: "Você? Como é que pode, malandro, qual é?"

João Carlos — **Depilado, de cabelos vermelhos, sobrancelhas feitas... E como é que teus conhecidos reagiram?**

Anselmo — E ainda deixei crescer as unhas. Aí começou a pintar um clima estranho, uma espécie de expectativa das pessoas, quando eu saía na rua. O jeito como olhavam pra mim... Porque, vocês sabem, homem de unha grande ou é cafajeste ou é bicha. Inclusive teve um incidente com um policial, uma vez. Eu vinha das filmanges dirigindo o meu carro, quando me pararam numa **blitz.** O policial me pediu documentos, me examinou longamente; eu mostrei os documentos do carro, que estavam no

Mas é apenas um filme

Fotos: Paula Chapman

Um roteiro perfeito, do bofão ao travesti

nome de Paula, mas resolvi curtir um pouco a coisa: nada de dizer "Eu sou ator, estou assim porque estou fazendo um filme", nada disso. Pois bem: o cara foi gentilíssimo! É como se dissesse: "Eu te manjo, mas tudo bem..."

Agora, agressão, mesmo, veio da parte de alguns conhecidos; olhavam pra mim como se pensassem: ":Você, heim? Nunca me enganou..." Eu notava uma certa excitação nas pessoas. Daniel Filho, quando me viu na praia todo depilado, de sobrancelha feita e de cabelo vermelho, deu um grito!

De repente, eu comecei a curtir muito esta expectativa das pessoas. Eu sentia que essa coisa feminina saía de mim, que, na verdade, o meu lado feminino estava se manifestando através de Eloína, e de uma maneira descompromissada. Quer dizer, aquilo era um papel que eu estava vivendo, com todas as conseqüências que uma escolha desse tipo poderia me trazer. Mas no fundo eu sabia que a cortina um dia ia fechar, e que eu ia voltar a ser como era antes.

Mas, veja bem, eu não acho que nunca teria sido um homossexual. Apenas, o que me aconteceu é que eu me encaminhei numa outra direção, acho que é uma questão de cultura. Eu tenho amigos, pessoas muito bonitas, e é até possível que, em determinadas circunstâncias, pudesse acontecer alguma coisa entre nós. Não falo de trepar, porque o homossexualismo não está restrito ao ato sexual entre duas pessoas do mesmo sexo; falo de uma situação, um clima, uma coisa energética, um sentimento.

Aguinaldo — **Bom, você já se depilou, pintou o cabelo, fez as sobrancelhas, deixou crescer as unhas, enfrentou uma** blitz **policial e compreendeu que o personagem Eloína merecia muito mais do que uma simples caricatura. E o "lay-out", a arte-final?**

João Carlos — **Pois é: até que ponto o trabalho de Carlinhos Prieto como maquilador e figurinista foi importante neste processo?**

Anselmo — Não foi apenas importante, foi fundamental. A roupa tem um significado especial para travesti. Quer dizer, ele não vai numa loja comprar uma roupinha qualquer, ele faz a própria roupa. Tanto que você conversa com um deles, e ele lhe diz, por exemplo: "Lembra daquela roupa que Gina Lolobrigida usou na cena tal do filme tal?" Carlinhos Prieto levava duas horas me maquilando. Durante todo esse tempo conversava comigo sobre a roupa, sobre a maquilagem. Ele fazia minha cabeça. E no personagem tem muito desse papo. Às vezes, ele estava angustiado, ouriçado, e aí dizia pra mim: "Hoje vamos escrachar bem, porque tá tudo muito ruim, a vida tá difícil, a barra tá pesada." E na hora de filmar era isso que pintava.

Prieto — **A primeira coisa que eu percebi neste filme é que o travesti tinha um progresso — em "República dos Assassinos" ele é um ser estigmatizado, sim, mas é também aquele que tem mais sensibilidade para perceber que tudo está pobre ao seu redor, e que ele é apenas mais um dado na paisagem. Tanto que, no final do filme, ele é o grande vingador. Foi pensando neste progresso de Eloína que eu o maquilei e vesti; cada roupa, cada maquilagem, ajuda a contar a história do progresso deste travesti dentro do filme. Eu me entreguei totalmente a este trabalho, porque tinha certeza que ele era importante. E a equipe inteira tinha consciência disso. Daí, o filme passou a girar um pouco em torno do personagem Eloína.**

Anselmo — Inclusive, na filmagem da última seqüência, em Parati, teve uma alteração. As coisas não rendiam, porque Tarcísio tinha o seu ponto-de-vista sobre como devia ser feita a cena, mas aos poucos foi surgindo outro ponto de vista, e eu começei a sustentá-lo. Porque a gente estava em Parati, uma cidade de vida guei intensíssima, toda a equipe estava comprometida com esta visão de Eloína de que a gente falou agora, e de repente eu me senti, na pele do personagem, assim como uma espécie de bandeira...

Prieto — **Sim, porque quando Eloína vai matar Mateus Romeiro (n. da r.: No filme, este personagem, vivido por Tarcísio Meira, representa o Esquadrão da Morte), não é porque ele a rejeita...**

Anselmo — ...Mas porque quer vingar a amante, que foi morto por ele. Há muita coisa por trás deste ato, até mesmo um certo fascínio que o travesti poderia ter sentido, a certa altura da vida, pelo assassino. Mas o importante é este sentimento de vingança, através do qual ele assume seu lugar no mundo e dignifica a sua paixão. Há até uma rubrica que Aguinaldo botou no roteiro: quando ela mata o assassino, sai dirigindo a lancha com "um rosto de homem." Deu pra sentir que este rosto de homem não significa um rosto másculo, viril, mas sim, o rosto de um ser humano,despojado das máscaras que lhe impuseram.

Aguinaldo — **É isso aí...**

João Carlos — **Você mata o Tarcísio Meira, mas você também o ama. Como é que você se sentiu, fazendo uma cena de amor com um dos homens mais bonitos do Brasil?**

Prieto — **Primeiro eu queria dizer que Tarcísio é um belíssimo ator e que este filme significa uma virada na carreira dele; uma virada proposital.**

Anselmo — Bom, o Tarcísio é um homem enorme, maior do que eu. Quando chegou a hora de fazer a tal cena, Miguel Faria Jr. mandou que eu deitasse, e depois, que ele deitasse sobre mim. Ele deitou de tal maneira que só ficou o meu rosto aparecendo; pousou uma mão no meu ombro, e então eu vi que era por aí que deveria surpreendê-lo, porque o trabalho de ator tem muito isto: a gente surpreende o parceiro para, com isso, provocar uma situação. Eu fiz isso mordendo a mão de Tarcísio. Foi uma cena muito difícil, para nós dois, houve um momento em que a coisa funcionou: naquela filmagem, que durou cinco minutos, há pelo menos um instante em que aquelas duas pessoas estão realmente transando, em que elas conseguem transmitir toda a sinceridade que o momento exigia. Ficou muito bonito.

Já com o Tonico Pereira foi mais fácil, porque a gente se conhecia há muito tempo. Então a gente até brincava sobre a nossa transação no filme (**ele é "carlinhos", o amante de Eloína**). Tem uma seqüência em que ele vai viajar pra Corumbá, levando um carro roubado, e então eu percebo que ele vai **dançar**, vai morrer. Aí eu lhe peço: "Antes de ir embora, me dá um beijo". Pois o Tonico veio e me deu um tremendo chupão! Era como se a gente dissesse: "Já que estamos aqui..." É aquela coisa lúdica de que eu falei há pouco, de o ator usar um pouco o personagem para curtir um lado todo seu que está adormecido, ou que ele conhece pouco.

João Carlos — **Houve algum problema com os travestis que trabalharam no filme? Alguma má vontade da parte deles ao ver você, um heterossexual, fazendo um papel que poderia caber a um deles?**

Anselmo — Primeiro eu gostaria de colocar que me preocupa muito, por exemplo, ver pessoas que não são atores sendo convidadas para representar papéis que deveriam caber a atores. Neste caso específico houve problemas, sim. Quando eu fui me depilar pela primeira vez, senti uma certa hostilidade dos travestis que estavam lá fazendo a mesma coisa; não propriamente hostilidade, mas desconfiança. Numa das vezes, um deles se aproximou de mim — era um mulherão — e perguntou: "Neném, é você quem vai fazer o filme?" Eu respondi que sim, e ele se apresentou: "Meu nome é Eloína". Eu lhe perguntei: "E como é que é?" E ele: "Ah, é **very complicated**."

Depois, na cena do "ôba" do teatro de revista, a "estrela" era eu, mas quando começavam a filmar, os travestis que faziam figuração tratavam de ficar na minha frente, era cotovelada pra todo o lado. Pior foi na seqüência em que eu canto a música de Chico Buarque de Holanda, filmada no cabaré Casanova. Lá, a hostilidade era tão patente, que me deu um branco, eu não conseguia fazer, estava duro demais. Então o diretor, Miguel Faria Jr., chamou um dos travestis que fazia figuração e disse: "Faz aqui pra gente, mostra como é". Ele fez e, a partir daí, tudo melhorou; eu percebi que eles queriam apenas provar que também podiam fazer aquilo, mostrar que aquele universo do qual a gente estava falando era deles.

Porque um travesti é uma coisa muito séria, a sensibilidade dele é uma coisa muito séria. Um travesti, quando está no auge, tem pelo menos seis anos de trabalho — depilação, hormônio, colocação de voz, etc... Então, eles deviam pensar: "Como é que este cara, que nunca transou estas coisas, pode vir aqui e tomar o lugar da gente?" Veja bem, eu acho o travesti uma coisa incrível, eu acho que eles são um passo adiante em direção à ambigüidade do ser humano, que é uma coisa natural, mas que a gente reprime. Então, estes contatos com os travestis, durante as filmagens, também me fizeram ir acrescentando coisa ao personagem Eloína; até mesmo esta hotilidade, esta desconfiança, me ajudou a entendê-lo melhor. Agora o que eu acho também é que, da parte do diretor do filme, botar um ator pra fazer, pra representar um travesti, foi uma atitude de grande respeito em relação a este personagem.

João Carlos — **Uma perguntinha pro Prieto: você acha que este filme é pior, igual ou melhor que outros filmes brasileiros sobre o tema?**

Prieto — **Eu trabalhei no "Rainha Diaba", que foi um filme muito importante na época. Mas nele, o homossexual ainda era uma caricatura. Eu não fiz, outra coisa, dei um jeito de ficar parecido com a Maria Schneider, quer dizer, eu tentava dar um toque de atualidade, de modernidade ao filme. Mas, no final, foram os caricatos que ficaram no primeiro plano, não deu pra entender a minha dica. Já neste filme, não, a história é outra; ele é da maior importância, além do seu aspecto de denúncia social, porque já não é mais uma história de bichas e bandidos; ele está falando é de uma coisa atualíssima, está falando de minorias.**

Aguinaldo — **Anselmo, você não tem medo que este papel, pela importância que ele tem no filme, e também por seu desempenho — que está sendo elogiadíssimo por quem já o viu — acabe marcando a sua carreira?**

Anselmo — Não. Alguns amigos chegaram a me alertar sobre isso: "Cuidado, a partir de agora só vão te chamar pra fazer papel de bicha". Mas você vê: eu ainda nem tinha terminado "República dos Assassinos", e me chamaram pra fazer Bigodinho, um assaltante, no episódio "Sete Dias para Morrer", de Plantão de Polícia; e no filme "Eu Matei Lúcio Flávio", de Antônio Calmon, eu representei um torturador.

Aguinaldo — **E eu sei de pelo menos três diretores que estão pensando em filmar, e que só falam em você; e é tudo papel de machão...**

(Risadas. Paula bate mais uma foto do grupo e, com isso, atrai a atenção dos entrevistadores. João Carlos, então, lhe dirige a pergunta que pretendia fazer desde o começo).

João Carlos — **E você, Paula, como é que se sentiu vivendo com um homem todo depilado durante dois meses?**

(Ela se aproxima de Anselmo, passa uma mão nos seus cabelos e sorri, antes de responder)

Paula — Bom, como os pelos cresciam muito depresa, me incomodavam muito, porque de noite ficavam me espinhando...

A música popular entendida de dona Lecy Brandão

"O sistema descobriu uma coisa: guei agora vende, dá bom lucro"

Lecy Brandão, com duas acompanhantes, na hora da verdade. José Fernando segura o microfone. Chrysóstomo escuta

De três anos para cá, além de indiscutível substância artística, a compositora Leci Brandão ganhou também a fama de ser um dos porta-vozes musicais daquilo que ela mesma chama de "povo guei brasileiro". No LP "Coisas do Meu Pessoal", a música ligada ao tema era "Ombro Amigo"; no seguinte "Questão de Gosto", os homossexuais foram homenageados com "As Pessoas e Eles". Em seu novo disco, a sair em breve, intitulado "Metades", é ainda mais clara, ao responder, na letra de "Chantagem", aos que a criticaram por fazer músicas para Eles & Eles e Elas &Elas:. "Pensar que vou me incomodar/Só por dizer que vai contar/Por resolver que vai me estragar/Eu sei de mim e sei de mais/Saiba que as coisas **anormais**/Estão presentes no seu modo de pensar". Mas será que ela não se incomoda mesmo de falar e ser indagada, livremente, sobre um assunto ainda polêmico, participar de um debate tão novo enquanto discussão aberta? Mais: que tipo de elo é esse existente entre Brandão e as hostes guei: platônico, militante? Entrevistada por José Fernando Bastos, Antônio Chrysóstomo e pelo fotógrafo Maurício Domingues, ela acabou por entregar tudo, sem meias palavras. Nas duas páginas seguintes o leitor poderá sentir o peso da sinceridade dessa artista que não hesita em conversar abertamente sobre a sua tríplice — e nem sempre fácil — condição de mulher, negra e homossexual.

Chrysóstomo — **Você foi a primeira mulher a integrar uma Ala dos Compositores de Escola de Samba, não é?**

Leci — É. Em 1971 eu já tinha amizade com alguns compositores da Mangueira. O Zé Branco — como diz o nome, um cara branco, branquinho, pois em samba não há separação entre negro e branco —, que conhecia um pouco o meu trabalho, teve a idéia de me levar pra lá. Fui com ele, tinha mais ou menos uns quarenta compositores reunidos, só homens. Levaram um susto, né?

José Fernando — **Como primeira mulher no meio da macharia você chegou a sofrer alguma discriminação?**

Leci — No princípio não foi um problema de discriminação, foi de surpresa. Porque eu, que não nasci nem fui criada no morro, querer me enturmar com eles, deu uma desconfiança, né? Ai o presidente da Ala, na época o José Brogogério, pediu que eu escrevesse uma carta, solicitando minha entrada oficial. Escrevi e disse que queria ir pra lá a fim de adquirir a cultura deles, saber o que era exatamente um partido-alto, um samba de roda, as estruturas melódicas, rimas e métricas.

Chrysótomo — **Você já compunha samba?**

Leci — Samba do meu jeito, sem o conhecimento específico que só se adquire num reduto de cultura popular como a Mangueira.

Maurício — **Demorou muito ser aceita?**

Leci — Fizeram um teste, um período de adaptação de mais ou menos um ano. Já em 72 eu desfilava com a Escola, primeira mulher a entrar na Avenida no meio dos compositores, com o emblema da Mangueira bordado no bolsinho do terno da Ala. Primeira mulher a envergar o terno da Ala dos Compositores.

Chrysóstomo — **Quer dizer que a Mangueira só ajudou a sua afirmação pessoal?**

Leci — Ajudou muito. Mas em 74, no concurso para escolha do samba-enredo para o carnaval de 75 eu fui discriminada, por ser mulher e também por não ser do morro. Eu concorria em pé de igualdade com os homens, meu samba era dado como vencedor, cantado por todo mundo. Chegou na hora, foi aquela história: "essa menina chegou ontem prá cá. Tá muito cedo, não vai ganhar". Não ganhei mesmo.

Chrysóstomo — **Já foram feitas acusações de que você teria se aproveitado da Ala dos Compositores da Mangueira para se lançar no mercado.**

Leci — As pessoas que falam isso não sabem de mim. Antes de ingressar na Ala eu já participava dos ensaios, era sócia efetiva da Escola. Desde menina freqüento a Mangueira, embora não tenha sido criada no morro. Minha família é de lá, minha avó foi da Ala das Baianas, minha mãe foi pastora. Tem muita gente boa por aí — Evaldo Gouveia e Jair Amorim, Luís Ayrão, vários deles — que viraram sambeiros depois que o Zuzuca faturou trezentos milhas com "Pega no Ganzê". Antes disso, antes mesmo do Lacerda (**N.R.: o ex-governador Carlos Lacerda**) fazer arquibancada e fechar o desfile pro povo, eu já assistia escola de samba no carnaval. Ia pra lá, pra beirada da calçada, segurar corda e levar beijo de cavalo da PM, borrachada dos homens, pra ver a Mangueira.

CHRYSÓSTOMO — **Mangueira à parte, quem foi que te deu força no início dos trabalhos?**

Leci — O Sérgio Cabral foi a primeira pessoa que, em 72/73, fez força para gravar, produzir disco comigo. Então o seu Jorge Coutinho, quando fala por aí que eu sou mau-caráter porque não gravo disco produzido por ele, está redondamente enganado. Quando eu me apresentava nas Noitadas de Samba do Teatro Opinião, produzidas por ele, já tinha um compromisso com o Sérgio Cabral. E quando tenho um compromisso com as pessoas costumo cumprir, mesmo que não esteja assinado. O Sérgio foi o meu primeiro produtor.

José Fernando — **Mas você aceitou o rótulo de sambista para ser lançada. É ou não é?**

Leci — (Indgnada e incisiva) Eu nunca usei a Mangueira pra me promover! Sou apenas fiel ao que a Escola me deu de bom

Chrysóstomo — **Vamos explicar essa coisa de ser ou não sambista de uma vez por todas?**

Leci — Os aproveitadores, fazedores de Sambas-enredos pra ganhar dinheiro, esses tipos de que já falei, nunca foram de qualquer Ala dos Compositores de qualquer escola, grande ou pequena. Eu, quando comecei a compor, procurei logo a minha escola, a Mangueira, para aprender. Depois de "Pega no Ganzê", depois que viram que samba-enredo faturava, eles começaram a confeccionar sambinha de refrão fácil, que cai bem no ouvido do povo e pode ser repetido nos bailes, nas ruas, fora do desfile. Isso empobreceu as Escolas. Quando se fazem mais sambas como "Chica da Silva", "Monteiro Lobato", "Casa e Senzala"? O negócio virou faturamento, entrou arrecadação, tutu grosso, Associação das Escolas de Samba no meio. Isso eu nunca fiz nem vou fazer. De outro lado, no meu primeiro disco você já encontra uma canção, na quarta-faixa, lado A, chamada "Pensando em Donga", em homenagem ao Donga, mas que não tem nada a ver com a estrutura tradicional do samba. Tinha um arranjo incrível do maestro Ivan Paulo que o senhor Tinhorão taxou de "coisa modernosa". Em compensação escreveu também que a letra podia ser assinada, sem susto, por Chico Buarque ou Aldir Blanc. Já viu a confusão do cara, né? Então eu já procurava me transformar, criar por mim mesma, mas sem negar as minhas origens mangueirenses. Não sou sambista (sambista é quem diz samba no pé, e eu não sou passista, tá entendido?). Sou compositora de música popular. E como compositora estou livre para fazer meus sambas, minhas canções, minhas letras líricas ou minhas reportagens sobre a realidade social, para criar o que quiser, sem rótulo de sambista nem bolereira.

José Fernado — **Suas influências quais são?**

Leci — Simples: Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, Carmen Costa, Jamelão, Ademilde Fonseca, Alaide Costa e Bienvenido Granda, aquele cubano bigodudo de quem meu pai, que era da Marinha, trouxe um disco pra casa, numa de suas viagens internacionais.

Chrysóstomo — **Num LP você gravou "Ombro Amigo", em outro "As Pessoas e Eles", suas músicas dedicadas ao povo guei, seus problemas etc.. Falar de homossexual vende jornal e discos, populariza artistas. Com você, o que aconteceu?**

Leci — Eu não sei se vende ou populariza. No momento em que fiz essas músicas o registro era todo de sensibilidade, pureza, honestidade. As pessoas do meio em que eu vivo atualmente, pessoas gueis, me dizem muita coisa, para mim são pessoas importatíssimas. Compus pensando nesses amigos.

Chrysóstomo — **Deu certo, não foi?**

Leci — Minha gravadora morreu de medo do disco ser aberto, primeira faixa, lado, A, com "Ombro Amigo". Alegaram que tinha de abrir com um samba. No fundo tinham mesmo era medo da música, abertamente dedicada ao povo guei. Só que aconteceu exatamente o contrário: ninguém pixou, proibiu. Lancei o disco numa festança no Café Concerto Rival, cheio de gente da Mangueira, baianas tradicionais ao lado de travestis, pessoal do morro confraternizando com homossexuais da zona sul do Rio. Então, como deu certo, todo mundo diz "a Leci apelou".

Maurício — **A arte não é uma coisa etérea, sem sexo?**

Chrysóstomo — **Cruzes! Demorou mas a arte etérea baixou no LAMPIÃO!**

(Os companheiros da entrevista e dos entrevistadores promovem grande alarido em torno de sexo e arte etérea. Leci mantém a compostura de entrevistada)

Leci — Eu não pensei, "não, porque agora eu vou atingir as bichas". Foi uma coisa de amor, numa noite em que eu fiquei numa boate até o final e saí dali deprimida e no dia seguinte pintaram a letra e a música na minha cabeça.

Chrysóstomo — **O seu relacionamento com o homossexual, entendido, povo guei, como se**

— Quero continuar cantando todas as minhas preferências

queira chamar, é platônico ou participante?

Leci — Platônico e participante.

Chrysóstomo — **Em que sentido?**

Leci — Quer ver? Por exemplo, o fato de eu ser homossexual é uma coisa que não me incomoda, não me apavora, porque eu não devo nada a ninguém. As coisas todas que eu fiz foi com muito sacrifício, tudo que eu consegui veio através de uma batalha de muito tempo. Tenho dignidade, nunca fui venal, nunca paguei a ninguém para tocar os meus discos nas rádios. Esse é o meu lado participante. Se sou peito aberto com os outros porque não vou ser comigo mesma? E platônica eu sou, porque desde o momento em que conheci o lado guei, conheci pessoas maravilhosas, que me amam como eu sou, não por causa de fama, essas bobagens. A gente conversa, a gente é franco um com o outro, não precisa estar deturpando ou armando jogadas, nada disso. É por isso que eu transo o meu povo homossexual.

Chrysóstomo — **Sem problemas?**

Leci — A gente já é marginalizado, de cara, pela sociedade. Então a gente se une, se junta, dá as mãos. E um ama o outro, sem medo nem preconceitos. É um negócio maravilhoso, que eu estou curtindo de cabeça, realmente. É o mais produtivo mergulho que eu já dei em mim mesma e na vida!

(A platéia queda, estuporada, por segundos. Há, finalmente, um rumor de frases, de perguntas atravessadas no ar.)

José Fernando — **Você aceitaria algum título desses que tem por aí, de Rainha do Povo Guei, por exemplo?**

Leci — Não, eu não aceitaria esse título e vou explicar porque. Rainha de Guei já passa a ser uma coisa meio badalativa, uma coisa turística, vista de fora para dentro. Aí eu já estaria usando o meu lado guei para me promover e não estou a fim disso. Eu trabalho, componho, vou às rádios, tudo isso, profissionalmente. Vou a tudo quanto é show de travesti. Amo travesti. Mas sempre num respeito por mim mesma e pelos outros, muito grande, extremo. Minha transação com meus iguais é de pessoa para pessoa. É até engraçado. Como é que eu ia poder reinar sobre os meus semelhantes?

José Fernando — **Mas você comparece a festas gueis públicas, em sua homenagem...**

Leci — Quando tem muita badalação às vezes eu evito ir. Eu quero que as pessoas enxerguem esse meu lado homossexual como uma coisa séria, que haja respeito. Tanto que dentro da boate Gaivota, no dia 7 de setembro do ano passado, quando houve uma homenagem lá pelo lançamento do meu disco "Coisas do Meu Pessoal", cheguei no microfone e disse "Toma cuidado com os forasteiros, minha gente!" Porque nós temos de ter cuidado com os "curiosos" entre aspas, porque eles estão sabendo que a questão homossexual vende revista, disco, jornal. O sistema descobriu que guei lá dá lucro. Todo mundo vai ler, comprar; todo mundo quer descobrir endereço de boate entendida. Depois essas pessoas chegam nas boates, pegam o homossexual, que está lá às vezes encucadíssimo, num fim de caso, usam e abusam da figura. Transa, entrevista, etc., e depois cai fora. Mas cai fora porque a cuca do "curioso" não está preparada para um lance daqueles, de verdade verdadeira. É por isso que um monte de gente por aí está fu e mal paga: porque se meteu com a pessoa errada, com um desses turistas do homossexualismo.

José Fernando — **É, gente. Agora estou entendendo porque a Leci Brandão foi tão votada no concurso de Guei do Ano do "Correio de Copacabana." A Glorinha Pereira lançou o tal concurso, que recebeu, em três meses, um total de quase sete mil votos. E Leci ficou na quarta colocação, com uns oitocentos votos, acima de cantoras que estão na batalha há muito mais tempo, como Gal Costa, Maria Bethania. Ganhou até da Simone, novo ídolo guei da praça.**

Chrysóstomo — **Quem lançou as candidaturas? Foi voto direto?**

José Fernando — **Foi voto direto. Ninguém apresentou candidatura de ninguém. Cada leitor ou eleitor votou em quem quis. Teve gente que não entendeu a idéia de Personalidade Guei e votou em Fernanda Montenegro, Tônia Carrero, por aí.**

Chrysóstomo — **Se foi voto direto sou a favor. Cada um tem a eleição que merece.**

(Leci ri e também se declara a favor de eleições diretas)

Maurício — **Quem foram os outros eleitos?**

José Fernando — **Em primeiro lugar o Toni Ferreira, seguido na ordem de votação pelo Ney Latorraca, Ney Matogrosso e Leci Brandão. E quinto ficou o João Paulo Adour.**

Chrysóstomo — **Ué. Ney Latorraca e João Paulo Adour são personalidades gueis? Pensei que eram atores de novelas da Globo.**

José Fernando — **O que me surpreendeu mesmo foi a primeira colocação do Toni Ferreira e a quarta da Leci. Os dois, vamos usar a palavrinha chata, são assumidos. Então nesse jogo de esconde-esconde da maioria dos artistas, era pra eles não serem nem lembrados.**

Chrysóstomo — **Surprise! A verdade rende voto! Isso contraria todas as regras de jogo. Você é uma**

espécie de porta-voz guei; aceita esse papel?

Leci. Por que não? Desde que se encare o guei como uma pessoa, um estilo de vida tão digno e sério como outro qualquer, posso ser porta-voz da situação do meu pessoal. Mas olha lá. Nada de guei tratado ou agindo como coisa jocosa, que não se dá ao respeito. Aquele estilo do aaaiii, cheguei! Só serve a quem é contra nós, de forma declarada ou disfarçada.

José Fernando — **Qual seria o comportamento certo?**

Leci — O negócio é bem diferente. Por exemplo, jornalistas de nome se unem e fazem um jornal como o LAMPIÃO, a que se pode dar crédito. Artistas se unem e fazem um espetáculo guei, de consistência. De minha parte faço minha música e meu canto. Quero continuar cantando livremente todas as minhas preferências, inclusive as sexuais. Sempre falando e cantando de uma forma nova, bonita. A gente pode falar de cama e sexo de uma forma limpa e criativa, pois o sexo também pode ser limpo e criativo. Uma coisa de classe.

Chrysóstomo — **Classe? Igual no IBOPE., classe A,B,C?**

Leci — Acontece, por exemplo, que eu tenho minha mãe, Leci Conceição Brandão, uma mulher que nasceu em 1922, tem um padrão de vida completamente diferente, tem outra cabeça, mas é uma pessoa que eu respeito — não tenho pai há muitos anos —, e sei que ela não aceita certas coisas. Como ela merece respeito, penso duas vezes antes de tomar qualquer atitude. Classe é isso. Fazer as coisas sem violentar os outros.

Chrysóstomo — **Apesar de já levar certa vantagem, por ser famosa, você é negra, homossexual e mulher. Todos nós sabemos que negro, homossexual e mulher são algumas das espécies mais discriminadas. Você não tem medo de se expor, de enfrentar a barra dos preconceitos?**

Leci — Peraí. Você falou como?

Chrysóstomo — **Você não tem medo das pessoas te olharem diferente porque é negra, mulher e homossexual declarada?**

Leci — Eu teria medo dos outros se não fosse nada disso e estivesse fazendo um trabalho supérfluo, alguma coisa simulada, se estivesse mentindo para vender disco. Mas como eu estou fazendo verdade dessas três condições, acho que fica tudo bem. Assumo minha cor e minha condição feminina porque nasci assim e nunca usei isso como argumento, como "me ajuda que sou preta, mulher e fraca"; para pedir favor aos outros. Que nada! Por ser preta e mulher é que trabalho muito, desde pequena. Agora assumo também a minha condição de gostar de outra mulher. Isso pintou na minha vida porque tinha que pintar. Ninguém obrigou, induziu, nada disso. Como eu estou fazendo tudo de verdade, de cabeça, não tenho medo do preconceito das pessoas. Quando alguém tem consciência do que faz só tem a ganhar. Quando você acredita em você — e sabe porque está acreditando — não existe motivo para medo nenhum.

Maurício — **Você não acha que a imprensa também é culpada por isso, pelo preconceito contra os homossexuais? (Início de tumulto. Leci responde, alheia ao barulho dos litigantes)**

Leci — Não sei não. Pode ser que a imprensa tenha uma parte pequena de responsabilidade.

Maurício — **Pequena como, com essa mania de turistizar o sapatão e a bicha?**

Leci — A mania não é só da imprensa, não é?

Chrysóstomo — **Como jornalista gostaria de esclarecer que uma parte da imprensa, a imprensa machista, tem responsabilidade sobre esse problema sim. Mas me admiro você Maurício, repórter fotográfico, colocar o problema de jeito tão simplista. Virou moda, moda perigosa, alienante, culpar a imprensa por tudo o que acontece. Não foi a imprensa que inventou a bicha nem o sapatão. Tudo vai depender do jornalista ou do veículo que publicar a matéria.**

Leci — É muito isso. Mas o preconceito existe.

Chrysóstomo — **O machão que redige uma nota mal escrita, toda deformada, sobre uma bicha assassinada por um michê, apenas reflete o problema de formação. Ele já tinha o preconceito é — mais antigo. Presumivelmente existe desde a Idade da Pedra Lascada, quando o homem matava o mais fraco, quem sabe o afrescalhado da época, porque o cara representava uma ameaça à procriação, à ocupação física do mundo animal mais forte, o homem primitivo. O problema mesmo é a preservação da espécie. Tá na cuca de todo mundo, da bicha mais doida. Só quero ver agora, com o bebê de proveta como é que vai ficar.**

Maurício — **Bebê de proveta não vem ao caso.**

José Fernando — **Por falar em bebê de proveta, o Nélson Ned disse no programa Flávio Cavalcante que o artista, para fazer sucesso no Brasil, tem de ser esquerdista, homossexual ou toxicômano. O que você acha disso?** (Todo mundo ri)

Leci — **(Cara de espanto, olho arregalado)** Eu nunca conversei com o **Nélson** Ned. Que coisa! Será que ele disse mesmo isso?

José Fernando — **Disse, disse! Foi na TV. Eu vi. E tem mais: acho que se ele afirmou uma coisa dessas é porque muita gente pensa assim. O anãozinho foi a voz da chamada maioria silenciosa.**

Chrysóstomo — **A mesma maioria que o Nixon dizia que falava por ele nos Estados Unidos?**

Leci — Eu acho que as pessoas atacam gente conhecida porque elas têm um recalque incrível, uma frustração de não serem elas que estão no palco, na televisão, escrevendo, assinando coluna, essas coisas.

José Fernando — **Vai ver você tem razão. Já pensou o Nélson Ned de travesti? Ou escrevendo panfletos contra o governo ou doido de fumo por aí?**

Leci — (Engasga de rir. Desengasga e continua) É realmente um absurdo. Eu, por exemplo, nunca usei tóxico para coisa alguma, muito menos para compor ou cantar. Tomo umas biritas de vez em quando, um conhaquezinho para clarear a voz. Agora não tenho nada com a vida dos outros. Se o Nélson Ned queima fumo é problema dele e não meu. Ah, não vou falar sério sobre isso não. Só sei que artista, jornalista, esse pessoal todo trabalham muito. Nós mesmos estamos aqui, às dez da noite, fazendo esta entrevista, trabalhando.

José Fernando — **Ah, outra coisa. O que você acha dessa história de artista bicha posando para reportagem da revista "Amiga" com noiva emprestada do lado?**

Leci — É um problema de insegurança. A pessoa que se garante não vai se preocupar de mostrar noiva, noivo, sei lá o que.

José Fernando — **Você posaria com um noivo arranjado pra capa de uma revista?**

Leci — Claro que não, porque seria ridículo. Depois eu não ia ter nem coragem de me olhar no espelho.

Maurício — **Isso não é porque você vende bem sendo como é?**

Leci — E no princípio, quando não vendia nada, quando comecei? Teria arrumado um noivo pra dar entrevista do lado, não é?

Maurício — **Mas você é uma pessoa forte.**

Leci — É o que eu estou dizendo! Ninguém precisa tapar o sol com a peneira pra fazer sucesso. Esses rapazes, essas bichas que nós conhecemos tão bem, dentro do meio, fazem papel ridículo por insegurança. Fala-se muito nos atores da Globo que fingem machismo para conquistar as fãs. Mas o Toni Ferreira, por exemplo, que conheço bem, já posou para alguma capa de revista com namoradinha do lado? Não, porque ele se preza, tem respeito por ele mesmo.

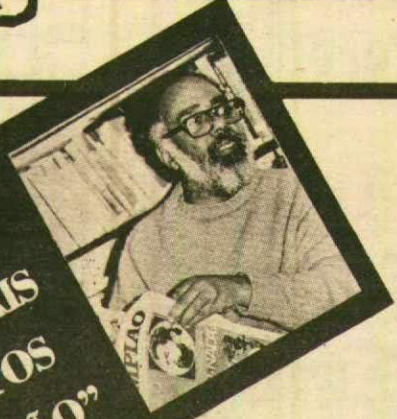
Chrysóstomo — **Esse pessoal não seria vítima do tal Sistema de que tanto se fala?**

Leci — Espera aí, ô Chrysóstomo. Esse negócio de imagem, de consumo, não dá, sabe? Eu falei isso pro senhor Roberto Livi (**N.R. — Atual empresário e produtor dos discos e da imagem de Sidney Magal**), dentro da sala dele, na Phonogram. Ele quis se meter no meu disco do ano passado, dizendo que não tinha entendido esse negócio de "Ombro Amigo", "Vamos ao Teatro", não tinha entendido nada, né? Ele era coordenador da Polydor e me disse com aquele sotaque, "Mas yo quero que usted venda 400 mil discos!" Eu disse: "Bicho, mas eu não estou preocupada em vender quatrocentos mil discos. Você é argentino, um cara que não tem competência para discutir sobre o meu trabalho. Prefiro vender três mil, mas três mil honestos," dando o meu recado".

Chrysóstomo — **Quanto você vende afinal?**

Leci — Cada LP meu chega às 20 mil cópias, por aí. Quero assim, que as vendas aumentem gradativamente, ou que venda pouco, mas só à medida que as pessoas forem conhecendo e aceitando o meu trabalho como ele realmente é. Nada de imagem mentirosa, noivo do lado, bugigangas e poses para enganar o público. Se tem artista que gosta de se emperequetar, melhor pra ele. Eu não faço essa linha. Eu acho que seria muito ruim pra mim, Leci Brandão da Silva, mulata brasileira, chegada a um samba, a um bolero, a uma verdade muito minha, vender uma quantidade enorme de discos. Já pensou? Gravar uma musiquinha qualquer, o público comprar só porque é comercial e amanhã, depois de ter alcançado o primeiro lugar nas paradas, ninguém mais se lembrar do meu nome, do meu trabalho? A qualidade, pra mim, é mais importante do que a quantidade.

Qual é o lugar dos negros no Bra

Francisco, Abdias, Gerardo (com o LAMPIÃO) e Aguinaldo

"NESSA DEMOCRACIA QUEM GOVERNA É A MINORIA BRANCA"

Esta foi a mais catimbada de todas as entrevistas que já fizemos. Começou a ser discutida na reunião de pauta do mês de julho, em São Paulo; e foi definitivamente transada, no Rio, por algumas pessoas do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra; eles decidiram procurar o LAMPIÃO após ler o artigo "E o negro, é beautiful?", de João Carlos Rodrigues, publicado no nº 14 do jornal (o próprio João Carlos, amigo de Abdias, procurou-o para falar do LAMPIÃO e de nossa intenção de abrir espaço para todos os "grupos estigmatizados".).

Assim, numa noite de quarta-feira, nos reuníamos todos na casa de Gerardo de Mello Mourão, velho amigo de Abdias e, como este, um mito nacional (quem não leu um livro seu, "Valete de Espadas", dançou): Francisco Bittencourt, Adão Acosta, Aguinaldo Silva, João Carlos Rodrigues e Jurema Marques (do IPCN). Lá já estavam Elisa Larkien Nascimento — escritora e companheira de Abdias — e o próprio Gerardo que, a certa altura, aderiu à entrevista.

Apesar da gripe fortíssima que o fazia tossir a cada instante, Abdias Nascimento, durante três horas, respondeu às nossas perguntas. Negro, nascido em Franca (São Paulo), integralista na juventude — "tive problemas tanto na direita quanto na esquerda" —, criador do Teatro Experimental do Negro e com um passado de lutas constantes contra a discriminação e o racismo, hoje morando nos Estados Unidos, ele falou da situação atual do movimento negro no Brasil e de suas perspectivas para o futuro, no qual situa com destaque o movimento quilombista, que pretende lançar.

A impressão que ficou, nesta conversa com Abdias, é que se trata de um **visionário;** mas à palavra deve ser aplicado, aqui, um sentido totalmente positivo. Com isso a gente quer dizer que Abdias nesta entrevista, vai além dos fatos que, atualmente, restringem e imobilizam os movimentos libertários no Brasil, até chegar às raízes das contradições que, na sociedade brasileira, fatalmente os farão caminhar.

João Carlos — **Eu queria saber o seguinte: a Igreja acaba de anunciar que vai pôr em prática um programa de ação junto às comunidades negras; e no programa do PTB de Brizola, divulgado em Lisboa, existe um parágrafo sobre os negros; o que é que você acha do súbito interesse de entidades como essas, que sempre foram tão omissas, em relação ao negro?**

Abdias — Quanto à Igreja nós vemos que em toda a História do Brasil ela tomou a frente de vários movimentos, exatamente para cooptar a liderança e para paternalizar estes movimentos. O que significou por exemplo aquelas irmandades, aquelas confrarias do tempo da escravidão? Era exatamente um meio de controle social. A Igreja tem essa tradição de ser muito inteligente e muito sensível na sua maneira de conceber instrumentos de domesticação. Isso aconteceu com os índios: ela criou o teatro brasileiro simplesmente para domesticá-los. Toda aquela parafernália, todo aquele elenco de organizações no tempo da escravidão não tinha outro objetivo senão este: manter o controle sobre o negro. Pra você ver que isso não tinha o menor sentido de justiça social, nem de respeito pelo ser humano africano, basta lembrar que durante todo esse tempo a Igreja tinha escravos não só para servir aos padres, como para lhes render lucros com o seu trabalho. Assim, para nós, a Igreja não tem a menor autoridade quando diz que está disposta a lutar pelo negro brasileiro. Se quiser lutar ao nosso lado, não recusaremos a sua boa vontade. Mas não aceitaremos que ela tente paternalizar o nosso movimento, cujo objetivo é conquistar um melhor padrão de vida para os negros e para o povo brasileiro.

Quanto ao PTB, eles é que se aproximaram do movimento e me pediram que os ajudasse a esclarecer de que modo poderiam atuar em relação aos negros. Veja bem: eles não se adiantaram no sentido de querer absorver o movimento; simplesmente pediram diálogo. Então, a pedido exatamente do Brizola, escrevi um documento no qual ele baseou aquelas declarações de Lisboa. Mas ficou muito claro que isso não era nenhum compromisso com o PTB, porque só podemos nos comprometer no sentido de que o partido que for nosso aliado tem que respeitar toda a estrutura das nossas organizações e todas as nossas reivindicações. O negro não quer mais ser simplesmente um votante, massa de manobra nas eleições; ele quer estar inserido em todos os órgãos de decisões do partido, desde a base até os escalões superiores; só assim é que ele poderia estar engajado num partido. Porque o negro agora está redespertando, retomando uma luta muito antiga, que vem desde o quilombo de Palmares e que passa por muitos outros quilombos, muitos movimentos insurrecionais, levantes e guerrilhas, até chegar a 1930, quando ele fundou a Frente Negra Brasileira.

Eu estou com um livro, que deve sair breve, intitulado "Quilombismo: um novo conceito científico histórico-social." Nele estou tentando definir uma ciência que é uma prática e uma filosofia de liberação do negro. Liberação, aí, é em todos os sentidos: não é apenas o que muita gente pensa — essa de o negro querer entrar num emprego, entrar num hotel; não se trata disso. Trata-se de participar, em proporção à nossa contribuição na densidade demográfica do país, em tudo o que o Brasil tem em termos de poder, de sociedade, de educação, de cultura, em todos os níveis; é isso o que o negro propõe, e são as definições e os conceitos dessa proposição que o quilombismo está tentando criar. Através do quilombismo é que o negro terá um começo de codificação dos seus valores, pelos quais ele vai desencadear essa grande luta político-social e econômica.

O quilombo se apresenta para nós não como um modelo para a formação de uma nova sociedade, mas sim como uma inspiração e um ponto de partida. Porque o quilombo significou, aqui no Brasil, um avanço que os historiadores, os sociólogos e os estadistas jamais quiseram analisar e situar no contexto real da revolução, do processo brasileiro. Sempre se teve aquilo como uma reunião de negros foragidos e só isso, quando o quilombo foi uma organização de sociedade, Estado e, sobretudo, uma adaptação ao Brasil dos princípios milenares do socialismo que existiu na África muito antes de Marx, muito antes do socialismo ser definido em termos de ciência européia, nele não havia explorados nem exploradores, a sociedade era multirracial — havia uma maioria negra, mas também havia mulatos, brancos, índios, que estavam lá convivendo.

Dessa forma, o objetivo do quilombismo é reacender toda essa experiência histórica, reatar esse liame cultural, essa prática social e política; além de querer participar de toda essa reorganização política do país e da sociedade, ele quer contribuir para a própria organização de um novo Estado — o Estado quilombista.

Francisco — **Mas o que significa um Estado quilombista? Seria um Estado negro?**

Abdias — É um Estado da maioria; e por casualidade a maioria é negra, não é? É um Estado democrático, portanto, é um Estado negro, porque no Brasil o negro é a maioria.

João Carlos — **Mas como é que a gente vai provar de modo oficial que a maioria é negra no Brasil? O censo de 1970 aboliu a amostragem por raça, e no censo de 1980 vai acontecer a mesma coisa.**

Abdias — Eu acho que isso é uma coisa muito negativa para a luta do negro, mas é mais negativo ainda pro Brasil. Porque o Brasil, com isso, está fazendo exatamente aquilo que eu denunciei no meu livro "O Genocídio do Negro Brasileiro"; aqui, todas as instituições procuram erradicar o negro de qualquer maneira. E o censo é a parte mais visível dessa ideologia. Pra mim isso não só é lamentável, como é um crime contra o conhecimento do Brasil; não se pode melhorar este país sem primeiro conhecê-lo; e para conhecê-lo, é preciso aceitar o fato de que nele existe uma maioria negra.

Veja só: existe um livro de propaganda do Brasil chamado "Brasil, 1966", publicado em inglês, quando era Ministro das Relações Exteriores o sr. Juracy Magalhães, nascido num Estado africano, Bahia; pois este livro diz somente isto: "a população do Brasil é branca, e existe um pequeno segmento mestiço". Então, você está vendo só a técnica de erradicar, de esconder, de obliterar a parte negra do Brasil? E a parte negra é a maioria. Por causa destes fatos é que eu caracterizo o Brasil como uma "África do Sul à maneira sul-americana".

Francisco — **Uma maneira hipócrita, não é?**

Abdias — Sim: porque é uma pequena minoria branca que manipula a maioria negra; igualzinho à África do Sul; apenas não existem leis, mas está nas instituições, nas leis consuetudinárias, nos costumes, na prática diária: a mesma discriminação, o mesmo **apartheid.** Porque você vê: os mecanismos aqui são mais sutis; não existe uma lei dizendo que você só pode morar no morro; mas de fato, o negro só pode morar nas favelas, nos alagados, nestes lugares horrorosos. Sempre se acha um horror, aqui, quando se diz que, na África do Sul, os africanos têm que ter um passe para andar de um lugar para o outro; ora, no Brasil é a mesma coisa: você pode ver que as cadeias estão cheias de negros, simplesmente porque não têm carteira profissional assinada. Portanto, só muda a aparência; mas, na essência, é igual ao **apartheid.**

Aguinaldo — **Na Baixada Fluminense, por exemplo, os vários esquadrões da morte que lá atuam não matam simplesmente pessoas; matam pessoas pobres e negras.**

Abdias — Exatamente; esses esquadrões são especialistas nisso. As prisões, portanto, estão cheias de presos políticos; porque a prisão por motivos raciais é uma prisão política; e é por isso que nós reivindicamos, também, nessa tal de anistia ampla, irrestrita e coisa e tal, a liberação dos negros presos, que estão aí falsamente definidos como presos comuns; isso é mais uma safadeza dentro de todo este sistema de opressão ao negro.

Aguinaldo — **Você falou em sistema de opressão; você acha que participam deste sistema, mesmo as chamadas "forças progressistas"?**

il? Abdias Nascimento responde

> *Através do quilombismo o negro terá um começo de codificação dos seus valores, pelos quais ele vai desencadear essa grande luta político-social e econômica.*

Fotos de Ana Vitória

Abdias — As forças progressistas no Brasil, para o negro, sempre foram muito direitistas. A esquerda sempre foi muito direitista. A não ser casos isoladíssimos, como Florestan Fernandes, que a gente pode apontar nos dedos de uma mão, a maioria da esquerda também está identificada com as forças mais reacionárias em matéria de coisa negra. E nela o preconceito é mais difícil de combater, porque tem sempre esse charme de que são progressistas, etc...

Aguinaldo — **E usam o artifício da chamada "luta maior"; quer dizer, qualquer reivindicação que parta de uma "minoria" tem que ser deixada para trás porque o que interessa é a libertação do que eles chamam de "povo brasileiro', ou de "nosso povo"...**

Abdias — O que eles não querem entender é que a contradição de raça é a principal contradição da sociedade brasileira. Se eles fossem sinceros nessa luta em favor dos oprimidos eles teriam é que se somar à luta negra, e não querer que a gente aderisse à luta deles; porque nós é que somos uma maioria. Nós, por razões históricas, estamos inseridos neste processo de luta contra a espoliação, a exploração, o esmagamento nosso como raça e como classe há muito mais tempo. Por que nós é que somos divisionistas, é que estamos quebrando a coesão das forças oposicionistas?

Adão — **Nós estamos falando sobre tudo isso, mas a questão é que a maioria negra não tem consciência dessa situação. Tanto que muitos lizem que não existem problemas pra quem é negro no Brasil; como você vê este problema da falta de conscientização do negro?**

Abdias — Esta é a maior prova da perfeição a que chegou o racismo luso-brasileiro: fazer com que a própria vítima assuma todas aquelas coisas negativas que o opressor diz dele. É por isso que eu digo que o racismo no Brasil é muito pior que nos Estados Unidos, e até que na África do Sul. Porque lá, pelo menos, eles têm consciência de que são explorados, oprimidos, e de que podem lutar contra isso. No Brasil foi tudo tão sutil que o negro, aqui, nem sequer sabe o que está acontecendo com ele.

Assim, para sair desta situação é preciso que o negro se organize num movimento de educação, de esclarecimento, de conscientização, de abrir os olhos desta grande massa; é isso que nós estamos procurando fazer. Não é que os negros sejam incapazes, veja bem: mas é que existe toda uma máquina, um sistema educativo, uma parafernália dita cultural e política cujo objetivo é erradicar a memória do negro: deixá-lo sem origem. Desde que foi interrompido o tráfico de escravos para o Brasil, em 1850, não se falou mais em África neste país, a não ser em termos muito pejorativos: "o continente negro", "o continente selvagem"; o negro brasileiro acabou absorvendo estes conceitos, que lhe deram um enorme sentimento de inferioridade.

Aguinaldo — **Você diz que não se trata mais de lutar pelo direito de entrar num hotel, de conseguir um emprego; mas esta é, ainda, a luta que se apresenta, de uma forma mais imediata, para a maioria dos negros.**

Abdias — Eu disse que não se trata mais "apenas disso".

Aguinaldo — **Sím, mas o que se deve fazer para se chegar a essa outra etapa da conscientização?**

Abdias — É exatamente a proposição de organizar um movimento quilombista de grandes proporções. Nós não temos que estar engajados em movimentos marxistas, socialistas, trabalhistas ou social-democratas; nós temos que estar engajados é nosso movimento, porque este é que responde aos nossos interesses imediatos, autênticos; depois é que nós estamos engajados na luta de todos os oprimidos. Nós sabemos que até aqui o que aconteceu foi sempre o contrário; veio a Independência, a abolição, a república, a revolução de 1930, mas a situação do negro continuou sempre a mesma. Isso porque ele não está inserido nos meios de decisão.

Aguinaldo — **Em alguns lugares esta situação até piorou, como em São Paulo, onde o negro foi jogado na periferia, foi marginalizado, para dar lugar à força de trabalho imigrante.**

Francisco — **Mas existe um movimento negro no Brasil? Existem líderes?**

Abdias — Existe um movimento negro, agora essa palavra "líder" ainda é um pouco perigosa. Existe gente trabalhando; em São Paulo, ano passado, houve uma grande concentração nas escadarias do Municipal (**vide LAMPIÃO nº 4**), agora em julho, um ano depois, houve nova manifestação. Tudo isso é uma tentativa de se começar a estruturar este movimento. Eu, por exemplo, sou um dos que fazem parte de tudo isso. Moro nos Estados Unidos, mas estarei disposto a voltar, na medida que o movimento tome outro caráter, mais militante — porque agora ele está num nível um pouco abstrato e teórico —, e isso vai depender das condições gerais do País.

É bom lembrar que esta não é uma luta só do negro brasileiro; o nosso negro sempre viveu fechado aqui dentro pela miséria, pela ignorância, pela alienação, mas sua luta é internacional. A questão é que em nosso país só agora começa a haver não digo uma grande mobilidade física, mas, pelo menos, uma grande mobilidade interior, o negro está tentando caminhar dentro de sua própria cabeça, é isso.

Jurema — **O senhor diz que é preciso quase um trabalho de reeducação do negro, devido ao sentimento de inferioridade, que lhe foi imposto. Essa tarefa de revalorização da cultura negra, de reafirmação dos seus valores de raça, seria uma tarefa do movimento quilombista?**

Abdias — Também seria, mas não apenas dele, e sim, de toda uma geração negra, que seja ou não do movimento quilombista. E pra isso é preciso que nós criemos nossos sistemas de educação, fora do sistema oficial. Eu li hoje que na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, lá no Ceará, pediram ao ministro da Educação que inclua o ensino da história africana nos currículos escolares. Mas acontece que nós não podemos esperar só por isso, nem podemos confiar só nesse tipo de educação. Os dois centros de ensino da cultura africana que existem no Brasil, um na USP, e outro na Universidade da Bahia, trabalham no sentido oposto ao dos interesses dos negros; são instituições oficiais que nada fazem para levar o negro à conscientização, ao autoconhecimento, à afirmação; até funcionam como forças contrárias a este alargamento da consciência negra. Eles pregam, por exemplo, as teorias de Gilberto Freyre, essa coisa de miscigenação, de integracionismo cultural, que nada tem a ver com as verdades da raça negra. E nós temos que estar alertas contra isso, contra essa manipulação da nossa história, cujo objetivo é fazer com que o negro continue sem saber nada do seu passado, para que ele não possa modificar o seu presente.

João Carlos — **O governo está pensando em instaurar o voto distrital. Tem muita gente gritando contra isso, mas eu acho que para as minorias ele pode funcionar; por exemplo, se o Rio for dividido em vários distritos, em alguns, haverá maioria negra, e estes poderão até eleger seus representantes.**

Abdias — Bom, eu ainda não fiz uma reflexão sobre este assunto. Mas nos Estados Unidos, onde o voto, também é distrital, o que acontece é que alguns políticos se tornam donos dos seus distritos, e nunca há uma renovação.

Aguinaldo — **João Carlos falou no começo aquela história da Igreja. Inclusive o Cardeal Eugênio Sales esteve agora na África e, quando voltou, disse que a Igreja tinha realmente uma dívida para com os negros. Mas não é só a Igreja, nem o PTB; todos os movimentos ditos progressistas — a Convergência Socialista, por exemplo — estão colocando o problema do negro entre suas preocupações. Seria apenas mais uma tentativa de manipular, de manobrar a massa negra, ou estes movimentos realmente se dão conta de que é preciso fazer alguma coisa?**

Abdias — Eu vejo isso, ainda, como uma tentativa de manipulação: Nestes congressos internacionais a que tenho comparecido, onde vão os mais jovens e avançados líderes de esquerda do Brasil, eles estão sempre falando no problema do negro, mas de um negro subordinado; nunca reconhecem a legitimidade da nossa luta. Portanto, eu não vejo isso como um movimento de consciência, de crescente compreensão da coisa; é apenas mais uma manobra contra nós.

Elisa — É bom colocar que a Lei Afonso Arinos, por exemplo, não foi uma benevolência oficial para com os negros, mas sim, foi uma conseqüência das reivindicações da Convenção Nacional do Negro, em 1945.

Abdias — Só que a Lei não era para ser apenas isso; seriam necessárias medidas complementares, para que o negro tivesse realmente os meios de pô-la em prática.

Francisco — **Você acha que a Lei Afonso Arinos é um blefe?**

Abdias — É claro!

João Carlos — **Nunca ninguém foi condenado por essa lei.**

(Entrevistado e entrevistadores tentam lembrar de alguns casos de discriminação ocorridos no ano passado, nos quais foi usada a Lei Afonso Arinos; o único caso em que houve um resultado final: um negro que acusou alguém de racista, com base na Lei, acabou condenado por difamação e calúnia.)

Adão — **Este caso aconteceu na Bahia...**

Francisco — **Que é o Estado mais racista do Brasil...**

Aguinaldo — **Porque lá existe toda uma ideologia para disfarçar este racismo; e todos — inclusive os escritores, pintores, etc. — estão a serviço dessa ideologia.**

Abdias — Basta dizer que lá existe um Instituto de Genealogia, cujo objetivo é provar que todos os baianos são descendentes de aristocratas...

Francisco — **Quando são todos descendentes de negros...**

Aguinaldo — **E são todos descendentes dos degradados que Portugal mandava para cá...**

Abdias — Exatamente. Mas essa preocupação em apagar todos os vestígios da raça negra é mais antiga do que vocês pensam. Vem desde o estudo do Egito antigo. Foi criada toda uma ciência, a egiptologia, pra dizer que o Egito era branco, que o egípcio era de uma raça vermelho-escura, tudo isso para não dar ao negro o seu direito de legítimo criador da primeira civilização conhecida pela humanidade; a Europa ainda, era uma selva, e já existia uma grande civilização no Egito: ela era negra. E foi de lá que passou tudo para a Grécia; foi lá que Aristóteles aprendeu filosofia; todas essas coisas chocam muito, principalmente, porque, são cientificamente provadas, como fica evidente nos trabalhos de Cheick Anta Diop (**n. r.: um historiador do Senegal**); ele usa os mesmos processos do Ocidente; é um historiador formado pela Sorbonne, e seus escritos sobre a civilização egípcia são irrespondíveis.

Só que aqui nem se sonha com isso; são poucos os negros que se dão conta de que a memória de nossa raça, no Brasil, vai além de 1888, chega a 500 anos! Este processo de falsificação das características negras da civilização egípcia chegou a tal ponto que até as fotografias de tumbas, de monumentos, eram tiradas de determinados ângulos, para que não se percebesse, nos faraós, os caracteres da raça negra... Mas agora, tudo isso está sendo revirado de pernas pro ar.

Aguinaldo — **Você tem citado seus livros. Como são suas relações com os editores brasileiros?**

Abdias — Antigamente eu só tinha edições muito clandestinas. Me lembro do meu primeiro opúsculo, **Relações de Raça no Brasil**, que foi publicado pela Editora A Noite. Pois bem, o diretor da editora, Cassiano Ricardo, aquele mulato muito do racista, resolveu queimar os livros porque eu não tinha dinheiro para pagar a edição. Eu lhe perguntei: "Mas você, um poeta, mandando queimar livros?" Os livros foram queimados. Com **O Negro Revoltado**, editado pela GRD, acho que aconteceu a mesma coisa: foi tudo queimado; **Testemunhos**, também pela GRD, teve uma edição muito pequena. Só agora com **Genocídio do Negro Brasileiro**, editado pela Paz e Terra, é que eu tive uma boa distribuição. Já me aconteceu de ver, na rua, um negro com meu livro debaixo do braço: é uma sensação muito boa. E dentro de 30 dias sai uma edição da minha peça, **Sortilégio**, pela mesma editora.

(A mesma editora Paz e Terra está com os originais do novo livro de Abdias — 'Quilombismo: um novo conceito científico histórico-social" — e de Elisa Larkien Nascimento — "Pan-Africanismo e América do Sul: emergência de uma rebelião negra".)

João Carlos — **A Bahia é um Estado negro e**

Francisco (de mão no queixo), Abdias, Aguinaldo, Adão, João Carlos e Jurema

"No começo era o negro..."

racista; mas o movimento negro é mais ativo em São Paulo; será porque lá a opressão é maior, ou porque o nível de vida é melhor?

Abdias — Eu acho que em São Paulo o negro é mais oprimido. Lá ele foi rejeitado.

Adão — **No Rio Grande do Sul a situação é muito pior para o negro.**

Francisco — **Mas lá ele também é muito mais lutador; no Rio é que ele só quer saber de fazer samba. E o sincretismo, o que você acha dele?**

Abdias — Acho que é uma violentação da cultura negra, porque ele foi feito com o objetivo de adaptá-la ao padrão dos brancos; é a mesma coisa que a miscigenação: é o estupro da mulher negra; é uma coisa que acontece até hoje; devido à baixa condição social em que vive, a mulher negra, continua sujeita à opressão sexual, à violentação étnico-social; é isso que chamam de miscigenação...

Francisco — **Seria Gilberto Freyre o carro-chefe do racismo no Brasil?**

Abdias — Sim. Ele deu base científico a tudo, um processo que já era exercido no Brasil, na prática. O racismo no Brasil não foi ele quem criou, claro, existe desde o começo da nossa colonização.

Aguinaldo — **É, mas foi Gilberto Freyre que o codificou...**

Abdias — Exato: ele colocou em termos de ciência. O tal luso-tropicalismo, meta-racismo, esses neologismos que ele criou: tudo isso são metáforas domesticadoras.

Aguinaldo — **Você falou em estupro, e eu me lembrei de machismo. Qual seria o papel da mulher negra neste movimento?**

Abdias — O papel que lhe cabe neste movimento é o que ela sempre exerceu em várias culturas africanas: o de protagonista. É bom lembrar que em várias culturas africanas — não digo em todas — as mulheres tiveram papel proeminente; foi lá que existiram as primeiras rainhas. E aqui, eu vejo que há mulheres entre os cabeças desse movimento: elas estão tomando as decisões, e fazendo as definições também. Pra mim a mulher negra é o elemento revolucionário mais importante neste país, porque é o que mais sofreu, o que mais foi oprimido, destituído, humilhado.

Aguinaldo — **É isso aí: a opressão contra a mulher negra atingiu uma sofisticação incrível; é "a mulata que não está no mapa", etc...**

Abdias — Mulata já não é uma definição étnico-racial, nem social; é uma profissão. E de carteira assinada. Aliás, no quilombismo, eu advogo que em todos os níveis do Estado, das instituições, seja reservado a metade para a mulher. Não no sentido de que isto seja um favor; mas é preciso que seja logo transformado em lei, para que ela não fique dependendo da boa vontade de homem nenhum. Claro, depois de um certo tempo, numa sociedade saudável e onde exista uma verdadeira igualdade, a mulher não precisará mais desse tipo de proteção. Mas, no começo, é preciso deixar bem claro o seu direito de participação em condições de igualdade com o homem, e não num papel de segundo plano. De outra forma, haverá sempre alguém oprimindo, explorando o outro, e isso não pode acontecer numa sociedade progressista.

É bom lembrar que estes movimentos feministas que andam atuando por aqui estão sendo feitos às custas das mulheres negras, que estão lá, trabalhando nas cozinhas, enquanto suas patroas vão para a rua reivindicar. Aliás, a Lélia Gonzales (**n. r.: negra, antropóloga. Vide seu artigo em LAMPIÃO nº 11**) já está denunciando isso. O feminismo das mulheres brancas acaba sendo uma nova forma de opressão para as mulheres negras.

Francisco — **E esse mito da potência sexual do negro? Dá pra discutir isso?**

Abdias — Isso aí tá muito ligado àquela idéia do negro selvagem, do negro brutal, que você pode ver no Jorge Amado: a mulata é aquela que explode em sexualidade, que solta fumaça pelo rabo, e o negro é como Antônio Balbino, um dos seus personagens...

Elisa — Puro como um animal...

Abdias — A turma que estuda Freud acha que isso aí tem implicações mais profundas, mas eu não entro nisso, porque não sou especialista nesta área.

Aguinaldo — **Em Freud?**

Abdias — Há um estudo sobre as raízes do preconceito e da discriminação, e Diop concorda com ele: tudo isso seria fruto do sentimento de inferioridade do branco, porque o branco, na verdade, é apenas o negro que perdeu a pigmentação; no começo era só a raça negra que existia, e os brancos surgiram por despigmentação; então, toda essa mitologia criada por ele seria, no fundo, sentimento de inferioridade, porque ele formava uma minoria, e porque estava muito atrasado em relação à civilização negra; junto com essa despigmentação teria havido, também, uma certa fraqueza sexual, que o faria projetar todas essas coisas sobre o negro.

Francisco — **Então você concorda que o negro é mais forte, sexualmente...**

Abdias — Eu não concordo, não! Apenas estou citando uma das teorias existentes.

Elisa — Ele está dizendo que o medo da impotência que se criou na civilização ocidental, e que se reflete nestes complexos religiosos e punitivos, se projetoù num sentimento de inferioridade que apresenta o negro como um ser sexualmente superior.

Adão — **Poderia ser também um certo sentimento de culpa: o branco dá ao negro pelo menos uma coisa: a potência sexual.**

Abdias — O que é uma qualidade "animalesca".

Aguinaldo — **Eu acho que isso tem a ver é com o ideologia cujo objetivo é oprimir o negro: ele só serve para as coisas da produção — para o trabalho e a procriação.**

Elisa _ É interessante explicar uma coisa sobre esta violação da mulher negra, que aqui se chama de miscigenação; isso não é um fenômeno brasileiro, como os sociólogos do sistema fazem crer. Aconteceu a mesma coisa nos Estados Unidos, com as mulheres negras servindo ao prazer dos senhores brancos. Lá existe uma população enorme de mestiços, como no Brasil. Só que lá, ao contrário daqui, não se criou toda uma ideologia para justificar essa violação.

(Gerardo Mello Mourão, o dono da casa, que até então batia um artigo à máquina, acaba o seu trabalho e resolve participar da entrevista. E o faz em grande estilo: serve uma bebida iugoslava e conta um piada sobre o Marechal Tito. Discute-se, para começar, os objetivos de LAMPIÃO; a palavra "minorias" é posta em questão. Jurema prefere falar de "maioria marginalizada"; alguém lembra "grupos estigmatizados"; Aguinaldo diz que "minoria", no caso, é usada com um novo sentido, não etimológico, mas sociológico, quando se refere a grupos "oprimidos, marginalizados ou estigmatizados".)

Adão — **Veio uma notícia dos Estados Unidos sobre as dificuldades dos homossexuais negros de participarem do movimento negro; eles seriam rejeitados, inclusive porque os negros se preocupam demais com a preservação da raça, e o homossexual, sexualmente, é "improdutivo". É verdade?**

Abdias _ Eu não vejo isso como uma atitude geral, nem específica. Existem organizações negras que condenam o homossexualismo, mas há outras que são abertas aos homossexuais,

Elisa _ Não tem sentido, isso. É claro que sempre há discussões que envolvem os dois lados, principalmente sobre a forma de participação dos homossexuais: se no movimento negro, ou no movimento guei. Mas não faz sentido restringir.

Abdias _ Vejam o caso de James Baldwin (**n.r.: escritor, negro e homossexual norte-americano**):antigamente havia muita reserva quanto à participação dele no movimento negro. Mas hoje em dia isso acabou.

João Carlos — **Você acha que os grupos de mulheres, negros, homossexuais e índios, as chamadas "minorias", devem agir juntos?**

Abdias _ Claro! Às vezes os objetivos não coincidem. Mas no geral, no sentido da repressão, sim. E então o ideal é que trabalhem juntos contra ela.

João Carlos — **Eu, por exemplo, escrevi o artigo intitulado "O negro é beatiful?", publicado no LAMPIÃO nº 14, exortando os negros a tomarem conhecimento do jornal. A partir daí, a gente foi procurado por algumas pessoas do Instituto de Pesquisas da Cultura Negra. Mas a gente sabe que dentro do movimento existem resistências muito fortes à idéia de aceitar LAMPIÃO como um jornal que pode dar sua contribuição para o movimento negro.**

Abdias _ Eu acho bobagem, isso. Se vocês estão abrindo espaço para eles, se não vai haver censura do jornal ao que os outros grupos escrevem, por que não colaborar? É preciso usar todos os instrumentos, todos os meios.

(A entrevista fica um pouco tumultuada. Várias pessoas falam ao mesmo tempo; não se sabe exatamente por que alguém começa a lembrar os deputados negros — pouquíssimos — que existem na Câmara dos Deputados; chega-se a um deles, Alceu Colares: um dos líderes do MDB, progressista, mas sempre se comportando como se fosse branco.)

Gerardo — Tem Carlos Santos, o gaúcho. Estão até querendo arranjar uma embaixada pra ele num país africano; já viu, não é? Um negro, e do MDB, como embaixador do Brasil na África.

Francisco — **Mas nenhum desses deputados se assume como negro.**

João Carlos — **Claro! Pra chegar até lá eles tiveram que passar por um processo de "branquificação"...**

Aguinaldo — **Abdias, todos esses movimentos de "grupos estigmatizados" começaram a surgir neste momento em que as coisas voltaram a acontecer em nosso País. Você acha (risada) que há uma tendência para que as coisas continuem acontecendo por aqui?**

Abdias — Bom, eu não sou profeta, mas a questão é que a gente tem que ir crescendo conforme o espaço e forçando a passagem. Senão, tudo acaba, porque ninguém vai dar nada pra gente; o negro é que tem de ser atrevido, ir tomando o espaço a que ele tem direiro. A própria situação do País depende do povo brasileiro em geral, de sua vontade de mudar as coisas.

Joa Carlos — **Numa reunião de negros a que eu compareci, presenciei uma discussão entre algumas pessoas que se diziam iorubas, da aristocracia nagô, e outras que eram bantus, quer dizer, "inferiores". Isso é discriminação...**

Geraldo — Mas isso acontece com outras raças; os judeus, por exemplo, há discriminação entre um grupo e outro. Basta lembrar os judeus alemães: eles tinham verdadeira fascinação pela cultura alemã, antes da II Guerra, e sentiam um profundo desprezo, por exemplo, pelos judeus da Europa Central — polacos, russos, etc...

Elisa — Mas a própria estrutura de poder dentro de Israel mostra isso: os grupos que se consideram "superiores" são os que detêm o poder.

Abdias — Isso é uma coisa grave. Mas é também manipulada. No caso dos negros, basta lembrar o Conde dos Arcos, que já naquela época estimulava a rivalidade entre as culturas negras, com o objetivo de dividi-las. Aqui mesmo, já existe, bem estruturada, uma infiltração das classes dirigentes na religião negra; o objetivo é dirigir, controlar.

João Carlos — **Você não acha que as entidades negras sempre foram restritas, aqui, a uma minoria que é uma elite dentro de uma elite? O movimento fica muito classe média. Não é hora de ir às favelas, de romper este limite?**

Jurema — **Mas já há vários grupos fazendo isso.**

Aguinaldo — **Em São Paulo, por exemplo; as entidades negras têm uma atuação cada vez mais firme na periferia.**

Abdias — É: não pode se restringir à classe média, mesmo porque, classe média negra é uma coisa que não existe.

Gerardo — O que é preciso saber é qual a maneira mais eficaz de levar adiante essa batalha; criar um partido político? Istrumentar-se numa sociedade civil que... Não sei que tipo de ação ela pode exercer: cultural? Um partido de negros, por exemplo, é inviável dentro da estrutura legal. O problema, portanto, é este: como instrumentar as minorias — vistas dentro deste conceito exposto por Aguinaldo, o conceito sociológico, moderno, aplicado à palavra "minoria" — para que elas exerçam, façam valer sua força. Porque você pega, por exemplo, a minoria homossexual: ela tem representantes na Câmara dos Deputados — eu, por exemplo, fui deputado e conheci vários —, entre os governadores de Estado, mas nenhum deles assume esta condição.

Abdias _ É para isso que estou lançando o quilombismo; é através dele que se pode instrumentar todos estes movimentos.

(Entram Henrique Cristóvão, filho de Abdías, e Eliane Guerreiro, filha de Guerreiro Ramos. A entrevista está chegando ao fim. Eliane declara-se profundamente chocada ao saber que um grupo de "hom...homosex..." está ali entrevistando Abdias. O pessoal do LAMPIÃO atira-se sobre ela como um bando de panteras)

Francisco — **Diga a palavra; por que você não a pronuncia: não consegue?**

Eliane _ Eu acho que não tem nada a ver. Vocês não são discriminados como os negros, por exemplo.

Aguinaldo — **O problema, meu bem, é que a discriminação contra nós é bem mais sutil. Ela se revela, por exemplo, quando pessoas, como você, não conseguem sequer pronunciar a palavra que, ao mesmo tempo, nos designa e nos estigmatiza.**

(Mal-estar geral. Todo mundo olhando para Eliane, que fica se sentindo agente do preconceito, infiltrada em nossa reunião libertária. É Henrique Cristóvão, seu marido, quem a tira desta situação chatíssima)

Henrique _ Pois olha, eu acho que a atuação de vocês, neste jornal, é a mais guerrilheira de todas; porque vocês ao mesmo tempo em que atuam como parte da minoria homossexual, são, igualmente, membros de outros grupos — mulheres, negros etc. —, junto aos quais funcionam como espécie de ponte de ligação para uma luta comum.

Sorrisos felizes de todo o Grupo LAMPIÃO. E fim de papo.

AS CONFISSÕES DE HELENA BRANDÃO, OU DARLENE GLÓRIA

Ela fala dos drogados, das bichas, dos gatos e cachorros que recolheu na rua e protegeu, e explica porque se sente feliz no aconchego do lar. Mas a hora de voltar já chegou pra todos os que enlouqueceram em 1973/74; Darlene resistirá? Reconheçam nestas fotos tiradas numa igreja, os gestos e a máscara da grande atriz que ela sempre foi, e tirem suas conclusões.

Helena Brandão é, realmente, uma mulher muito bonita. Quando nós quatro (Maria do Rosário Caetano, Sérgio Habib, Carlos Araújo e eu) fomos até seu apartamento na Asa Norte, aqui em Brasília, não esperávamos encontrar mais a Darlene Glória que tanto havíamos admirado em "Toda Nudez Será Castigada". Mas encontramos, apesar de seus cinco anos de fé, seu casamento e os quatro filhos.

Salvo engano, seu corpo continua o mesmo, e a voz tem a mesma beleza grave. Sua cabeça, no entanto, está feita por outros pombos. O que mais me interessava saber, com esta entrevista, era qual a responsabilidade que teve a carreira sobre sua vida. Afinal, o cinema brasileiro é tão falido como empresa que obriga suas atrizes a tomarem atitudes extremas como abandonar tudo para amar Cristo, acomodar sua vocação no vídeo da televisão ou enfrentar a prostituição propriamente dita? Ou, no caso de Darlene Glória/Helena Brandão faltou-lhe maturidade e consciência para suportar um jogo bem pesado de toma-lá-dá-cá que acaba tirando mais do que dando? A impressão que tive, no final, foi de que Darlene, se em vez de ter nascido no Espírito Santo e ido para os estúdios da Atlântida, tivesse nascido em Ohio e ido para Hollywood, ganho muito dinheiro e vivido feliz para o resto da vida, a Igreja teria menos um pastor de almas.

Mas agora Helena está feliz, também. Disse e repetiu que não é fanática nem beata. Pode ser, mas eu não acredito. Seu marido, Marcos, ajudou-a em algumas das respostas e falou muita coisa. Além de funcionário público em Brasília, ele é pastor e professor de teologia no Seminário de sua Igreja. É espantoso ver como eles justificam a submissão, o racismo e o preconceito em nome de Cristo e dos espíritos de luz.

As fotografias de Darlene Glória foram tiradas no templo da Assembléia de Deus pelo fotógrafo Tadashi Nakagami, que acabou descobrindo umas luzinhas estranhas, explodindo em volta da pregadora. (**Alexandre Ribondi**)

Mâria do Rosário — **Darlene, eu gostaria de...**

Helena — Me chame de Helena. Faço questão. que me chamem assim, porque este é o meu nome, eu usava o pseudônimo de Darlene quando era atriz. Eu amo poder ser chamada de Helena. Quando comecei a minha carreira queria ser Helena Glória, que é meu sobrenome de família. Mas já existia a Helen de Lima, a Helena de Lima, a Maria Helena Toledo; então eu fiquei na dúvida se mais uma Helena ia aparecer. E eu estava lendo uma fotonovela que tinha Darlene, e aí resolvi, porque Darlene era uma moça do interior que ia para a cidade grande tentar uma carreira, exatamente como eu ia fazer. Minha família me chamava de Helena e eu mesma não gostava de Darlene, achava isso muito teatro de revista, teatro de rebolado, coisa de vedete.

Alexandre — **Você começou no cinema ou no teatro?**

Helena — No rádio. Eu queria ser cantora, ia em programas de calouro. Isto em 58. Foi em Cachoeiro que eu comecei.

Alexandre — **Você já foi "Miss Cachoeiro", não foi?**

Helena — Fui, em 58. Eu tinha 16 anos, Mas queria mesmo era ir para o Rio.

Rosário — **Você fez quantos filmes? Sua carreira chegou ao apogeu no cinema, não é?**

Helena — É. Mas foi tudo misturado. Havia épocas em que eu fazia rádio, cinema e televisão, tudo ao mesmo tempo. Durante algum tempo só rádio, **shows** em circo, boates, clubes, viajando, televisão no Nordeste. Mas depois eu fiquei doze anos na TV-Rio. E aí aconteceu Person com "São Paulo S.A.", que foi meu primeiro filme. Antes eu tinha tido uma pequena experiência com os italianos, um filme feito no Brasil. Até ganhei o Saci, por este filme.

Alexandre — **Qual o nome do filme?**

Helena — Se você começar a perguntar nomes vai ficar difícil. Por exemplo, foram dois filmes que me deram o Saci: um com Jece Valadão, "Paraíba, Morte e Vida de um Bandido", e este filme italiano, não lembro o nome. Era com Eliezer Gomes, o ator negro que morreu, que aliás era muito meu irmão, irmão na fé também. Eliezer ultimamente também estava na Assembléia de Deus. Era cristão mesmo, de fogo. E agora está com Jesus. Aí comecei a fazer vários filmes, de participação. Eram diretores que vinham da chanchada, como Vitor Lima, e outros que estavam começando. Não me lembro, fiz muitos filmes, uns 20 ou 30.

Rosário — **Agora, o grande papel, foi o de "Toda Nudez..."**

Helena — É. Mas eu fiz cinco filmes como atriz principal. Depois de "Toda Nudez" fiz um filme da Teresa Trautman que foi proibido, "Os Homens que eu tive", que nem cheguei a ver. Fiz também "O Homem Célebre", de Miguel Faria Jr., que foi lançado depois que eu me converti. Aí fiz "O Marginal".

Alexandre — **Você fez novela?**

Helena — Fiz.

Alexandre — **Aquelas novelas antigas da Tupi?**

Helena — (**indignada**) Não, eu não sou do tempo da Yoná, gente. Estou um pouco gordinha, agora, porque tive dois bebês em seguida. Não fiz plástica, não. Ainda sou mais nova que a Elizabeth Gasper, que a Norma Bengell. Estou com 36, 37 anos. Estou um broto, um broto de cinco anos de vida.

Alexandre — **Sua família lá no Espírito Santo era muito religiosa?**

Helena — Minha mãe é a mulher mais crente que existe. Quem me ganhou para Jesus foi minha mãe.

Rosário — **A gente gostaria de saber como é que Marcos entrou na sua vida, como foi que você se converteu. Quero inclusive que Marcos fale também, porque ele é uma figura que fica do seu lado, e a gente está curiosa em saber que papel ele tem em sua vida..**

Helena — O Marcos só fala mesmo quando vai pregar.

Alexandre — **Mas antes eu gostaria de saber se quando você trabalhou no cinema sua fé estava adormecida, ou não existia.**

Helena — Não, eu não tinha nenhuma preocupação com a vida espiritual. Estava muito preocupada com minha carreira. Eu acreditava que quando conseguisse o sucesso seria uma mulher realizada. Queria ter dinheiro, carro, conta no banco, oportunidade de fazer o que bem entendesse. Acreditava assim, mas não aconteceu dessa maneira. Eu tinha uma sede aqui dentro, uma fome, uma pergunta que ninguém respondia.

Alexandre — **O que você procurava como atriz eram essas facilidades materiais?**

Helena — Não, eu me sublimava à arte. Todo aquele vulcão que eu tinha eu punha na representação. Era muito zelosa na minha profissão, muito consciente do que queria. Mas aí começou a entrar um pouco a loucura, porque eu comecei a beber, você sabe como é, socialmente, mas eu tinha o meu bar em casa. A bebida se tornou uma necessidade. Depois, veio o LSD, aquelas drogas, a tropicália. E eu provei a droga e me tornei viciada.

Alexandre — **Em que?**

Helena — Eu fumava, cocaína. Eu morei na Solar da Fossa na época áurea. Meu estado normal era drogada. Mas estava tudo bem; só que quando passava o efeito eu começava a amontoar brasas em minha cabeça. Eram muitos os problemas, minha vida era muito enrolada. Eu tinha errado muito, tudo o que eu tentava na vida afetiva dava errado. Meu mundo começou a ser destruído. Os meus amigos eram pessoas fracas e não podiam me ajudar. Eu via cada um mais louco que o outro. Tinha medo que eles pensassem que eu era mais louca que eles, porque assim podiam me deixar de lado. Eu estava sempre fingindo. Comecei, e parei, a fazer análise, porque achei uma coisa muito fraca. Mas era tudo um problema espiritual.

Então, eu comecei a tomar paliativos espirituais. Um centro aqui, uma macumbinha ali... Pra mim, kardecismo, macumba, umbanda, candomblé, é tudo a mesma coisa. Eu passei por tudo isso. E nada adiantou. Tudo isso se resume em macumbaria. São coisas que Deus abomina. Hoje eu creio na Bíblia. Tive cinco anos de candomblé, três de macumba, passei pela ioga, pelo orientalismo... Eu queria achar uma resposta. Não acreditava que eu vim a este mundo para sofrer, morrer e acabar. Tinha uma continuidade, tinha alguma coisa depois da morte.

Alexandre — **Mas por que tanto sofrimento?**

Helena — Você não sofre, não?

Alexandre — **Eu? Sim, mas não tanto.**

Helena — Você já provou as drogas?

Alexandre — **Já.**

Helena — Você já foi alcoólatra?

Alexandre — **Não, eu não bebo álcool.**

Helena — As pessoas são diferentes. Talvez eu tivesse uma fome espiritual que você não tem. Eu tinha um vazio dentro de mim. E na minha busca eu bebi de muitas fontes poluídas, e fiquei endemoniada. Eu servia ao Diabo. Quando eu ia na macumbaria bater minha cabeça pelos Orixás eu sabia que não era Deus, mas eu sabia que era um espírito.

Rosário — **Mas Helena, eu não sigo nenhum culto, mas a gente vê umbanda e condomblé como religiões africanas...**

Helena — Pois é este o mal...

Rosário — **A coisa veio para cá com os escravos, e nós recusamos o termo macumba, porque colocam o candomblé e a umbanda como baixo espiritismo.**

Helena — Pois é, macumbaria. A palavra certa é macumbaria. Eu acreditava mesmo, ficava lá, rezando. O que eles lá na macumba me pedissem eu fazia. Pedia que ajudasse a mim e aos meus filhos, e a mãe-de-santo dizia que Saulo, o meu filho, ia ser homossexual, que meu pai ia morrer se eu não fizesse um trabalho.

Alexandre — **Mas estava acontecendo alguma coisa específica com você, para estar pedindo proteção pros seus filhos?**

Helena — Olha, o artista é diferente, sabe? São pessoas muito sensíveis, são místicos, a maioria dos artistas tanto se vira para um lado quanto para o outro. Eles têm medo.

Carlos — **Você tomou consciência de seu sofrimento durante sua carreira ou depois que se converteu? Porque, estando dentro da coisa, da vida de artista, talvez você nem soubesse que estava sofrendo...**

Helena — Eu era uma menina pura, alegre, cheguei no Rio amando as pessoas, todo o mundo, entrava nas maiores armadilhas por acreditar no ser humano, e fui me decepcionando. Realmente, eu conheci o sofrimento mesmo quando eu fiquei debaixo do tacão do espiritismo. Quando me converti estava no auge da minha carreira, recebi o prêmio por "Toda Nudez" em 73 e em 74 eu me converti. Ninguém entendeu nada, ficou todo mundo pirado, eu fundi a cuca do Brasil. Quando recebi a Coruja de Ouro de melhor atriz, meus colegas me aplaudiram cinco minutos de pé no teatro, me abraçaram e me disseram (**nesse trecho da entrevista, Helena está bastante exaltada**), "mais que justo, Darlene, pelo que você fez pelo cinema brasileiro, pela arte".

Mas eu xingava todo mundo, eu tinha uma revolta, porque achava que o sucesso tinha custado muito a chegar, que eu tinha sofrido muito para consegui-lo. E aquilo não representava nada para mim. O sucesso tinha chegado, mas a paz, não. Exteriormente eu era muito alegre, mas interiormente era a mulher mais triste do mundo. Nas reuniões era a primeira a pegar o copo, a primeira a rir, a fazer os outros rirem, mas era profundamente infeliz, porque era desilusão em cima de desilusão. Foram acumulando derrotas na minha vida mas eu nunca as confessei, ao contrário, dava entrevistas dizendo o que eu não pensava, como "acho que o homossexualismo tem que ser liberado", ou "acho muito bom ser mãe solteira". As pessoas esperavam isso de mim. O Eli Halfoun começou até mesmo a publicar coisas a meu respeito que não eram verdadeiras, e eu botei na minha cabeça que ia matá-lo. Ia na Fiorentina, nos lugares que ele freqüentava, e pensava que se o encontrasse ia quebrar uma garrafa em sua cabeça.

Alexandre — **que tipo de coisa ele dizia de você?**

Helena — Que eu tinha feito um **strip-tease** dentro de um avião... (**Todos riem, inclusive Marcos, o marido de Helena**). Mas depois ficamos amigos, e ele continuou a publicar mentiras. E eu lhe dizia, "pode publicar, é isso mesmo". Vi que as pessoas gostavam, resolvi assumir. A primeira nudez n'O Cruzeiro foi minha, o primeiro busto nu foi meu. Hoje a minha nudez me faz rir, perto da nudez das mulheres na rua e nas praias. Era um negócio ingênuo, até, mas para a década de sessenta era muito avançado. Mas eu vivia uma realidade e uma irrealidade. Nas revistas estava rindo, maravilhosa, mas por duas vezes bati louca em hospital psiquiátrico, desesperada, procurando alguém que me ajudasse, e lá me davam um "sossega-leão", aquela injeçãozona.

Rosário — **Você coloca o artista como uma pessoa de vida desregrada, e eu acho isto uma generalização meio perigosa. Mas parece que você, pessoalmente, não teve o controle de sua carreira...**

— Eu posso até voltar ao cinema

Alexandre — **E há atores e atrizes que estão muito seguros do seu trabalho, sua função social...**

Rosário — **Parece que Helena está negando a arte...**

Helena — Não, até que hoje os artistas são pessoas que têm uma profissão regulamentada, mas no meu tempo éramos marginais e prostitutas. No meu tempo era uma aventura. Mudou muito o panorama, mas eu não conheço nenhum ator, nenhuma atriz que possa dizer de sã consciência que é feliz, equilibrado.

Sérgio — **E a Leila Diniz, que foi sua grande amiga?**

Helena — Leila estava sempre buscando, era mutante, ela tinha aquela busca que eu tive, só que não teve tempo de encontrar. Morreu.

Alexandre — **Você citou os homossexuais e os drogados. Mas os homossexuais sempre fizeram parte do seu universo...**

Helena — Ah, sempre. Eu amava muito eles, e amo mais ainda, mas hoje eu amo com o amor de Cristo. Eles sempre me ajudaram, em primeiro lugar, e eu os amava porque eram rejeitados pela sociedade. Eu gostava de pegar cachorro na rua, os gatinhos: o que a sociedade rejeitava eu amparava. Onde eu ia estava sempre cercada. Hoje, no meu trabalho, já consegui reabilitar alguns.

Alexandre — **Vocês reabilitaram homossexuais?**

Helena — Sim, hoje são pessoas normais. É preciso muito cuidado hoje, porque muitos artistas são drogados e homossexuais e os jovens querem imitar, acham aquilo normal.

Marcos — O mal cresce assim. Tem-se a impressão que todo o mundo faz aquilo.

Helena — É. O drogado pensa que todo mundo queima fumo e o homossexual acha que todo homem também é homossexual.

Marcos — O homossexualismo é um sinal de decadência. Todas as civilizações experimentaram a decadência moral. Mas eu não sei porque estamos falando tanto disto...

Helena — Porque é uma coisa que está tão difundida.

Marcos — O homossexual e a homossexual não são doentes, é uma coisa psíquica, a maioria dos casos é uma opressão malígna (sic). Os espíritos do mal repetem tanto para você que você é um homossexual, que você acaba incorporando aquela personalidade. É uma mentira que vai tão fundo que passa a ser verdade, uma realidade inquestionável. Mas quando ele tem uma experiência com Cristo e vê que aquela vida não agrada a Deus, quando ele percebe que o Espírito Santo existe dentro dele, ele tenta se recuperar e esta recuperação é completamente possível.

Alexandre — **Mas isto é uma novidade espantosa! O que eu sempre soube é que o homossexualismo é irreversível...**

Marcos — Não. Nós temos visto moças e moços se recuperarem. Na nossa Igreja nós temos muitas pessoas mesmo que vieram do homossexualismo, e estas pessoas podem ter uma vida normal. É preciso crer. A cura é tão possível que muitos homossexuais podem ir tanto com homens quanto com mulheres.

Helena — Nós não condenamos o homossexual. Eu amo o pecador, mas abomino o pecado. Existem os problemas, mas o Evangelho está aí para resolvê-los. O Evangelho é vida, alegria, uma coisa maravilhosa. Ou você acha que se não fosse uma coisa maravilhosa eu estava nisso?

Alexandre — **Mas o cinema também é uma coisa maravilhosa.**

Helena — É. Tanto que um dia eu posso até fazer um filme.

Rosário — **Mas o que nos magoa é que você abandonou o cinema. Você faria "Toda Nudez" outra vez?**

Helena — Não. Mas acho que o cinema tem uma importância social. Tanto que Billy Graham fez filme lá nos Estados Unidos. Mas os filmes de hoje são todos em cima de sexo. Eu tenho talento, coisa que Deus me deu e não tirou. Mas agora, aquele desespero eu não quero mais, eu tenho que dar esperança a alguém, e não fazer a Geni (de "Toda Nudéz"), que deixa todo mundo na foss. Todo mundo sai do cinema e vai para o bar.

Darlene pregando na Igreja, e em "Toda Nudez", com Paulo Porto (à direita)

Alexandre — **O sexo tem sido não somente, explorado no cinema, mas também tem sido muito discutido como uma maneira de nos explicar a nós mesmos, ou de livrar-nos de uma crise, coisa que também a Igreja tem tentado fazer nestes últimos dois mil anos.**

Helena (dirigindo-se a Marcos) — Explica pra ele, pai.

Marcos _ Isto é Freud, já está ultrapassado. A Igreja tem feito muito pelo homem. A Igreja também teve uma época de decadência, a Igreja romana. Mas na Igreja não institucional, Cristo vem tentando salvar o homem. Alexandre, não tem resposta para isto.

Rosário — **A Igreja é vista como um ópio do povo. Mas existe uma Igreja progressista, de D. Pedro Casaldáliga, Tomás Balduíno, e uma outra conservadora, que continua falando de um Deus que amedronta. Como você vê isto de a Igreja dominar a mente das pessoas e não deixá-las participar de sindicatos, impedindo-as de ter uma atuação política?**

Helena — Se houvesse um cristianismo vivido em sua plenitude não haveria luta política, porque seríamos todos iguais.

Alexandre — **Então a Igreja também é política.**

Helena — Não, a Igreja não quer ser política. O cristianismo tem que ser uma coisa natural. O cristianismo é amar, é repartir.

Marcos — A Igreja, o clero estão tomando uma posição de esquerda, muito mais por conveniência. Mas o que a Igreja precisa de seu clero não é de posicionamento político, mas de alimento espiritual.

Alexandre — **E a fome material?**

Marcos — Isto é um problema político. A Igreja não tem nada a ver com isso.

Alexandre — **É nesta sua nova vida, Helena, você trabalha?**

Helena _ Eu trabalho para Jesus.

Alexandre — **E você é paga pra isso?**

Helena _ Sempre há uma ajuda, para a gasolina. Tenho meus discos, que eu vendo. Mas não sou assalariada. Acho uma tranqüilidade ter um marido que garanta a casa. Quem durante 33 anos foi dona de seu nariz, pagou seu INPS, sua conta de luz, colégio de filhos, aluguel de casa, e um dia tem um marido, que segundo os padrões bíblicos a sustenta, é a coisa mais maravilhosa do mundo. Jesus, como é bom dormir um pouquinho depois do almoço! Ser dona-de-casa, ser mãe, ser esposa!

Marcos — O aconchego do lar é muito mais importante que o dinheiro que uma mulher, trabalhando fora, pode trazer para casa.

Alexandre — **Seu filho mais velho, que a acompanhou em suas duas fases, como ele está agora?**

Helena — Está muito bem. Saulo tinha tudo pra ser um menino complexado, mas é normal. Um verdadeiro milagre. É muito equilibrado, tímido mas maduro. Antes mesmo de eu me converter ele já era cristão. Quando eu tinha crises, chorava e me pedia ir pra Jesus, senão ia acabar morrendo. Sempre pedia um pai, mas quando eu casei ele ficou com ciúmes, não foi pai? De repente, ficou recbelde. O cabelo muito grande, deu caspa e eu quis cortar. Ele não quis. Depois cortou.

Rosário — **E como é que você conheceu Marcos?**

Helena — Eu já era obreira do Senhor. Quando o vi, ele estava pregando. Pela primeira vez na minha vida eu via alguém falar de Jesus de uma maneira tão linda. Meu coração balançou, eu o admirava como homem **mesmo.** E eu morri, porque não queira mais saber de amor, de sexo.

Marcos — Quando Helena diz "sexo", é óbvio que é sexo no casamento.

Helena — Ele ia aos cultos lá em minha casa, em Copacabana, com a namorada. Até que passou a ir só. Um dia, um senhor me pediu que eu falasse com Marcos pra voltar a namorar a filha dele, e então eu soube que eles tinham desmanchado. Fiquei espantada, até que tive um sonho maravilhoso. Era um lugar lindo todo cercado de grades; tinha uma árvore e um rio que passava pela árvore, e lá em cima tinha um garotinho tipo o Pequeno Príncipe, voando como um papagaio. Eu perguntava o nome dele, ele respondia, "Marcos Vinícius", e saía correndo. Quando eu olhava para o outro lado do jardim, lá estava Marcos de paletó xadrez. Ele me chamava, eu atravessava o portão; havia homens, ele passava comigo no meio de todos eles e ninguém me tocava. Depois a gente entrava num barco no riozinho, e ele me dizia que gostava de minha roupa, mas não da cor: eu estava com um terninho Mao Tse-Tung cor de areia.

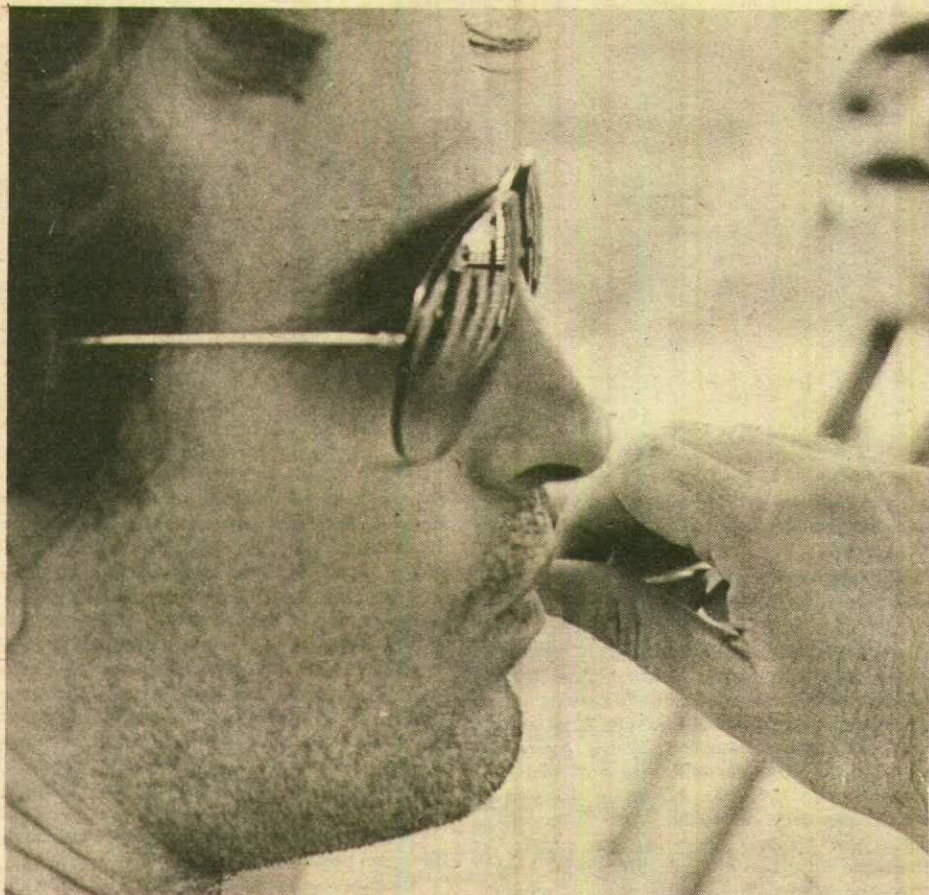
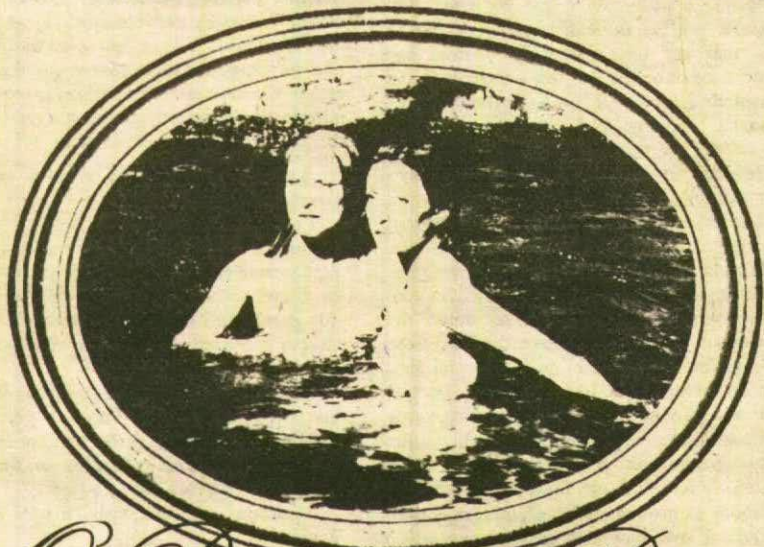
Marcos — Pois é: não foi a esquerda que nos uniu... Pra que a gente casasse houve muitos problemas. Primeiro, porque ela é um pouco mais velha do que eu. E minha família era contra foi um caso sério convencê-los. Imaginem, uma ex-atriz, mãe solteira, tinham visto "Toda Nudez" — que eu nem vi — e lido aquela "Veja" sobre ela. E como ela tinha dois filhos, não podia ficar andando de mãos dadas com ela, porque iam dizer que estávamos prostituindo. Daí, decidi casar, mesmo sem conhecê-la pessoalmente. Um dia eu perguntei a ela: "Se você estivesse no meu caso, o que faria?" E ela: "Eu casava". Em menos de um mês a gente namorou, noivou e casou.

Helena — Estou contente de ter um lar; gosto de ser submissa.

Marcos _ O esposo tem ascendência sobre a esposa no amor. Ele exerce a autoridade, é uma coisa boa para mulher porque ela é mais frágil e deve obedecer. Tem que ser assim, inclusive porque eu li numa revista que 70% dos homossexuais têm mãe autoritária e pai omisso. Então, é normal que o homem seja o líder do lar.

(Neste momento uma barata entra no apartamento e começa a voar em todas as direções. Marcos pula, grita, ameaça sair correndo. Darlene, quieta, aproveita um momento em que a barata cai no chão, apanha-a pelos bigodes e joga-a pela janela. Todos assistem ao espetáculo pensando no papel de liderança de Marcos naquela casa. E termina a entrevista).

AO CONTRÁRIO DOS OUTROS CINEASTAS, ELE NÃO TEME O SEU LADO GUEI

Nos embalos de Calmon

Antônio Calmon foi uma espécie de Rimbaud do Cinema Novo. Basta ver as fotos em que ele, adolescente ainda, aparece ao lado de figuras impolutas como Glauber, Joaquim Pedro Andrade, Nélson Pereira dos Santos, Cacá Diegues e Gustavo Dahl, para que não se tenha dúvidas sobre isso. Infelizmente, a figura que lhe pareceu mais próxima de um Verlaine ele só a encontrou anos depois, na pessoa de Pedro Rovai. Não, ferrenhos defensores do nosso cinema, não se trata de uma ironia: os três filmes que eles fizeram juntos — **Gente Fina é Outra Coisa, O Bom Marido** e **Nos Embalos de Ipanema** — Rovai como produtor e Calmon como diretor, sô tendem a crescer com o tempo; até o dia, no futuro, em que um crítico suficientemente corajoso os coloque no devido lugar de filmes muito importantes, neste período (que termina) em que o divertimento principal dos nossos cineastas foi se deixar devorar por meia-dúzia de esfinges.

Pra se manter sempre alguns dias adiante da atualidade é que Calmon fez de **Os Embalos** — filmado no período em que LAMPIÃO engatinhava — um filme que, com algum esforço, se poderia chamar de "guei". É por isso que, agora que o filme está sendo exibido nacionalmente, fomos conversar com ele. Aguinaldo Silva e Adão Acosta fizeram a entrevista, em meio aos cenários delirantes de **Eu Matei Lúcio Flávio,** o novo filme do diretor, que tem, como produtor e estrela, a figura mítica de Jece Valadão.

Lampião — **"Os Embalos" não era um filme seu, não é? Quer dizer, não é um filme que você planejou fazer. Você pegou o bonde andando...**

Calmon — É mais ou menos. Porque eu tinha contrato com Pedro Rovai para fazer três filmes. Então fiz **Gente Fina é Outra Coisa** e **O Bom Marido**. E indiquei uma pessoa, Luís Carlos Lacerda, o **Bigode**, pra fazer este filme. Na verdade, "Os Embalos" era um projeto antigo, em cima de um roteiro de Leopoldo Serran e Armando Costa, que seria um filme de episódios só com a parte do hotel. Mas Rovai sempre achou que daria um longa, porque ele tem uma visão muito boa das coisas, e realmente funcionou. Quanto a não ser um projeto meu, inicialmente, mesmo assim sugeri que o garoto fosse um surfista de subúrbio. Porque eu achava que um surfista da Zona Sul não dava um bom filme, o **surf** é uma coisa muito alienada. Então eu pensei que seria melhor pegar um cara do subúrbio, que sonhasse como o acesso às coisas da Zona Sul, e mexi muito no projeto. Aí o Bigode não conseguiu dar o tom que Rovai queria; eu e Rovai tínhamos um casamento, uma sociedade que era um projeto a longo prazo — mais a gente fez só três filmes, porque ele está cansado, quis parar; por isso, quando ele viu que as coisas não estavam saindo como ele queria, falou comigo e disse que eu devia assumir o projeto.

Quando eu assumi, achei o roteiro muito fraco, muito disneilândia — a disneilândia do surfe: não tinha o lado mais maldito. Então chamei o Silvan Paezzo, e eu mesmo escrevi algumas seqüências: dei o clima final do filme, que é a coisa mais importante.

Lampião — **Você já encontrou o André de Biase fazendo o surfista?.**

Calmon — Sim, porque ele se impôs desde o primeiro instante. Mas fiz algumas modificações no elenco e na equipe, muito poucas, e comecei o filme.

Lampião — **Ele já tinha feito alguma coisa, antes, no cinema ou no teatro?**

Calmon — Nada. Nunca tinha nem pensado nisso.

Lampião — **E como é que vocês o descobriram?**

Calmon — Através de um anúncio no jornal. Apareceram dezenas de candidatos, foram todos rigorosamente testados. Eu não cheguei a participar dessa fase mais exaustiva da produção...

Lampião — **A gente gosta muito do filme, mas gosta principalmente do final, que é totalmente amoral. Foi você quem deu o tom?**

Calmon — Foi. Aliás, fui eu que escrevi toda a coisa da namoradinha do subúrbio, porque achei o outro final muito ruim. Ninguém sabia como resolver esse personagem por uma falta de **parti-pris;** Leopoldo e Armando têm uma formação marxista, então pintava muito o negócio de o garoto se dar mal; a colaboração do Bigode era uma colaboração mais **flower power,** "Havaí", não tinha muito a ver; Rovai também não sabia o que queria; então eu desenvolvi uma história paralela com a menina; os dois sonham com a Zona Sul, mas ela é careta e ele desbundado; são duas trajetórias, que só se encontram quando ela saca que o esquema todo é corrupto, e que ele é que está certo. Ou seja, que no sistema em que vivem, e à margem como estão, um caminho é usar a própria beleza para sobreviver.

Isso casa com um conceito meu, que eu desenvolvi nos três filmes, que é o da Prostituição num sentido amplo — pode ser a prostituição de valores, a prostituição profissional. Eu acho que o Brasil é um país onde todo mundo se prostitui; na medida em que a gente é muito colonizado e não tem um desenvolvimento nacional próprio, de uma forma ou de outra se ven-

> *Segundo Calmon, o Cinema Novo tinha um forte componente guei. "Ele era misógino, odiava as mulheres". Mas isso tem muito a ver com o homem brasileiro.*

Roberto Bonfim ("Das Bocas") e Paulo Vilaça (o entendido) na praia

Calmon e seu novo astro: Jece

parafusos, tá se prostituindo da mesma forma que uma pessoa que vai trepar. Então foi que eu coloquei no filme o fato de que se prostituir através do sexo não é mais aviltante que outra forma de prostituição, sem nenhum juízo de valor.

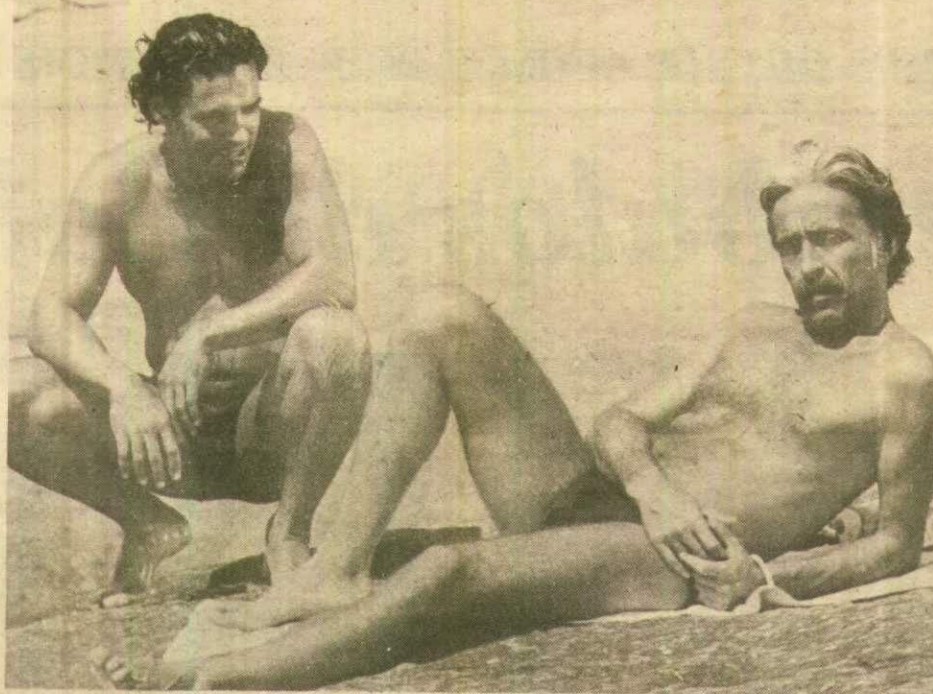
Lampião — **E esse tipo de Juízo das pessoas, segindo o qual teus filmes são pornochanchadas, ou pelo menos fazem o gênero, isso te deixa chateado de alguma maneira?**

Calmon — Isso me deixou no **Gente Fina.** Porque houve o caso da Cláudia Lessin, que era irmã da Márcia Rodrigues, e que conheceu aquele filho da puta (Michel Albert Frank) na projeção do meu filme. Aí o filme ficou marcado por um moralismo muito escroto; porque eu acho que a imprensa, no que teve um pouco mais de abertura, partiu para uma série de campanhas muito justas, mas também andou cometendo algumas picaretagens. Aquele livro daquele rapaz, por exemplo (Porque Cláudia Lessin vai morrer, de Luís Valério Michel), eu achei uma tremenda picaretagem, porque ele coloca o problema da droga de uma maneira totalmente errada. Por exemplo: qualquer morador de Ipanema sabe que da Niemeyer ao Arpoador a praia inteira tá fumando maconha; e todo mundo sabe que muita gente do meio artístico se droga, e sempre se drogou. Então, isso não é uma coisa específica do setor mais comercial do cinema brasileiro. Eu acho que essas coisas coincidiram e houve uma campanha contra o filme.

Acontece também que eu não tenho uma postura "autoral", "artística"; faço filmes pra massa, pro consumo. O problema é que eu faço uma puta pesquisa de linguagem, porque fazer um filme que seja coerente comigo e que, ao mesmo tempo, atinja o grande público, é, no mínimo, uma experiência de vanguarda. Há também o fato de que a maior parte da crítica não tem uma formação mais moderna, enquanto eu sou formado a partir do **pop** pra cá. Então, tou cagando e andando pros clássicos do cinema, pra esse tipo de postura.

Eu acho que 90% dos filmes que se faz no Brasil são absolutamente medíocres, principalmente os chamados "filmes de arte". Mas o fato é que quando a gente se dispõe a fazer uma coisa nova, as primeiras reações são sempre contrárias. Só levei porrada por causa de **Gente Fina**, mas, no caso de **O Bom Marido,** por exemplo, tive duas críticas ótimas em São Paulo, o que inclusive me surpreendeu. Já com **Os Embalos,** dá pra sentir que a reação tem sido muito melhor.

Então o negócio da pornochanchada também é de certa forma uma coisa que eu assumo — quer dizer, da mesma forma que eu faço um filme citando a pornochanchada, poderia estar fazendo um **western** nos Estados Unidos citando o western; é um termo típico e popular, que o povo curte e gosta, e não é atôa. O fato é que a maioria dos intelectuais tem um certo pudor de assumir a coisa cafona nossa — quer dizer, a própria brasilidade — Por exemplo: Roberto Carlos só passa a ser aceito depois de citado por Caetano. Esse tipo de processo (daqui a pouco as pessoas vão descobrir Sidney Magal): determinados tipos de fenômenos de cultura popular recente, que não são o candomblé, as escolas de samba — porque isso tudo já perdeu o sentido social-comunitário, passou a ser cultivado pela elite, virou uma coisa morta e acabada —, fenômenos como a pornochanchada, por exemplo, são rejeitados pela elite, porque perturbam, porque têm a ver com a atualidade.

O Jean-Claude Bernardet, na crítica que faz ao **Bom Marido,** ressaltou que a pornochanchada era o cinema típico da fase do "milagre brasileiro"; quer dizer, este gênero estava falando de uma coisa sobre a qual todas as manifestações artísticas no país tinham passado por cima sem se dar conta. Então, eu não me incomodo quando me acusam de fazer pornochanchada. Entre outras coisas porque eu sou uma pessoa de tal nível que, mesmo querendo, não poderia fazer pornochanchada: falo três línguas, tenho educação universitária, sou fino de berço, en-

André de Biase, o ativo Toquinho

de. E eu não tenho moralismo nenhum em relação à prostituição do corpo; é apenas mais uma forma de prostituição; um operário de uma fábrica: ele fica dez, doze horas por dia apertando quanto a pornochanchada mesmo é outra barra. Quer dizer, no fundo é um problema emocional: porque o sexo no cinema brasileiro agride muito mais, está mais perto da gente.

Lampião — **De qualquer maneira, na pornochanchada, é outro gênero.**

Calmon — Mas mesmo sendo outro gênero: porque a realidade do comportamento sexual do brasileiro é aquele da pornochanchada. Tem muito mais a ver com a realidade. Por exemplo: o cinema novo é misógino; o cinema novo odeia mulher; o cinema novo tem um forte componente guei, em seus filmes a mulher sempre representa o lado mais conservador no processo revolucionário. Tinha até uma piada que a gente fazia, logo depois de 1964: nos filmes de cinema novo, nas cenas de amor era sempre a mulher quem ficava por cima. O cinema novo era misógino porque o brasileiro é misógino. Eu acho que o brasileiro tem um componente cultural guei muito forte — negro, índio —, e que é uma outra realidade: quer dizer, a amizade masculina é onde você joga o afeto, a ternura, enquanto a relação com a mulher tem um lado mais careta do casamento, e tem a relação com a puta: a mulher é desprezada. Quer dizer, a pornochanchada descreve isso, esse tipo de comportamento de uma maneira claríssima.

Lampião — **Você acha então que as pessoas ficam chocadas só por este tipo de clareza?**

Calmon — Sim, porque é tudo uma puta hipocrisia. O que me agride na pornochanchada é o fato de que ela é artesanalmente muito grosseira. Se bem que tem um ou outro filme interessante. Eu acho, por exemplo, que um cara capaz de bolar um título como **A Ilha das Cangaceiras Virgens** é um gênio, um inventor! Pensa bem. Ele não seguiu nenhum, parâmetro. Porque o cinema brasileiro entrou pelo cano por causa desses festivais de Cannes, de Veneza. Cada amigo meu que foi a um deles voltou com um bruto complexo de inferioridade e começou a odiar o país. Eu passei uma semana no festival de Cannes, odiei, voltei e nunca mais saí do Brasil. Pode ser um lado provinciano meu, mas também tem o lado que eu saquei de que as pessoas ficam colonizadas; quer dizer, você passa a ter o padrão de fora. Claro, eu acho que a pornochanchada é escrota, é reacionária, é moralista e segue o sistema, embora ela represente o que eu disse antes; agora acho também que um cara como eu, ao fazer filmes citando a pornochanchada, já representa uma sofisticação do gênero.

Lampião — **Mesmo sem ter trabalhado nele como se fosse um projeto seu, você tem um certo amor por este filme, não é? Acha que ele é um filme especial.**

Calmon — Acho. Mas eu tenho alguns projetos meus. Por exemplo: **Galeria do Amor,** que seria um filme sobre os michês. Aliás, meu título para **Os Embalos de Ipanema** era **Amei um Michê**; mas o Rovai não aprovou, disse que a palavra "michê" não era conhecida nacionalmente; no Norte ninguém sabia o que era. Aí eu sugeri **Amei um Xibungo;** também não deu. Agora eu acho que o primeiro título também não foi aprovado pelo profundo moralismo dos exibidores, que embora façam pornochanchada, acham que algumas coisas agridem muito. O título que ficou não é o meu título, mas é um título que comercialmente ficou perfeito, porque vende o filme em qualquer lugar do Brasil: **Ipanema** já é um mito, e **embalos** tem uma marca.

Mas título pra mim já não é mais **aquela coisa.** Porque o problema é que no Brasil tem muita gente que faz filme sem saber porque tá fazendo, mas por uma satisfação pessoal sem pensar no consumo. Eu sou um cara que já dei minha contribuição pessoal para o **underground** e a vanguarda. Atualmente o que estou querendo fazer é cultura de massa. Você, vê o fenômeno John Travolta; ninguém no Brasil pode esculhambar com ele, em primeiro lugar porque aqui não se faz filme para adolescentes; se o pessoal que faz cinema não se preocupa com o público, não pode reclamar da influência do gosto externo.

Então nessa parte, a minha experiência com Rovai foi riquíssima mesmo. Uma vez eu até dei uma entrevista pra Miriam Alencar na qual disse que meu **master degrée** foi com Rovai; foi sim; não que eu tenha virado um capitalista, porque inclusive não ganhei dinheiro com os filmes que fiz; mas como proposta artística mesmo, porque essa preocupação com o gosto do público me enriqueceu. Você tem que fazer um filme não apenas sobre os problemas brasileiros, mas também ligado à realidade das pessoas que vivem neste País.

Lampião — **Tem outro aspecto interessante no teu filme. Hoje em dia o que mais se vê no Brasil são filmes sobre jovens. Só que os jovens, nestes filmes, parecem muito velhos.**

Calmon — Claro. São filmes feitos por pessoas de mais de 30 anos, sobre pessoas de mais de 30 anos.

Lampião — **Nos "Embalos", no entanto, os jovens são realmente jovens; falam a linguagem deles, estão envolvidos com problemas que os jovens costumám enfrentar hoje em dia.**

Calmon — Claro. Eu inclusive adoro isso, porque faço uma linha um pouco jovem pra idade que eu tenho... Mas não posso negar que houve uma contribuição enorme do André de Biase e também de Zaira Zambelli, a atriz que faz a mocinha Zonal Sul. Os dois são de Ipanema, tem uma vivência muito grande e me ajudaram bastante a dar esse tom ao filme. Tudo isso além do talento inato que eles têm como atores.

Lampião — **O filme tem inclusive uma seqüência antológica: aquela em que os dois queimam fumo dentro do carro, e que, infelizmente, foi censurada.**

Calmon — É. Aquela eu escrevi inteira. Sim, porque tem também toda a minha vivência de Ipanema colocada nesse filme. Eu tinha 15 anos quando vim de Manaus, passei um ano no Leblon e depois fui morar em Ipanema.

Mas voltando aos meus projetos. Além do **Galeria do Amor**, eu tenho um outro, chamado **Imitação de Cristo**, pra exorcizar meus fantasmas amazônicos: é um filme sobre o padre Burnier, o projeto Jari, a ocupação da Amazônia, etc... Já se fez muito filme sobre multinacionais no Brasil, mas tudo na base da alegoria; eu quero fazer um filme político, mas que seja um grande espetáculo. Quero fazer um filme sobre discoteca, censura 14 anos. Porque eu acho que a discoteca adapta à era eletrônica, tecnológica em que a gente vive, toda uma transa de juventude — do namoro, da paquera, da esfregação, do apelo sexual, e então a gente não pode negar a discoteca só na base da xenofobia.

Lampião — **Seria "Os Embalos" o primeiro filme guei brasileiro?**.

Calmon — Bom, eu queria falar sobre os homossexuais que aparecem no filme: tem aquele que vive na praia, à espera de que surja um grande amor, e que acaba sempre vítima das **mordidas** da garotada (**o ator é Carlos Prieto, numa seqüência rápida mas genial**); tem a "fada madrinha", que é o gerente do hotel; tem o "entendido", o Paulo Vilaça, que é ao mesmo tempo o que corrompe o garoto mas o que lhe acrescenta ensinamentos para se movimentar e sobreviver no mundo corrupto em que vive; e tem Dona Flora....

Lampião — **Mas ela é uma mulher, é a Gracinda Freire!**

Calmon — Nunca! D. Flora é uma bicha. Virou mulher no filme porque seria difícil fazê-la passar pela censura enquanto homossexual. Mas eu filmei toda aquela parte da arregimentação dos garotos no hotel pensando num travesti. Inclusive é a primeira vez que eu digo isso publicamente, mas é verdade.

Lampião — **Pois olha, no filme tem mais um homossexual: é o Das Bocas, o personagem do Roberto Bonfim. Aquele ex-guarda-vidas que arranja garotos pros entendidos endinheirados da praia? Ora, a gente manja o tipo...**

Calmon — E ele existe. É uma figura muito conhecida...

Lampião — **Bom, agora você está às voltas com outro projeto, que também não é seu, mas de Jece Valadão: "Eu matei Lúcio Flávio". É um filme sobre Mariel Mariscot, que, aliás, é um dos mitos do povo guei.**

Calmon — Na minha cabeça ele é um filme de ficção, e Mariel renega qualquer tipo de aproximação com o povo guei que lhe tenha acontecido. Bom, o Mariel do filme é pura ficção; é apenas um veículo para o estrelato de Jece Valadão, que eu considero um dos poucos mitos do nosso cinema, porque ele é o arquétipo do macho brasileiro; é o cafajeste, o cara que bate na mulher, etc., embora na vida real seja uma pessoa gentilíssima, que nada tem a ver com isso. E claro, o filme é também um pretexto para falar dos anos Médici: a história de um cara que foi guarda-vidas, leão-de-chácara, segurança de Ministro, escola de polícia, homem de ouro, envolvido com o Esquadrão da Morte, pistoleiro no Paraguai e preso na Ilha Grande. Quer dizer: uma trajetória incrível. O que me preocupa é glamurizar esse personagem; ou seja, no final, sairá um filme vagamente inspirado em Mariel Mariscot. O que eu tou curtindo mesmo é filmar com Jece Valadão; porque eu vejo Valadão no cinema desde que me entendo por gente, e ele agora está vivendo o seu momento mais bonito.

FERNANDO GABEIRA FALA, AQUI E AGORA, DIRETAMENTE DOS ANOS 80

Fernando Gabeira vocês manjam: ele foi um dos ativistas políticos responsáveis pelo seqüestro do embaixador norte-americano Burke Elbrick, nos idos de 1969. Metralhado e preso meses depois, sofreu horrores em diversas prisões, até ser trocado — junto com outros presos — por outro diplomata seqüestrado. Banido, ele viveu durante dez anos fora do país — entre outras profissões, foi porteiro da noite do Hotel Cristina, em Estocolmo —, até ser beneficiado pela anistia.

De volta ao Brasil, Gabeira foi recebido por todo tipo de gente — desde os amigos incondicionais aos companheiros de luta, passando pelos que, durante todo esse tempo, esperavam que ele, ao voltar, assumisse uma postura "a Tiradentes". Para surpresa destes, Gabeira não chegou como um **passionário**, a exigir seus direitos e a dizer que vinha disposto a reaver os dez anos que tinha perdido; simplesmente botou uma tanga sumaríssima e foi para a praia; depois, matriculou-se no curso de dança de Klaus Vianna, e anunciou, a alguns perplexos companheiros de luta, que no exílio havia descoberto, entre outras coisas, que gostava do próprio corpo, e que tinha direito ao prazer; coisas que LAMPIÃO vem dizendo há algum tempo, para escândalo da esquerda ortodoxa (aliás, chamada por Gabeira, nesta sua nova fase, de "esquerda de Neanderthal").

Segundo Gabeira, nestes dez anos o carrossel deu uma volta completa, e agora está se preparando para começar uma outra; e ele, mal retornou, tratou de procurar sua turma, para embarcar, mais uma vez, no enbalo do carrossel. Só que agora o carrossel parece um carro alegórico; e neletambém embarcamos nós, para esta viagem monumental pela década de 80.

não se pode esperar 70 anos para ter um orgasmo

Quando LAMPIÃO decidiu entrevistar Fernando Gabeira, eu me propus a fazer tudo, por ter com ele amigos comuns. Os contatos foram feitos num sábado à tarde, na praia de Ipanema. A entrevista foi realizada dia 15, pela manhã. Na mesma tarde, eu descobri um defeito no gravador que inutilizou tudo e quase me provocou um colapso, de tanta raiva. O remédio foi partir pra outra entrevista, dia 16 à noite, quando foi tentada uma reencenação da primeira. Participaram, além de mim, Mirna Grzich (que também me facilitou o acesso a Gabeira) Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Adão Acosta (só na reencenação do dia 16) e Paulo Martins(que também é o autor das fotos).

Qual o interesse do LAMPIÃO em entrevistar um ex-guerrilheiro? Aparentemente nenhum. Mas quando esse ex-guerrilheiro se dispõe a falar sem censuras de homossexualismo, feminismo, negros e índios — temas que, na época em que ele estava na clandestinidade, não figuravam entre os que considerava prioritários —, o caso muda de figura. Temos a certeza de estar publicando uma das entrevistas mais importantes do ano — que escandalizará os puritanos da esquerda e da direita. Com a palavra Fernando Gabeira, que é agora, como nós, um guerrilheiro da sexualidade. (**João Carlos Rodrigues**).

João Carlos — **Eu queria saber sua opinião sobre as relações entre os movimentos de minorias — negros, mulheres, homossexuais, índios — com a esquerda, que costuma desaconselhar esses movimentos, sob o pretexto de que existe uma luta maior, da libertação do povo etc...**

Gabeira — Eu tenho tentado entender essa questão também, as dificuldades nas relações entre os movimentos assim chamados de minorias e a esquerda; assim chamados porque com o tempo a gente percebe que eles não são exatamente de minorias — as mulheres são, por exemplo, metade do país, os negros não foram recenseados, mas são um número muito grande etc... Eu tento explicar este problema da seguinte maneira: a esquerda vê todas as questões em torno da tomada do poder; a partir daí ela desenvolve uma tática, uma estratégia; para ela, todas as lutas, todo o conjunto de lutas que a afastem da concentração de forças nas questões que a conduzem imediatamente à tomada do poder são consideradas inoportunas...

Francisco — **É esta a chamada luta maior...**

Gabeira — ... Então, ela coloca sempre uma objeção à luta das minorias: "Nós não somos contra", diz ela; "só achamos que é inoportuna, que, no momento, divide o movimento popular e fortalece o adversário". Mas eu acho, também, que essa posição no interior da esquerda está sendo modificada. Ontem mesmo eu vi a entrevista de uma companheira que voltou da Suécia; ela reclamava dessa posição da esquerda, em relação ao feminismo, ela dizia assim: "Não há mais possibilidade de você jogar com a fome". À acusação de que as pessoas que se dedicam a estes movimentos de minorias esquecem a fome de metade da população do Brasil, o que se deve responder é que elas levam em conta não só esta fome, mas também outras categorias de fome que a esquerda — pelos livros que ela leu, pelos clássicos em que ela aprendeu — não leva em conta: a fome de amor, por exemplo; ou a luta pela superação da solidão, pela felicidade das pessoas. Nós achamos que essas lutas são da maior importância.

Aguinaldo — **Nós, quem?**

Gabeira — Principalmente estes setores da esquerda que estão saindo de uma experiência de exílio. Me deixa colocar essa questão de um ponto de vista teórico: enquanto marxistas, enquanto pessoas que acreditam no marxismo, nós estamos progressivamente fazendo uma crítica da própria teoria marxista, porque sentimos que ela, em muitos aspectos, era falha. Por exemplo, ela é falha na medida em que não conseguiu de maneira alguma abordar questões que o tempo mostrou serem de suma gravidade, como balanço ecológico; o marxismo não conseguiu criar uma consciência ecológica, não desenvolveu, dentro de sua teroria, nenhuma perspectiva social que pudesse abordar esse problema. Os países onde existe o socialismo real também não resolveram a questão do equilíbrio ecológico de uma maneira diferente dos países capitalistas.

— A outra questão teórica, que a gente foi sentindo no interior da própria esquerda, e que nos levou também à compreensão maior dos chamados problemas das minorias, é a questão das minorias étnicas, da especificidade de cultura dessas minorias étnicas; e da necessidade de respeitar suas lutas e suas autonomias.

João Carlos — **Stalin foi incumbido de teorizar a respeito de minorias nacionais no interior da União Soviética, e o resultado é que várias delas foram exterminadas...**

Gabeira — Exatamente. A terceira questão teórica foi a seguinte: nós trabalhávamos, dentro do marxismo, com um livro sobre a questão das mulheres, que é "A Origem da Família e da Propriedade", de Engels; ele nos dava a visão de que a luta das mulheres era uma luta de classes, e que a solução da luta de classes solucionaria também a questão da dominação da mulher pelo homem. Mas, com o tempo, a gente foi percebendo que nosso horizonte teórico era muito limitado; ele não abrangia o fato de que a opressão da mulher pelo homem é uma opressão específica, que não se resolve só na questão da luta de classes.

— Uma vez que nós chegamos a essa compreensão, pudemos ir mais além, até a compreensão maior de que a luta das mulheres deveria e poderia ser organizada fora do contexto dos partidos políticos, independente deles, já que a transformação estrutural da sociedade não ia resolver o problema das mulheres. A prova disso também está no chamado socialismo real, onde houve a transformação estrutural da sociedade, mas, num certo sentido, a opressão da mulher pelo homem continua a existir.

Adão — **E quanto ao homossexualismo?**

Gabeira — Quanto a essa questão, não havia, no horizonte do marxismo, nenhuma formulação interessante. Aí, o que se colocou para nós foi observar o movimento dos homossexuais, e tentar entendê-lo com a perspectiva do marxismo. E, pra mim, o marxismo só poderá abordar esta questão na medida em que entender que o movimento homossexual coloca uma das lutas mais conseqüentes contra a sociedade patriarcal, representa um dos questionamentos mais profundos da sociedade patriarcal burguesa.

Aguinaldo — **Me perdoe insistir; mas quem é, dentro da esquerda, que vê as coisas dessa maneira?**

Gabeira — É a esquerda que viveu no exílio e, num certo sentido, teve oportunidade de se chocar com posições diferentes no exterior, sobretudo na França e na Suécia.

João Carlos — **Quer dizer: você e alguns companheiros seus. Não é muita gente, não é?**

Gabeira — Bom, essa evolução de que eu falei não significa que a esquerda já esteja preparada para viver, para desenvolver este problema; existem vários preconceitos de parte da esquerda em relação ao movimento dos homossexuais, como existem vários preconceitos dos homossexuais — alguns não de esquerda — em relação aos movimentos de esquerda. Eu acho que estes preconceitos são justificados de parte a parte. No lado dos homossexuais, por exemplo, são justificados na medida em que o chamado socialismo real significou, em muitos países, uma repressão efetiva do movimento homossexual.

João Carlos — **Não só do movimento; da prática homossexual também.**

Francisco — **Mas essa repressão sempre houve, existiu em todos os países; em todos os regimes, de direita ou de esquerda, as bichas sempre dançaram. E é neste ponto que eu queria chegar; se há possibilidade, no momento, de a esquerda evoluir a um ponto de poder aceitar totalmente essa opção homossexual.**

Aguinaldo — **Existe, no momento, um lugar para essa opção homossexual dentro de um regime de esquerda, de uma sociedade socialista? A possibilidade de a esquerda reconhecer essa opção, e de entendê-la como legítima no contexto de uma sociedade socialista, já que uma sociedade socialista implica na realização de todas as potencialidades, de todas as aspirações do ser humano?**

> **A gente não pode impedir que as pessoas tenham a felicidade possível aqui e agora. Isto seria mistificar**

Gabeira — Não só existe essa possibilidade, como existe uma posição diferenciada nos países comunistas europeus a respeito do problema. Eu observo, por exemplo, que o Partido Comunista Sueco é um dos exemplos dessa evolução: um dos elementos fundamentais de sua composição nas demonstrações de 1º de maio é a presença do movimento pela libertação sexual, que é exatamente o movimento dos homossexuais, tanto masculinos como femininos.

Francisco — **Uma espécie de Fla-Gay da Suécia...**

Gabeira — É isso. Então, se um dia este partido comunista chega ao poder, depois de desenvolver estas relações com o movimento homossexual, depois de utilizá-lo para denunciar a hipocrisia da sociedade patriarcal burguesa, ele não teria condições de voltar atrás, a não ser que reprimisse suas próprias forças, liquidasse as próprias forças interessadas no socialismo.

Aguinaldo — **É, mas na América Latina a coisa deve ser mais difícil. Afinal, por aqui o símbolo da revolução sempre foi o Hombre, com sua boina, sua barba e sua potente arma na mão...**

Gabeira — Sim, mas isso é uma coisa que, com o fracasso da experiência da guerrilha aqui no continente americano, com o período da contra-revolução, que começou na queda de Allende, passou a ser contestada. Quer dizer, foi colocada em xeque a idéia do símbolo portador dessa revolução, que é o macho. Na medida em que a própria idéia da revolução vai-se tornando mais elástica, vai-se tornando mais flexível, o símbolo da revolução também vai se transformando. Hoje, já é possível entre os revolucionários compreender que um homossexual é um revolucionário, coisa impossível de compreender no princípio da década.

João Carlos — **Explica melhor: como foi possível essa contestação deste símbolo, do machão revolucionário?**

Gabeira — Na medida em que os períodos de contra-revolução são os períodos em que as chamadas questões sociais amplas dão lugar à colocação de questões pessoais; na esteira da colocação dessas questões pessoais é que surgiram realmente os movimentos dos homossexuais e das mulheres, na medida em que as pessoas reconheciam que a situação social estava difícil, mas que elas tinham uma frustração pessoal delas, e que essa frustração pessoal também era política, é que esses movimentos ganharam força. Não só força, como também um estatuto, uma presença e, digamos assim, uma legitimidade, no campo das forças que contestam de alguma maneira a sociedade patriarcal burguesa.

— Neste sentido, acho que o período histórico que a gente vive é muito rico, pois o homossexualismo e o feminismo, enquanto movimentos, se impõem ao nível da esquerda. Tanto que a discussão já nem deveria ser esta — se a esquerda aceita ou não; o que deveria se colocar para ela é qual a atitude que ela vai tomar no seu apoio a estes movimentos, que tipo de apoio ela vai dar.

João Carlos — **Eu não sei se isso é válido para o Brasil. Ainda no ano passado, durante um debate sobre minorias na USP, alguém levantou a velha tese de que "não há homossexualismo na classe operária"...**

Adão — **... Que o homossexualismo é uma conseqüência da decadência da burguesia...**

Aguinaldo — **Você acha que a discussão deveria ser em torno do tipo de apoio que a esquerda deveria dar a estes movimentos; em sua opinião, que tipo de apoio seria?**

Gabeira — Eu acho que não é incentivar a formação de um partido político, por exemplo, o Movimento dos Homossexuais Comunistas, ou Partido dos Homossexuais Social-Democratas, mesmo porque o movimento homossexual é muito mais amplo do que um partido político. Assim, o que se coloca para os partidos políticos é a solidariedade a esse movimento, sem tentar de nenhuma maneira dominá-lo — e a mesma coisa é válida para o movimento de mulheres —, nem dizer o que ele deve fazer. Quer dizer, entender que estes movimentos têm sua lógica, têm sua dinâmica e compreendem o movimento operário de uma forma progressista e inteligente; e que eles colocam em suas perspectivas, também, a melhor maneira de contribuir com o movimento assim, chamado popular.

— O que se deve evitar em relação a estes movimentos é o paternalismo, é aquela história de chegar e dizer, "nós temos uma experiência, queremos transmitir a experiência pra vocês", e, através da transmissão dessa experiência, tentar de alguma maneira manipular estes movimentos. A pior coisa que pode acontecer é não entender a autonomia, o dinamismo desses movimentos para melhor apoiá-los. Agora isso não significa de maneira alguma que a esquerda que tem alguma experiência no campo não vai transmitir sua experiência; apenas, essa transmissão terá que ocorrer de maneira desinteressada.

— De qualquer modo, fica muito difícil enquadrar aqui no Brasil, dentro de um partido, o movimento das mulheres, o movimento ecológico, o movimento dos homossexuais; porque a verdade é que todos eles criticam a sociedade num conjunto, incluindo a política — quer dizer, eles são, também, uma crítica à rigidez das estruturas político-partidárias; uma crítica aos líderes que sabem tudo, que dizem tudo e que controlam tudo.

Francisco — **Uma crítica a todos os autoritarismos...**

Aguinaldo — **A todo tipo de autoritarismo que permeou, neste 15 anos, todos os setores da vida brasileira...**

Gabeira — Então, nessa medida, se você tentar aplicar no interno desses movimentos a mesma lógica dinâmica dos movimentos populares, que estavam organizados de uma maneira rígida, de uma maneira assim inflexível, você, num certo sentido, vai se distanciar destes movimentos, porque eles são uma crítica, também, a essa maneira de fazer política.

João Carlos — **A gente sente um certo masoquismo nas pessoas que fazem política — e não só na esquerda —, essa mania de achar que a política deve ser uma coisa séria, uma coisa feia...**

Gabeira — Bom, no caso da esquerda, eu já falei que ela tinha uma estratégia cujo objetivo era a tomada do poder. Assim, sempre que se colocava a questão da nossa felicidade aqui e agora, a resposta era sempre esta: "Não pode haver nenhuma felicidade enquanto não se tomar o poder". Sua maneira de compreender a evolução da sociedade implicava, também, em transportar para as calendas todas as possibilidades de felicidade e de renovação. Ora, eu acho que se a gente deve fazer agora e, na medida do possível, desenvolver essas opções para que, quando existir efetivamente uma tomada do poder, a gente já esteja desenvolvendo, ainda que embrionariamente, uma nova maneira de ver o mundo, uma nova maneira de viver o mundo.

— A nossa esquerda anterior ao movimento armado era formada no stalinismo; quer dizer, era uma máquina de fazer política, porque o stalinismo era realmente a máquina de fazer revolução; isso dava margem a uma concepção de luta armada, e a concepção de luta armada implicava, também, numa rigidez muito grande, porque era necessário organizar-se e estruturar organizações à imagem e semelhança de pequenos exércitos. Essa lógica e essa dinâmica militares eram comunicadas à própria concepção do mundo. Vem daí a tristeza das demonstrações de esquerda, igualzinhas às paradas militares, onde tudo funciona com a precisão de um relógio, sem lugar para a alegria, as cores, a música, o **show**, o **happening**, coisas que seriam entendidas como um furo na sua organização, que deveria funcionar como um exército cientificamente investido.

— Essa é uma das explicações para a tristeza da esquerda; outra é a sublimação. Uma vez que ela coloca como questão fundamental a solução dos problemas sociais, ela se dedica apenas a estas. Mas acontece que existem outros também. E na medida em que as estruturas da esquerda não levam isso em conta, as pulsões, as tensões acabam explodindo na própria luta política, que às vezes se mostra cheia de paixão, de emoção não declarada.

— A conseqüência disso — eu procuro colocá-la em meu novo livro, "O que é isso, companheiro?" — é a ausência de uma psicologia marxista, de uma compreesão psicológica pelo marxismo. A esquerda compreende muito bem as questões sociais, acha que existem problemas pessoais, mas não vê ligações entre uns e outros. Ela praticamente separa o real em duas partes: se apossa da luta social pública, mas joga a luta pessoal para uma terra de ninguém.

Mirna — **É por isso que é possível, para um homem da esquerda ser ao mesmo tempo um batalhador pela transformação social e um machista.**

Gabeira — Para um homem da esquerda ortodoxa, sim. Nesse sentido, eu acho que a esquerda que não compreende a questão das lutas que nascem das necessidades pessoais está muito mais próxima das forças conservadoras do que os movimentos, que surgiram por aí, colocando estas questões. Quer dizer, ela é muito mais conservação, muito mais repressão. Basta ver como setores mais conservadores acabam dando uma resposta a estas questões. O homossexualismo, por exemplo, foi absorvido pelo capitalismo tardio, ele o considera já uma relação que pode existir sem inconvenientes, desde que colocada dentro dos limites do possível, dentro dos limites que não questionem a sociedade patriarcal. Ao fazer isso, as forças conservadoras vão muito mais adiante — mesmo dando uma resposta edulcorada a estras questões — que as forças de esquerda, as quais insistem em ignorá-las.

Aguinaldo — **Você acha que a direita, neste sentido, é mais contemporânea que a esquerda?**

Gabeira — Sim, na medida em que a direita compreende os problemas modernos e tenta dar uma resposta a eles, enquanto a esquerda simplesmente diz, "não, isso não existe no momento, isso não é oportuno". Como se você pudesse realmente dividir a realidade entre coisas oportunas e inoportunas.

Mirna — **Esta posição da esquerda ortodoxa é válida principalmente para o movimento das mulheres...**

Francisco — **E para os homossexuais...**

Mirna — **...E menos para o movimento negro.**

Gabeira — Eu acho que existe uma potencialidade muito mais explosiva na luta dos negros do que na luta homossexual. Mas a verdade é que, de um ponto de vista de moral, é onde a questão fica mais difícil para a esquerda tocar. Então, ela usa as categorias do oportuno e do inoportuno para dizer o que deve ser ou não adotado. Ora, se uma pessoa está pensando na sua felicidade sexual, ela não pode esperar 70 anos para ter um orgasmo quando a esquerda fizer a revolução; principalmente se ela percebe que esse tipo de esquerda vai levar a uma revolução que será um "bode" nesse campo. O homossexual coloca a questão da felicidade aqui e agora, entende? A gente não deve ser mistificador no sentido de prometer a felicidade, aqui e agora, sem as transformações das estruturas; mas também não deve ser mistificador impedindo que as pessoas tenham a felicidade possível aqui e agora.

Francisco — **Por que não lutar pelas duas coisas juntas — as modificações das estruturas e a felicidade particular de cada um? Por que não?**

Gebeira — Claro! Por que tanto sofrimento? Por que essa compreensão de que a luta política é um martírio? E por que essas caras de martírio que as pessoas às vezes têm? Será que não existe aí uma certa forma de satisfação sexual — quer dizer, este martírio não seria a resposta que algumas pessoas da esquerda dão às suas necessidades de satisfação sexual?

Aguinaldo — **Cruzes! Tudo isso é tão lampiônico!**

Mirna — **Você escreveu um conto no qual mostra como é que o pessoal no exílio, em contato com novas realidades, partiu de uma perspectiva machista para esta nova posição que você está expondo aqui. Quer falar desse conto pra gente?**

Gebeira — O personagem principal é um emigrante negro que é gigolô na Suécia; na medida em que ele começa a amar diferentes mulheres, ele vai descobrindo que elas transam uma relação diferente com o corpo dele, e tem o grande choque de sua vida quando descobre que seu pau não é importante para elas. Tem uma mulher que gosta dele, e que lhe diz: "Seu pau não é a coisa mais importante pra mim em você; por exemplo, eu gosto muito da sua bunda". Aí ele entra em crise, porque estava acostumado a só se identificar com aquela parte do seu corpo; e se ela não tinha importância para as mulheres, então ele também não tinha importância. Claro, ele sai dessa crise, e avança muito, passa a ver a mulher de um outro ângulo; e essa modificação do modo como ele vê a mulher faz com que ele também passe a se ver de outra maneira.

— Assim, ele atinge uma coisa que já está presente nos jovens suecos, assim como já está presente entre os adolescentes de todo o mundo, que é uma erotização de todo o corpo; na medida em que se avança ou que se questiona a sociedade falocrática, existe uma possibilidade maior, uma erotização maior de todo o corpo. Assim, as pessoas não necessitam de um pau pra fazer ninguém feliz, quer dizer, todo o corpo é um objeto erótico, e as pessoas se tocam em todas as partes. A esquerda decidiu voltar as costas à compreensão desse fenômeno ao nível de uma política sexual, dizer "não" a ele pra ficar com uma sexualidade cujo único objetivo é a reprodução. Porque toda a compreensão genital da sexualidade está diretamente ligada à reprodução, e na verdade é uma visão burguesa da sexualidade.

— Portanto, enquanto as pessoas evoluíam, neste sentido, através do "quebrar a cabeça", através de sua experiência no cotidiano, a esquerda se entrincheirava e se refugiava numa visão da sexualidade que é idêntica à da burguesia: a sexualidade voltada para a reprodução, na qual o prazer não tem tanta importância e a genitalidade é um elemento fundamental.

Mirna — **Também tem Freud nessa história toda, não é?**

Gabeira — Sim, porque alguns setores mais esclarecidos da esquerda se iniciaram na psicanálise e tentaram levar, pra sua visão de política sexual, algumas das teorias da psicanálise. Ora, uma das coisas difíceis que a gente viveu nesta década foi exatamente a compreensão da psicanálise sobre a mulher. A psicanálise dizia pra gente que a mulher madura era a genital; então, a gente achava que toda mulher que não fosse genital não era madura, não podia acreditar que as mulheres clitorianas tinham uma sexualidade igualmente válida e satisfatória.

— Há pouco, na revista **Esquire**, num artigo intitulado "Do jeito que a gente era", a esquerda americana deu um balanço semelhante a este que nós estamos dando. Tinha um cara lá que dizia, "a gente não sabia o que fazer com o clitóris das nossas amigas porque o Dr. Freud dizia que elas tinham que ser vaginais; então, o clitóris pra nós era uma coisa completamente perdida, inútil".

> **"O movimento homossexual coloca uma das lutas mais conseqüentes contra a sociedade patriarcal burguesa"**

Aguinaldo — **É, o drama todo tá aí: a esquerda formulou uma política para a classe operária, uma política para os trabalhadores do campo, uma política de alianças, uma política cultural...**

Francisco — **Mas trepar, que é bom...**

Gabeira — Como ela não formulou uma política sexual, acabou adotando a política sexual da burguesia. Neste sentido é que eu acho que existe uma grande importância nos movimentos das mulheres e dos homossexuais, no sentido de trazer à cena uma política sexual de esquerda, pois eles, no seu desdobramento, já seriam essa política, no meu entender.

Aguinaldo — **Uma das acusações que a esquerda, ou pelo menos setores da esquerda, fazem a LAMPIÃO, é a nossa "obsessão" em falar mal da esquerda, quando não é isso, nós estamos é cobrando dela essa política sexual de que você fala...**

Francisco — **É que a esquerda brasileira sempre foi formada por vaquinhas de presépio. De repente surgem esses grupos enlouquecidos, homossexuais, negros e mulheres, que não aceitam mais nada.**

Mirna — **Discordo da ordem.**

Francisco — **Não: a ordem é a seguinte: negros, mulheres e homossexuais. Nós partimos, naturalmente, dos negros que na América começaram a se...**

Mirna — **Sim, mas as mulheres já tinham começado na década de 50.**

Gabeira — Acho que vocês estão certos em cobrar da esquerda. Porque a relação entre esta e vocês deve ser sempre de questionamento mútuo. Não só é legítimo que o movimento homossexual cobre da esquerda todas as suas vacilações, suas omissões nesse campo, como é legítimo também que a esquerda cobre do movimento homossexual o que ela considerar que sejam vacilações ou omissões dele nas lutas sociais mais amplas. Vai ser uma relação árida, espinhosa, mas vai ser uma relação, e a esquerda ainda é o único setor social com o qual se pode discutir.

(Neste trecho da entrevista tem início uma discussão sobre como andam as relações entre os diversos movimentos — de negros, mulheres e homossexuais no Brasil; todos falam ao mesmo tempo, e o início da discussão, com isso, ficou prejudicado)

Francisco — **... As mulheres feministas no Brasil, por exemplo: quando se fala em "Bicha", elas dão um passo atrás.**

Aguinaldo — **Mas existem grupos que não pensam assim...**

Mirna — **Exato.**

Aguinaldo — **Francisco está falando do pessoal do Centro da Mulher Brasileira, que não são feministas, mas sim, esposas dos homens do MDB.**

Francisco — **E os negros, o que fizeram? Foram ao LAMPIÃO, e depois de uma semana não apareceram mais, ficaram com cagaço de se reunir com as bichas, de se misturar com eles.**

Aguinaldo — **Não apareceram os negros do IPCN, mas apareceram outros negros. Em São Paulo, o Movimento Negro Unificado não tem mais esses grilos.**

Gabeira — Bom, eles não são homossexuais, são negros. Os dois grupos podem fazer um trabalho, juntos, mas só até certo ponto, ou a partir de certo ponto. É muito difícil. É uma coisa que vai demorar anos.

Adão — **E é muito cedo. Não temos nem dois anos de LAMPIÃO. Não se pode querer juntar tudo de uma hora pra outra. Eu acho que não dá.**

João Carlos — **A repercussão daquele número especial de LAMPIÃO sobre os negros (nº 16) foi muito grande.**

Gabeira — Pra você ver como as pessoas podem mudar de posição sobre o assunto: dois rapazes, ex-integrantes do Dzi Croquetes, Rolando e Luís Antônio, que formam uma dupla em Paris, Les Etoiles, resolveram fazer um **show** pela anistia; e o Comitê Brasileiro pela Anistia, em Paris, disse que não queria porque eles eram homossexuais. Essa posição típica da esquerda provocou um imenso tumulto no interior da própria esquerda. Algumas pessoas diziam : "Mas como! Que absurdo! Se existe tanta ignorância no CBA sobre homossexualismo, então vamos discutir o assunto: vamos promover um debate sobre o homossexualismo". Houve então uma discussão muito acalorada sobre se este debate era oportuno ou não, e o pessoal que achava que sim foi majoritário, pois recebeu o reforço dos jovens estudantes que acabavam de chegar em Paris, e que não eram propriamente da esquerda, mas traziam uma posição muito mais leve em relação ao homossexualismo. Viu só como foi alterada a correlação de forças?

Aguinaldo — **Os jovens estudantes, é? Bem, a sociedade brasileira hoje é muito mais receptiva à discussão dessas questões do que antes.**

João Carlos — **Fenômenos como este da Fla-Gay, por exemplo, jamais aconteceriam no passado.**

Gabeira — São fenômenos importantes, eles mostram que existe um país novo, em gestação, que está explodindo aí, aos poucos. E dentro desse país novo existem novas forças políticas, dentro das quais o homossexualismo é considerável.

Francisco — **E a esquerda, evidentemente, não vai poder desconhecer pra sempre estas forças.**

Gabeira — Inclusive, minha opinião pessoal — acho que a esquerda não partilha desta posição — é que a própria idéia do **front** está alterada. Nas décadas de 30, 40, a esquerda pensava em **front** ligando as classes sociais — eram os clássicos **fronts** populares. Mas hoje o **front** se ampliou muito, porque surgiram novas lutas. A luta ecológica, por exemplo: hoje ela leva 200 mil pessoas às ruas nos Estados Unidos, 100 mil pessoas na Alemanha. E é uma luta internacionalizada — o cara, às vezes, vai fazer ima demonstração na Suiça, ou na Alemanha, ou no Sul da França, porque uma usina nuclear no Sul da França ameaça os três países. Aqui, por exemplo: se de alguma forma houver uma luta de questionamento da usina de Angra dos Reis e de toda a política nuclear no Brasil, ela vai se articular com a luta dos alemães, que protestam contra os que venderam tecnologia nuclear para o Brasil.

— Acontece o mesmo com o feminismo e com o movimento homossexual. Então, o que se coloca pra nós hoje, enquanto pessoas que estão na vida, é exatamente procurar estabelecer um **front** pela vida, que, a nível internacional, lute pela paz, e a nível de cada país, faça uma frente pela vida que engloba desde a luta do trabalhador até aquela dos que querem ter o direito à felicidade. Os **fronts** hoje são muito mais amplos do que aqueles **fronts** acanhados que o marxista-leninista propunha na década de 30. Se a esquerda não entendeu isso, pena: é uma pena. A gente vai fazer com que ela entenda de alguma maneira; e se ela não entender de forma nenhuma, surge uma nova esquerda, e ela perde a condição de esquerda.

Francisco — **Inclusive, nós do LAMPIÃO estaríamos, já agora, além da esquerda.**

Gabeira — Exato. Eu diria que hoje me identifico muito mais com LAMPIÃO do que com um jornal clássico marxista, porque, se ele é sensível às questões sociais mais elementares, ele é completamente insensível a outras questões. Então, hoje minha ligação é muito maior com vocês do que com os outros. Porque, veja você: o carrossel, de 1968 a 1978, deu uma volta completa. E agora ele está começando outra volta, e tem aquela história de a gente procurar nossa turma: novos companheiros estão ocupando os lugares do carrossel, novos **fronts** estão surgindo — a gente de esquerda procurando vocês, vocês procurando a gente de esquerda... São novas alianças, este é um momento de transição.

João Carlos — **De rebuliço.**

Gabeira — Porque na década passada houve uma diferença muito grande entre o pessoal que se lançou à luta política, os militantes, e o pessoal que só se preocupava com a própria felicidade, os **hippies**, etc... Mas agora não, chegamos a um ponto de convergência entre a militância e a felicidade, a militância e a vida. Já não são os movimentos guerrilheiro ou **hippie**, mas sim, uma coisa completamente nova. Esta convergência, no meu entender, vai formular uma vanguarda completamente nova.

Mirna — **Eu gostaria que você falasse da experiência individual dos homens que saíram do Brasil e que, lá fora, se defrontaram com um movimento feminista muito influente. O que aconteceu com eles, e tal.**

Aguinaldo — **Me parece que foi através dessa experiência que eles chegaram a esse estágio de compreensão das coisas que estão acontecendo agora.**

Gabeira — Antes eu queria falar de outra coisa que foi muito importante para o questionamento da visão que se tinha do militante, uma pessoa que jamais vacilava, que procurava ser rígida, dura e firme. Até nossos manuais contra a tortura: alguns deles recomendavam que a gente sorrisse, de uma forma bem sarcástica para o torturador, como se isso fosse possível... Foi compreendendo que a gente não era tão forte quanto imaginava que se chegou a uma compreensão de nossa própria força. A gente viu, por exemplo, na relação com a tortura, que era fundamental em certos momentos ceder para poder recuperar o fôlego em outros. Quer dizer, era tudo uma relação em que você era uma pessoa finita, limitada, não um super-homem. Esse "cair do cavalo" num certo sentido — a gente, na verdade, não era o super-homem que estava mais ou menos implícito naquela compreensão da luta armada — foi o primeiro baque, o primeiro caminho pra gente se voltar para os nosso mecanismos psicológicos.

— Outro aspecto que pesou muito foi este encontro com o movimento feminista. Porque entre nós, militantes da esquerda, havia uma superação apenas superficial do problema de divisão de tarefas — os homens formulavam as linhas políticas e as mulheres propagandeavam, era esta a divisão do trabalho...

Mirna — **E a principal fonte de queixas das mulheres...**

Gabeira — ... Ainda num nível de machismo. Quando eu saí para o exterior — porque vou falar da minha experiência pessoal —, passei a viver na Suécia como um anônimo, um operário, pobre, emigrante e de cabelo preto. Então, eu enfrentava a mulher sueca sem alguma das armas muito importantes que os homens têm nos outros países: a condição social superior, a fluência na conversa — eu estava lidando com um idioma que não era o meu —, etc.; então, a coisa era muito ao nível do olho, eu percebia que as mulheres suecas não estavam procurando só homens inteligentes...

Francisco — **Mas gostosos, também...**

Gabeira — Por que não? Os homens gostosos também. Quer dizer, as mesmas expectativas que a gente tinha aqui a respeito das mulheres, elas tinham a respeito da gente. Então, isso alterou completamente a estrutura, a relação de expectativa. Começei a me colocar as mesmas questões que as mulheres aqui na América Latina se colocam. Quando eu saía de casa, me perguntava: "Será que eu estou bonito? Será que ela vai gostar dessa roupa? Será que eu estou tratando bem do meu corpo?". Quer dizer, eu começei a me sentir enquanto corpo, e aí é que entra o outro nível de questionamento, bem mais profundo: é que a dominação que a gente exercia aqui sobre as mulheres alienava não só o corpo delas como também o nosso. E descobri que partes inteiras do meu corpo estavam paralisadas; eu tentava mexer a cintura e não conseguia, porque minha cultura me dizia que mexer cintura não é coisa de homem...

Francisco — **Você era ruim de cintura...**

Gabeira — Exatamente. Mas este questionamento não era colocado pelas minhas amigas suecas a nível pura e simplesmente de corpo, mas também de estrutura psicológica; elas questionavam também o meu racionalismo, o fato de que eu via o mundo com a cabeça, enquanto elas o viam com as emoções e o corpo: por que, se eu assumia meu corpo, não assumia minhas emoções? E por que não assumia desde logo as minhas qualidades femininas? Por que não deixava entrar o meu lado mulher? Então eu começei a fazer tudo isso, e foi como se nascesse de novo: descobri uma parte de mim que tinha sido alienada.

— E nesse processo surgiu um confronto com a esquerda, porque nós representávamos um símbolo; e dentro desse símbolo de coragem e luta havia todas as possibilidades de coragem, menos a de assumir o nosso lado feminino — a coragem era, ainda, uma arma masculina. Por exemplo: dentro da cadeia, a gente tinha uma idéia de que as mulheres e os homossexuais iam se comportar na tortura de uma maneira diferente da nossa. Mas, não. Em muitos casos, mulheres e homossexuais se comportavam de uma forma muito mais corajosa. Então, é claro que quando a gente assumisse o nosso lado feminino a gente ia crescer como pessoa, a gente ia dar uma passo adiante. Foi o que me aconteceu: na medida em que me estruturei assim e vivi assim, me senti muito mais amante e muito mais amado. E agora, aqui no

“O processo de libertação do negro, da mulher, do homossexual, é válido para eles e também para quem está do outro lado”

Brasil, eu sinto a resistência das pessoas que pensam como antes, mas sinto o estímulo e o amor das pessoas que mudaram, como eu — quer dizer, de um lado as pessoas que fazem política e que não aceitam a política do corpo, que não aceitam uma política emocional, e de outro pessias que aceitam,, que estimulam e tal. Eu não me arrisco a dizer que estamos absolutamente certos em relação às pessoas que ficaram do outro lado, só me resta dizer o seguinte: eu não consigo voltar atrás; porque quando você se despoja de uma atitude machista, não há caminho para trás.

Adão — **Agora eu queria saber qual a sua posição em relação ao negro.**

João Carlos — **Ao movimento negro.**

Adão — **Não só isto, não só ao movimento: a situação do negro de uma maneira geral; como você vê isso na sua volta? Acha que mudou alguma coisa?**

Gabeira — Eu costumo colocar o seguinte: na década de 60 meu rompimento foi com a minha condição de intelectual pequeno burguês que estava subindo na vida. Quer dizer, eu abandonei meu trabalho, as oportunidades que o sistema me dava, por uma opção política. Nesta década agora eu estou questionando as prerrogativas do meu sexo e da minha cor. Quer dizer, eu estou me questionando enquanto intelectual branco e enquanto macho. Esse questionamento está marcando a minha evolução, eu o considero um desdobramento da minha evolução, não porque eu o inventei em mim, mas porque a sociedade, no que ela tem de mais firme, de mais novo, me apresentou este questionamento como possibilidade.

— Na Suécia os meus grandes amigos eram os homossexuais e os negros, eram pessoas que tinham saído daqui de alguma forma acossadas, ou pelo racismo, ou pela repressão sexual, em alguns casos pessoas que sintetizavam nelas esta situação, porque são homossexuais e negros. Na Suécia eu vi a situação do negro de uma forma melhor que no Brasil; o simples fato de deixarem o Brasil permitia que vissem o racismo daqui muito mais do que antes. Antes de qualquer discussão, só em sair do país eles já se livravam dos mecanismos de atenuação, de mascaramento do racismo brasileiro, e então o compreendiam.

Aguinaldo — **O que é o primeiro passo para assumir a condição de negro.**

Gabeira — O que eles faziam a seguir: já não se vestiam nem se comportavam exatamente como os brancos queriam, como uma cópia em negativo dos brancos; transavam o cabelo deles, a roupa deles de uma maneira diferente. E começavam a se voltar pra sua própria cultura, entre outras coisas porque os europeus, quando queriam saber alguma coisa sobre a cultura brasileira, só perguntavam sobre as religiões negras, a música negra etc., coisas que, aqui, muitas vezes eles tinham que esconder. Num nível menor, eles compreendiam a necessidade de organização, e de repente os grupos de negros começavam a fazer reuniões semanais, a se perguntar qual a origem deles, qual a origem das populações negras no Brasil, de que parte da África vieram, coisas que nunca pensariam em colocar aqui.

— Uma outra coisa que estimulou muito esses negros brasileiros foi o contato com negros de outros países, que não viviam tão acossados pela repressão como aqui, ou que já vinham de outro processo de questionamento, como os negros americanos. Tudo isso provocou uma alteração neles. E na medida em que iam vivendo esse processo, que é um processo de libertação irregular, com altos e baixos etc., isso tudo implicava também num processo de libertação meu.

Aguinaldo — **Mas então, nesses anos todos de exílio, quem fez sua cabeça foram os representantes das minorias...**

Mirna — **O pessoal que estava lá enfrentando outro tipo de exílio, fugindo do estigma, da discriminação.**

Gabeira — É evidente. Na medida em que as mulheres suecas estavam vivendo um processo de libertação, elas me levavam nessa onda; na medida em que os negros passavam por outro processo, me levavam também. Quem vive com uma pessoa que está se libertando, só tem a lucrar. Por isso é que o processo de libertação do negro, da mulher e do homossexual não é válido apenas para estes grupos, mas também para quem está do outro lado da fronteira: é o processo de libertação do macho, é o processo de libertação do branco. Neste sentido eu aprendi muito, sou transformado por isto. Hoje sou não só um exilado político que saiu daqui, mas sou um produto também do movimento feminista e do processo de conscientização dos negros, que eu assisti na Europa. Sou um produto disso, apesar de não ser isso — que dizer, eu não sou eles, mas sou feito deles. Por isso é que estou perto, sou simpatizante da grande cena, entende?

Francisco — **Você disse que os homossexuais lhe deram também um esclarecimento neste sentido; aquele negócio de saber escolher a roupa, a dança...**

Gabeira — Os homossexuais me deram muito mais que isso. A primeira coisa foi o fato de eles já estar vivendo, na vida deles, as coisas que eu ainda não vivia; eles me deram o fato de que já eram pessoas muito mais liberadas do que eu; pra eles já não se colocava essa questão de assumir a parte feminina deles, ela já estava presente. O que eles fizeram realmente foi me dar a mão, foi dizer, "vem com a gente, que a gente está contigo".

Aguinaldo — **Fala mais sobre isso; parece que é por este caminho que vai se explicar o fato de você se sentir identificado com o movimento de libertação dos homossexuais.**

Gabeira — Eu explico melhor: no momento em que eu precisei saltar, quer dizer, deixar pra trás os velhos preconceitos, eles estavam junto dizendo pra mim, "salta, sim, que é importante". Eles eram meus orientadores, estavam comigo, me diziam: "Se você quer assumir a sua parte feminina, olha a gente já a assumiu, olha como a gente é feliz". Eles me ensinaram ainda mais; me mostraram, através da experiência deles, o quanto eu era uma pessoa reprimida; eles me ajudaram a chegar a uma nova compreensão do mundo, onde as relações masculinas podem ser aprofundadas sem nenhum medo, porque na medida em que não tenha consciência, não tenha visão desse teu lado feminino, você não consegue assumir suas amizades masculinas sem o medo de que elas venham a desembocar no sexo. Hoje as coisas são vistas de outra maneira: "e se desembocarem, e daí? Por que não?" Esse "por que não?" é que é uma pergunta revolucionária, pois no momento em que você começa a dizer isso, tudo bem: já não tem mais grandes grilos

Aguinaldo — **Pra fechar: o que você acha desse movimento que está surgindo por aí de solidariedade aos presos comuns?**

João Carlos — **Inclusive Macalé foi a Golbery pedir anistia para os presos comuns. Não é uma coisa muito simpática — as pessoas não vão aceitar que seja anistiado, por exemplo, um cara que matou 37 criancinhas... Como seria colocada a coisa?**

Gabeira — Não, seriam as pessoas condenadas por pequenos furtos, etc...

João Carlos — **E por que não aqueles que foram condenados pelo uso de drogas — os maconheiros, etc.?**

Gabeira — A tortura, a repressão aos presos políticos é apenas uma face muito pequena da repressão no Brasil. Porque a tortura aos presos comuns sempre existiu, e nós hoje temos uma tarefa muito importante de denúncia, em todos os níveis, dessa repressão. A primeira coisa a levar em conta é a questão da repressão mesma no interior das cadeias, quer dizer, a tortura e os procedimentos antidemocráticos no tratamento do preso comum, uma situação que a gente pode contribuir muito para alterar. A segunda coisa é levar em conta que os presos comuns vivem um processo de solidão que não é quebrado pela sociedade. E uma vez que nós somos políticos com uma nova compreensão do mundo, que a gente coloca a solidão como uma coisa a ser combatida, a gente tem obrigação de tentar tirá-los desta situação; é preciso fornecer de alguma forma aos presos comuns todas as possibilidades de eles romperem com o seu isolamento; talvez ampliando o campo de visitas, mantendo correspondência com eles, etc...

Mirna — **É o que está sendo feito em São Paulo...**

Aguinaldo — **Inclusive, nós do LAMPIÃO, publicamos matéria sobre isto no número anterior.**

Gabeira — A terceira coisa é um exame, através de LAMPIÃO, da questão do homossexualismo. Porque este nas cadeias, tal como o observei, ainda é um mecanismo muito violento, ele é sempre feito na base da dominação de um pelo outro, e normalmente essa dominação se dá em troca de uma proteção, o mais fraco é dominado pelo mais forte, etc...

Aguinaldo — **Bom, mas isso não tem muito a ver com o homossexualismo, e sim, com o machismo; os presos apenas reproduzem, dentro do seu universo, os padrões machistas aqui de fora...**

Gabeira — Mas uma vez que os presos se organizem a necessidade de proteção que leva a uma situação como essa vai-se alterar completamente. Não só ao nível individual, mas do coletivo deles.

— Uma terceira coisa tem a ver com a própria luta homossexual. Quando eu digo que no Brasil ela não deve reproduzir **ipsis literis** a luta em outros centros, eu explico por quê: no Brasil, muitos homossexuais são presos só porque são homossexuais pobres, e condenados a trabalhos forçados nos xadrezes. Quer dizer, estas pessoas estão sofrendo uma tríplice repressão: primeiro, estão sendo presas por causa de suas opções sexuais; segundo, por causa de um crime que não existe: e terceiro, porque são condenadas a trabalhar dentro da cadeia, sem nenhuma remuneração. Me parece que é por este caminho, de denunciar situações como esta, que o LAMPIÃO deveria enveredar. Porque ninguém jamais questionou a prisão desses homossexuais pobres, uma coisa rotineira, talvez porque, no subconsciente das pessoas, já existia a idéia de que o fato de alguém ser homossexual e pobre é suficiente para permitir que este alguém seja preso. Quer dizer, esta situação no interior das cadeias no Rio é muito irregular, é uma violência cotidiana que se pratica contra essas pessoas, que não têm muitas vezes a possibilidade de expressão. Nem sequer ocorre a elas procurar um jornal para denunciar isso: alguns, pelo fato de terem interiorizado a repressão, acham até que a polícia, ao fazer isso com eles, está certa...

Aguinaldo — **Que é um procedimento correto e normal.**

Gabeira — Exatamente. Quer dizer, se nós vamos desenvolver estas lutas no Brasil, tanto ao nível da ecologia quanto ao nível das mulheres, dos homossexuais, das minorias étnicas, etc., a gente tem que encontrar exatamente o que é de brasileiro nessa luta, o que é de específico na nossa luta. Esta questão dos homossexuais pobres: ela nunca se apresentaria, por exemplo, para os homossexuais suecos. No Brasil, no entanto, ela é o dia-a-dia, é o "café-com-pão" da nossa convivência nas cadeias: de um lado a violência interna nas prisões, do outro lado a violência da polícia sobre os homossexuais, e por último, a passividade das pessoas, uma certa sensação de que é assim e sempre foi assim, a ausência de escândalo. Essa é uma coisa que realmente...

Francisco — **É preciso mudar.**

Aguinaldo — **É a luta que se apresenta a nós, neste começo da década de 80.**

Gabeira — É isso: é a luta que nos aproxima e nos reúne, e que nos torna companheiros de viagem nessa nova volta do carrossel...

ESTES LIVROS FALAM DE VOCÊ

Suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

HOMOSSEXUALIDADE EM PERSPECTIVA
William Masters e Virginia Johnson
William Masters e Virginia Johnson
363 páginas, Cr$ 510,00
Um livro que é um resumo da pesquisa de mais de 20 anos, no famoso The Masters and Johnson Institute, sobre o homossexualismo (masculino e feminino). A primeira tentativa séria de saber, em vez de presumir, tudo sobre os aspectos psicofisiológicos da função homossexual. Dezenas de casos estudados, e o fim de um tabu: i prazer dos homossexuais não é menor que o dos heterossexuais.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 150,00
Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 120,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos.**
Ilustrações do autor.

A META
Darcy Penteado
99 páginas, Cr$ 120,00
"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

CRESCILDA E ESPARTANOS
Darcy Penteado
189 páginas como este, que fala tudo aberta e desafiantemente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 120,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 150,00
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS
Aguinaldo Silva
134 páginas, Cr$ 120,00
"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher".

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 100,00

Norma Bengell, Leila Miccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a opressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.
Um romance que é, também, um estudo sobre a sexualidade.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 100,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI.

João Silvério Trevisan
139 páginas. Cr$ 120,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome resumidos num livro escrito com suor e sangue. Nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

QUEDA DE BRAÇO
Vários autores
302 páginas. Cr$ 150,00
Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar: Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilto Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

os SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 140,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde autor os encontrou.

O FANTASMA DE CANTERVILLE
Oscar Wilde
140 páginas, Cr$ 110,00
De Profundis e Balada de Cárcere de Reading, dois dos mais patéticos depoimentos pessoais da literatura universal, juntos num livro que também reúne algumas das histórias mais espirituosas e brilhantes do autor. Um livro raro.

SHIRLEY
Leopoldo Serran

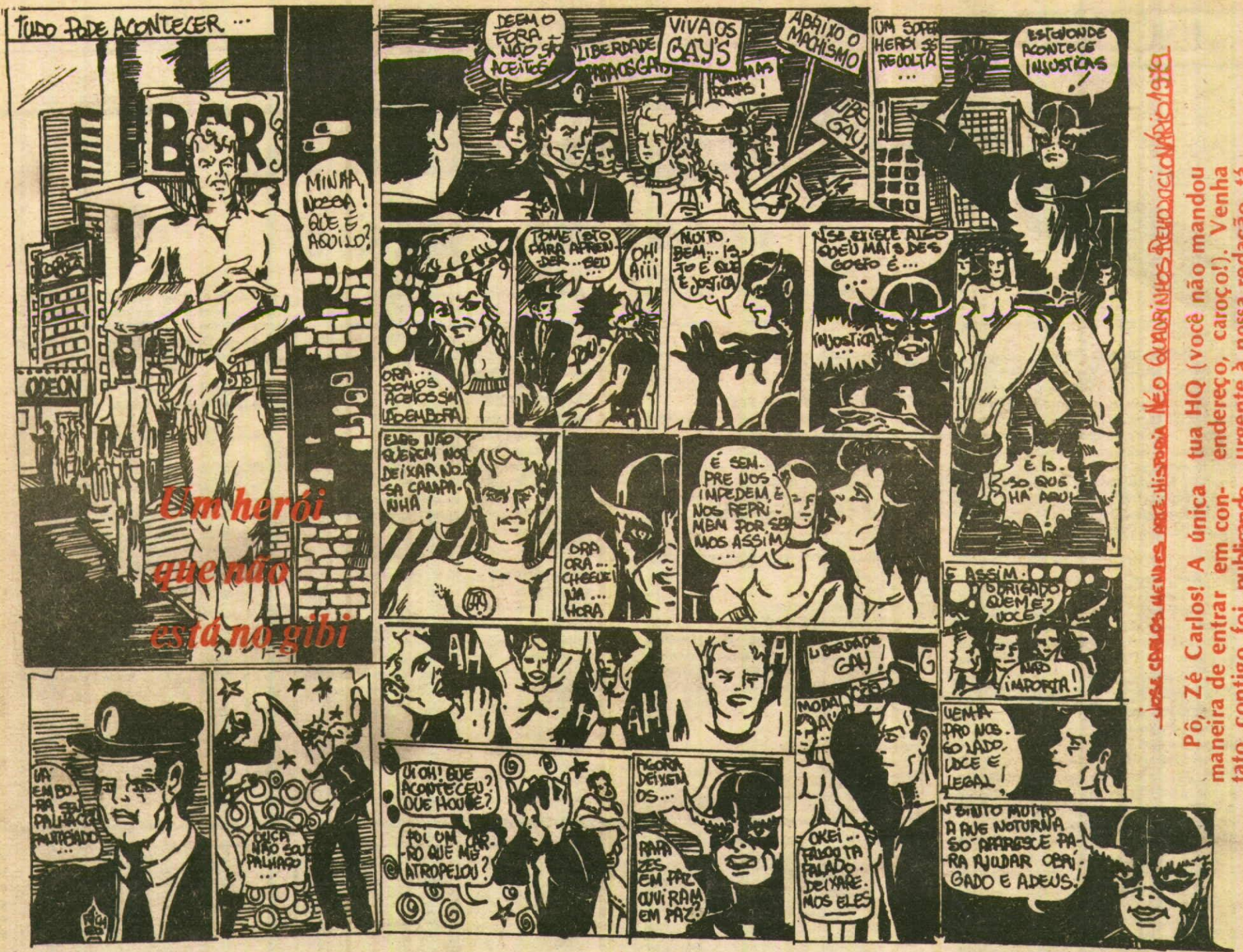
95 páginas, 110,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

RELATÓRIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA.

Michel Bon e Antoine d'Are

381 páginas, Cr$ 400,00
Mil homossexuais respondem a um questionário : são homens que se atraem, se amam, se invejam, se unem para o melhor e o pior, conhecem as alegrias e os tormentos do amor e querem integrar-se numa sociedade que ainda os difama, lança-os na prisão ou os desdenha.

COXAS
Roberto Piva
70 Páginas, Cr$ 85,00
Sex fiction & Delírios de um poeta louquérrimo: pornosamba para o Marquês de Sade, Bar Cazzo d'Oro, Antino e Adriano e outros poemas. As ilustrações são de Maty Vitart.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. Caixa Postal — 41031, CEP 20.000, Rio de Janeiro — RJ. Você só pagará quando receber o aviso do correio.

Um herói que não está no gibi

José Carlos Mendes arte: história Néo Quadrinhos Revolucionário 1979

Pô, Zé Carlos! A única maneira de entrar em contato contigo foi publicando tua HQ (você não mandou endereço, caroço!). Venha urgente à nossa redação, tá legal?